REVISTA DA SEMANA

NO TEXTO:

AVIÕES A JATO SÔBRE O RIO

SÃO JOÃO ESPETACULAR NA QUINTA



CRUZ

APRENDA NAS "Edições Segredo"

REVELAÇÕES E CONHECIMENTOS ÚTEIS ~ E NÃO ESQUEÇA:
UM LIVRO PODE RESOLVER O SEU PROBLEMA !!!

- Trovas e Modinhas Populares — 154 — 15,00
- Jiu-Jitsu sem Mestre — 129 — 15,00
- Método de Datilografia sem Mestre, Prático, Rápido — Nº 95 — 15,00
- Enguiços do Automóvel — Nº 138 — 15,00
- Modêlos de Cartas para todos os fins — Nº 90 — 15,00
- Manual do Motorista — Mecânica - Tráfego — Nº 36 — 15,00
- Manoel Macêdo — Cartas de Amôr — Nº 20 — 15,00
- Discursos para tôdas as Ocasiões — Nº 122 — 15,00
- Como se fazer Amar — Nº 23 — 15,00
- O Livro das Mágicas — Nº 63 — 10,00
- Regras de Etiqueta Social — 149 — 15,00
- Elimine o seu Complexo de Inferioridade — Nº 139 — 20,00
- Erros de Português e suas Correções — Nº 26 — 15,00
- Castro Alves — Os Escravos — Nº 121 - 10,00
- A Cozinha Nortista — Nº 86 — 10,00
- A Conquista Amorosa pela Aplicação da Psicologia Sexual — Nº 92 — 15,00
- Como Ler os Pensamentos — Nº 13 — 15,00
- Habilidades e Proezas da Juventude — Nº 137 — 15,00
- Luiz A. P. Victoria — Fala e Escreve Corretamente a tua Língua — Nº 27 — 15,00
- Segredos de Hollywood para a Beleza Feminina — Nº 33 — 20,00
- Métodos para Hipnotisar — 147 — 15,00
- Fatos Curiosos e Inacreditáveis — 151 — 15,00
- Como tirar a Sorte — Cartas, Dados, Bola de Cristal — Nº 39 — 15,00
- Desenho a Bico de Pena — 75 - 30,00
- Pequenas Biografias de Grandes Escritores — Nº 128 — 15,00
- Ana Karenina, A Dama das Camélias, Madame Bovary, Filhos e Amantes, Naná, Thais — Cenas de Amor dos Melhores Romances — 81 — 10,00
- Natação sem Mestre — 135 — 15,00
- Os Melhores Pratos da Cosinha Francesa — Nº 79 — 10,00
- A Felicidade Sexual no Casamento — Nº 3 — 15,00
- As Chaves Ocultas do Poder — Nº 11 — 15,00
- Manoel Macêdo — Correspondencia Amorosa — Frases Escolhidas — Nº 21 — 15,00
- Modelos Cartas Comerciais — Nº 143 — 15,00
- Cock-Tail de Palavras Cruzadas — 157 — 10,00
- Curso de Desenho Arquitetônico — Nº 45 — 150,00
- Psicossexualidade — Nº 126 — 20,00
- Dicionário da Mitologia — Luiz Victoria — Nº 9 — 15,00
- Enciclopédia Industrial Ocultista — Nº 10 — 15,00
- Vença a Timidez Sexual — 145 — 20,00
- Poesias — Hinos do Equador — Nº 60 — 10,00
- Táticas de Xadrez — Nº 123 — 15,00
- Test para os seus Conhecimentos — Luiz Victoria — Nº 34 — 15,00
- Testes de Inteligência — Útil - Instrutivo — Contagem de Pontos — Nº 78 - 10,00
- Grafologia Prática — Nº 64 — 15,00
- Os Sonhos... O Riso e as Mulheres — 152 — 10,00
- Mortes Curiosas e Estranhas — 17 — 10,00
- ABC... Desenho de Letras — Nº 44 — 30,00
- Espumas Flutuantes — Castro Alves — Nº 46 - 10,00
- O que todos os homens devem saber para conquistar as Mulheres — Nº 136 — 20,00
- Dicionário de Verbos Ingleses — 58 — 22,00
- Quiro... Como Ler as Mãos — Conheça o Futuro — Nº 14 — 15,00
- A Cachoeira Paulo Afonso — Castro Alves — Nº 142 — 10,00
- Obesim... se Emagrece Comendo — 156 — 15,00
- Residências Brasileiras — Álbum de Projetos — Nº 40 — 40,00
- Como Interpretar os Sonhos — Nº 12 — 10,00
- A Carne — Julio Ribeiro — Nº 140 — 25,00
- Cartilha Infantil ABC — Nº 98 - 6,00
- Nº 85 — 15,00
- O Inquérito Kinsey sôbre o Sexo — Nº 127 — 20,00
- Dicionário de Citações de Frases Célebres — Luiz A. P. Victoria — Nº 80 — 15,00
- Dicionário de Citações de Frases Célebres — Luiz A. P. Victoria — 144 — 15,00
- Científico - Moderno — Para Evitar Filhos — Nº 87 - 20,00
- A Arte de Desenhar — Nº 70 — 30,00
- Desenvolva a Memória — Prático Eficiente — Nº 82 — 10,00
- A Santa Cruz de Caravaca — Tesouro de Orações — Nº 94 — 15,00
- Manual do Detetive Amador — Nº 29 — 10,00
- Desenhar Animais — Nº 72 — 30,00
- Pensamentos sôbre o Amor — Stendhal — 19 — 15,00
- Fórmulas para Ganhar Dinheiro — 153 — 15,00
- A Arte de Desenhar Cabeças — Nº 71 — 30,00
- O que todos os homens devem saber para conquistar as Mulheres — Nº 124 — 20,00
- Estilos Artísticos — Nº 76 — 30,00
- Hipnotismo Prático — Nº 15 — 15,00
- A Arte e a Técnica do Beijo — Nº 93 — 15,00
- Quebra-Cabeças, Mágicas e Passatempos — Nº 22 — 15,00
- L. Victoria — Certo ou Errado? — Tira-Dúvidas de Português — Nº 69 — 15,00
- Vocabulário Ortográfico de Bolso — Condensado — por processo fotográfico — Nº 89 — 40,00

NÃO MANDE DINHEIRO, NEM VALES, NEM SELOS, PEÇA PELO REEMBOLSO POSTAL

NO RIO: Avenida Rio Branco, 25 Sub-solo OU NAS LIVRARIAS

NO INTERIOR: PEÇA POR REEMBOLSO POSTAL

EDITORA GERTUM. CARNEIRO S.A.

Avenida Rio Branco, 25 - Dep. 8 - B - RIO

Peço enviar pelo REEMBOLSO POSTAL os livros cujos números indico abaixo:

... ...

BASTA INDICAR O NÚMERO

Nos pedidos abaixo de Cr$ 100,00 há aumento de 10%

NOME. ....

RUA ....

LOCALIDADE ....

ESTADO ....

Mme. Araújo Bureau, com sua elegância e distinção, abrilhantou a grande noite do Municipal.



Flagrante da senhora Hermem Luz na escadaria do "foyer".



NA "COMEDIE FRANÇAISE"

DESFILE DE ELEGÂNCIA E DISTINÇÃO PARA ADMIRAR O MAIS TRADICIONAL TEATRO DO MUNDO

SEGUE

NA "COMÉDIE FRANÇAISE"

A sociedade carioca viveu momentos de grande emoção, ao assistir a espetáculos de grande montagem e execução impecável, com a chegada dos intérpretes e técnicos da "Casa de Molière" em nossa terra. Sua vinda devemos ao espírito de iniciativa e divulgação da Arte Francesa na América Latina, êsse admirável Jean Clairjois, que há quatorze anos dirige representações teatrais da França para a América Latina. A "Comédie Française", que dera várias representações em S. Paulo, chegou ao Rio a fim de estrear a 19 de junho, com um elenco que constitui o que de mais elevado pode haver na Arte Teatral. Seu repertório contém peças de Beaumarchais, Musset, Molière, Henry de Montherland, Armand Salacrou, Edourd Bourdet, etc., e do seu elenco podemos distinguir nomes consagrados como Germaine Rouer, Beatriz Bretty, Renée Faure, Ivonne Gaudeau, Suzane Mivette, Denise Pezzani, e outras; dos elementos masculinos, citam-se: Maurice Scande, Jean Meyer, Louis Seigner, Jacques Charon, Robert Manuel, George Chamarat, Paul Roussillon e outros. O Teatro Municipal regorgitou de espectadores amantes da Arte Teatral no seu mais elevado conceito. A temporada da "Comédie Française" no Rio foi coroada do maior sucesso, o que vem provar mais uma vez o prestígio do bom teatro, do teatro de arte. Nossa mais alta sociedade afluiu ao Municipal e se deliciou com a finura do teatro francês, com a impecável performance de seus intérpretes e a magnífica montagem e organização da caravana chefiada pelo incansável Jean Clairjois, que só pode ter levado boa impressão do Rio e de sua platéia, quando voltar à França com sua companhia. Esta Revista focalizou o desfile de graça e elegância de nossas patrícias que foram admirar a "Comédie Française" durante as suas treze representações. Tualetes das mais ricas, "fourrures" do mais alto valor, num ambiente de distinção social, emolduravam o "esprit de finesse" da mulher carioca.

A srta. Mariliza Werneck e o sr. Vampret, numa cordial palestra, em um dos intervalos.



Sr. Carlos Vital e Senhora, Sr. Embaixador da França e Senhora e a jornalista Genny Pimentel da Borba.





Aspecto da seleta e distinta assistência, na noite de estréia da Comédie Française, no Municipal. À esquerda: Sra. Ministro Frazão, Sra. Ernesto Sabóia, Srs. Hugo de Lamare e F. Rosemburgo e Sra.



Sra. Ministro Láfer, Sra. Barrene e o Dr. Ranulpho Bocayuva.







NA "COMÉDIE FRANÇAISE"

Em cima, à esquerda: — Senhora Raja Gabaglia. À direita: — Senhora Melo Viana e Senhora Roberto Cardoso. Em baixo, à esquerda: — Senhora Marly Pucheu, Sr. Geraldo Sillert e Senhora. À direita: — Senhora Elmano Cardim, Senhora Carlos Simonsere e o Sr. Ismailovitch.



REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 28 ★ 12-7-52

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Na Comedie Française 3/6
Deus Salve a Rainha (por Harold Creen) 10/11
Como se ensina cinema na Itália (por Danilo Ramires) 12/15
São João Espetacular na Quinta (por Leonel C. Ferreira) 17/21
Aviões a jacto sôbre o Rio 27/33
O Baile da Reconciliação (Leonel C. Ferreira) 55/57

LITERATURA

Baião e Xaxado (por Luiz Cristóvão dos Santos) 7
Semana Literária (por Edmundo Lys) .. 52/53
As Inacabadas (conto de Walter B. Maia) 26
De um Diário (conto de Jorge Emílio) . 38

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 8/9
A Personagem da Semana (Dean Acheson) 9
Puxe pelo cérebro 42
Passatempo (por Otaner) 43
Lido... Visto... Ouvido (por Jim) 40/41
A Revista há 50 anos 34

ROMANCE

Um príncipe em minha vida (por Michael Davet) 22

FOLHETINS

Aventuras do Capitão Rob 24/25
Filho, meu filho 50/51

FEMININAS

Modas 35/37
Conversa de mulher (por Isolete) 42
Rotina de beleza 43
A saúde do bebê (pelo Dr. Sabóia Ribeiro) 48
A luz da psicanálise (pelo Dr. Luiz Fraga) 49



CARICATURA

Este mundo e o outro (Darcy) 45
Entre grade (Théo) 16

★

CAPA:

Eleanor Parker (Foto Warner

BAIÃO E XAXADO



LUIZ CRISTÓVÃO DOS SANTOS

PRIMEIRO chegou o baião trazendo o cheiro da terra e das quixabeiras. Era a mensagem musical do Piancó, da ribeira escaldante do Pajeú, do lendário Riacho do Navio, onde nasceu Lampião.

No seu ritmo estranho havia o amor impetuoso, a saudade magoada, a ternura das ladainhas de maio, as rezas do Padre Cícero, a fúria da alma jagunça nos estreveros do cangaço.

Porque o baião é a fiel expressão da música sertaneja, nascida sob a influência do cantochão dos missionários que bateram os caminhos da "civilização do couro", nos sertões nordestinos, influenciada ao contato da geografia bizarra da "caatinga", brotando das violas, das sanfonas de oito baixos, das zabumbas lamurientas, dos ganzás, dos pífanos e deitando raízes no chão salpicado de baraúnas e de coroas-de-frade. Aquêles homens rústicos, de mãos acostumadas ao buranhém, à enxada e ao bacamarte "bôca de sino", comendo carne de bode, farinha e rapadura, bebendo água de cacimbas e dos gravatás possuiam a sua música, que veio dos fundos das grotas, dos pés-de-serra e dos descampados cinzentos bolir com a alma dos grandes centros.

Pois o baião chegou, atravessou o Rubicon do asfalto e venceu na Metrópole, nesse encontro de supetão com o outro Brasil — o do litoral, do rádio e da televisão... E chegou tão fiel à terra, com sabor de umbu maduro, uns laivos de sangue cariri sacudindo as veias, trazendo o pinicado das violas, o aboio dos vaqueiros, o estrondo dos bacamartes, a voz arrastada das lavadeiras do rio, a denguice das cunhãs de peitos furando os vestidos de chita, a amargura cantada dos cegos de feira, tôda a colorida geografia humana da terra áspera dos mandacarus e das juremas em flor. Versos de Inácio da Catingueira, de Romano da Mãe D'Água, rompantes do Capitão Virgulino, queixas da cega Mocinha de Carnaíba das Flores, aboios dos vaqueiros vestidos de couro, tudo captado pelas antenas da sensibilidade da gente simples.

Agora vem o xaxado que nasceu sob as alpercatas dos bandoleiros, dos "cabras" de corpo-fechado, com a medalha do Padre Cícero, brilhando no peito chamuscado de pólvora, o punhal emergindo do tórax cruzado pelas cartucheiras e à mão o rifle "papo-amarelo" de bala na agulha para qualquer "cerconstança".

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, Avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na Capital a cargo da Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569

Diretor: **GRATULIANO BRITO**

Redator-Chefe de Publicidade: **J. M. COSTA JÚNIOR**

Paginação de **VICTOR TAPAJÓS** — Desenhos de **ALBERTO LIMA**

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA
Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 22-8647 ★ Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. — Êste número tem 60 páginas.

CORREIO DA REVISTA

● Belo Horizonte, 24 de junho de 1952.

Ilmo. Sr. Diretor da REVISTA DA SEMANA.

Data venia, tomo a liberdade de dirigir-me a V. S. com o intuito de relatar o seguinte fato: visitava eu a casa de um amigo na cidade de Divinópolis, Oeste de Minas, quando deparei na parede de seu quarto, como único enfeite, uma fotografia desta «Revista» emoldurada em um simples quadro como que simbolizando algo que êle guardava com um carinho extremo.

Sim, senhor Diretor, era a fotografia de sua chegada das plagas italianas, onde foi dar um pouco de seu sangue para a libertação da humanidade, integrando o 3º Escalão da FEB.

O quadro parecia um altar, tal o devotamento que lhe dedicava o jovem pracinha. Nêle estava representado todo o drama vivido na Europa e a alegria enexcedível provocada pela manifestação espontânea de seus conterrâneos ao ensejo de sua chegada. Garboso, marchava êle pelas ruas da Cidade Maravilhosa quando esta revista fotografou o seu pelotão.

Pois bem, Sr. Diretor, apesar de haver êle escrito várias vêzes para esta Revista até hoje não conseguiu a fotografia desejada àvidamente. Pediu-me, então, que escrevesse à Direção dêste Semanário solicitando a fotografia. Faço-o de coração, Sr. Diretor.

Deseja êle uma cópia da fotografia que saiu estampada na Revista da Semana do dia 29-9-1945, nº 39, nas páginas 16 e 17 cuja reportagem tem por título «A CHEGADA DO TERCEIRO ESCALÃO».

Encarecidamente peço ao Sr. Diretor o imenso obséquio de enviar a fotografia referida pois, com isto, trará a um jovem pracinha, a infinita satisfação de possuir em sua casa, talvez o testemunho de sua maior glória: TER CONTRIBUIDO COM UMA PEQUENA PARCELA PARA A SALVAÇÃO DA HUMANIDADE.

Esperando ser atendida tão justa pretensão aqui deixo expressos os meus agradecimentos em nome do rapaz e do meu próprio, fazendo votos por sua constante felicidade pessoal e prosperidade de tão conceituada Revista.. — Cordiais saudações — **MURILO PAULINO BADARÓ** — Residência: Rua Antônio de Albuquerque nº 150 — Belo Horizonte — Minas Gerais.

(Junto enviamos o sêlo para resposta. Caso custe algo a fotografia, esta Direção pode enviá-la pelo Reembôlso postal. Muito obrigado.)

RESPOSTA: A remessa da Cópia já foi providenciada pela Gerência.

● Rio, 18-6-52.

Ilmo. Sr. Diretor da «Revista da Semana».

Deparando no nº de 7 do c/ mês de sua excelente «Revista da Semana», com um retrato de meu pai — reproduzindo capa do nº de 50 anos atrás — venho lhe agradecer essa publicação. Juiz Federal, então único, desta capital, o dr. Godofredo Xavier da Cunha, meu pai, depois Ministro e Presidente do Supremo Tribunal Federal — mereceu essa homenagem de ter seu retrato na capa de sua revista. E' que êle era mui justo e, apesar disso ou por isso, muito popular por suas sentenças desassombradas.

Venho lhe agradecer essa reprodução, como filho único muito saudoso do ótimo pai que êle foi. Sinto, apenas, que no texto nada se dissesse, nem se mencionasse o nome e o cargo do homenageado.

Sem mais, mande suas ordens ao mto. at. e obgdo.

RANULPHO BOCAYUVA CUNHA

IVONE R. DE MIRANDA — Rio — Foi aprovado o seu conto «Estranha visitante».

D.P. — S. Paulo — «Engano quase fatal» não passou no crivo da Comissão Examinadora. Seu estilo atrapalhou.

D.E.T. — S. Paulo — Muito sujo o seu «Linda Flora». Não se esqueça de que muitos leitores gostam de ler contos antes ou depois do jantar. E aquela história que nos mandou...

V.K. — Rio — Interessante a história do «General e sua estátua». Mas o amigo escreve num português muito mau.

JOÃO N. DOS SANTOS — S. José dos Campos, São Paulo — Foi aceito o conto «Eternamente Mãe». Aconselhamos, porém, que o amigo estude acentuação gráfica e grafia atual de muitas palavras.

NIDOVAL REIS — Americana — S. Paulo — «Mania de Poetas» já foi publicado. O outro, «Destino», muito curto.

R.M.S.B. — Vitória — E. Santo — Não pôde ser o conto «Última noite de Serenata». Muito fraco.

E.G.C. — Rio — Não foram aceitos os seus contos.

A.A.G. — Rio «O segrêdo das taças» não foi aprovado. O português não ajudou.

L.S.B. — Rio — «O Passado» não pôde passar. A redação não estava boa. Lamentamos.

R. DE A. — Petrópolis — Não passou o «Milagre». Fraquinho...

H.T. — Rio — «Um remédio milagroso» também não foi aprovado. O português, o estilo...

J.M.B. — P. Alegre — «O chapéu de Anita» não foi aproveitado.

I.B. de C. — Rio — «O Colar de Esmeralda» não pôde ser aceito. Muito o prejudicou o mau estilo.

ANGELUS — Rio — Seu conto «Assim o túmulo falou» foi aprovado. Não pense que mulher que mata marido comete uxoricídio. Isto é quando o marido mata a espôsa. Mas não há de ser nada. Continue a mandar-nos seus contos.

A.G. — Sorocaba — S. Paulo — Não passou o seu «Vamos passear de automóvel?» O português estava muito defeituoso.

G.W.S. — Lajes — Sta. Catarina — Muito curto o «Cristóvão».

A Semana

Calças para funcionárias



HÁ muitos anos, talvez aí por 1914, apareceram umas senhoras nas ruas do Rio usando uma tal de "jupe-culotte" ou melhor umas calças folgadas como última moda feminina. Mas a inovação não pegou e houve vaias e repulsa. Com o andar dos anos e duas grandes guerras de permeio, o uso das calças se tornou coisa vulgar às senhoras e senhoritas. O cinema de Hollywood lançou os "slacks", e as estrêlas logo tiveram imitadoras por todo êste mundo. Nas praias do Rio e de outras capitais marítimas é geral o uso das calças folgadas. Bonito e útil, não há dúvida. E das praias passaram a usar mesmo no centro da urbe. E' comum encontrarmos senhoras e senhoritas em "slacks" em logradouros centrais da capital federal, sem causar nenhum escândalo. Mas agora as calças vão ter novo uso. As funcionárias públicas de S. Paulo acabam de iniciar um movimento visando a conseguir permissão para usar calças compridas no trabalho. Qual a razão? O frio intenso dêste inverno. O movimento irrompeu na Secretaria da Fazenda e já está lavrando em vários outros núcleos do funcionalismo estadual. Qual será a resposta dos chefes? Negar? Aprovar? Devem aprovar. As calças são morais, úteis e contra o frio, sabendo-se que as saias são curtas e as meias caríssimas, correndo fio a todo instante. Mas alguém se vai ver em "calças pardas"...

Palavras Santas

ESTA foi em Belo Horizonte. No dia 20 de junho uma senhorita, residente naquela cidade em companhia de seus tios no bairro de Santa Teresa, não andava de bom-humor. A moça não sabia mesmo o que queria. Mas, o certo é que andava por conta do azar. Naquele dia tomou uma resolução: matar-se-ia. Foi ao quarto de um primo que morava na mesma casa e retirou de uma gaveta a arma fatídica. Era um bruto revólver perfeitamente carregado de balas excelentes para estourar os miolos de quem os tivesse um tanto moles. A jovem não queria, porém, matar-se dentro de casa. Saiu para a rua, tomou um caminho qualquer em direção à cidade. Ali escolheria um local apropriado, um tanto poético, pois não iria despedir-se da vida sem dar uma prova de seu bom-gôsto. Mas sucedeu o imprevisto nos planos da jovem insatisfeita com tudo e com todos. Falhou o revólver? Não. Ela teve mêdo de dar ao gatilho? Também não. A polícia interveio na hora H? Nada disto. Apenas, ao dirigir-se ao local do crime, encontrou-se com uma senhora de suas relações e lhe narrou o que estava disposta a fazer. Como era natural, a boa mulher lhe deu conselhos, apontou o desespêro dos seus e a situação de sua alma quando chegasse à presença de S. Miguel. E a mocinha decidiu o contrário. Foi ao 5º distrito Policial e procurou o delegado narrando isto que aqui vai tim-tim por tim-tim. Jovem de coragem...



Em Revista

Criminosos no volante

HÁ certo tempo um passageiro, viajando num bonde da Light, foi vítima de um abalroamento entre o bonde e um ônibus da "Interestadual de Ônibus de Luxo Ltda." O caso foi parar na Justiça, com pedido de indenização pela vítima, e o juiz competente, dr. Ivan Lopes Ribeiro, lavrou a sentença condenando a Light em primeiro lugar, e em segundo, a emprêsa de ônibus, contra a qual a companhia de bondes poderá exigir o total desembolsado para indenizar o acidentado. Os têrmos com que justifica sua sentença devem ser transcritos. O Juiz salientou a responsabilidade do motorista, o qual agiu como muitos outros que, a todo momento, põem em perigo a vida dos passageiros, "com um cinismo e insensibilidade revoltantes". Depois de dizer que a justiça criminal deve ter mão de ferro para condenar os criminosos do volante, assim conclui sua sentença: "Êsses tarados do volante, que estão sendo identificados no exame psico-técnico, têm que receber os corretivos da lei. Pena é que os donos de nossas emprêsas de ônibus não sofram também, criminalmente, pela escolha macabra que fazem dêsses indivíduos postos nos veículos, não para a função específica de transportar, mas para a tarefa inglória de povoar os cemitérios e aumentar a clientela das casas de aparelhos ortopédicos". Duro com êles, Srs. Juízes!



Nome das ruas



MAIS uma reunião plenária da Comissão de Estudos Históricos da Cidade acaba de realizar-se no Palácio Guanabara. Um dos pontos discutidos foi o da mudança de nomes de logradouros públicos do Rio, ficando assentado que se devia mudar o menos possível a nomenclatura de nossas ruas e praças. Na verdade, só se deve substituir um nome por outro quando fatos muito sérios assim determinem, ou quando se descobrir que o cidadão ou cidadã não merece o nome lá na plaquinha. Mas, pelo simples motivo de homenagear-se uma pessoa, cujo nome vai figurar sôbre uma placa de tradição da cidade, francamente, não há razão para isso. Que tais homenagens sejam feitas quando se inaugurarem novas ruas, o que sucede constantemente no Distrito Federal. Veja-se o que ocorreu com a rua das Marrecas. Seu nome é popular, tradicional, com uma razão de ser integrada na própria vida da cidade. Retiraram o chafariz com as marrequinhas, mas lá ficou a rua com a placa em memória das mesmas. Uma coisa, porém, se faz necessário, se restaurar o antigo nome. E' preciso que o atual seja dado a outro logradouro do Rio, como uma satisfação ao nome ali existente e na iminência de sair. Trata-se de um diplomata estrangeiro, e, quando da inauguração, houve discursos. Nada de gafes. Outra coisa: por que não esclarecer certos nomes? Rua do Resende. Qual dêles? Rua Antônio Vieira. O padre? Algum português ricaço?

A PERSONAGEM DA SEMANA


Dean Acheson

O atual Secretário de Estado para as relações exteriores dos Estados Unidos da América do Norte, cuja visita ao Brasil, há muito, vinha sendo esperada, chegou ao Rio de Janeiro na noite de dois do corrente. O Sr. Dean Acheson nasceu em Middletown, Connecticut, em 11 de abril de 1893, filho de um ministro episcopal de origem inglêsa que, mais tarde, foi bispo de Connecticut. Manifestando desde cedo o desejo de ser advogado, entrou para a escola de Grotton e recebeu, em 1913, o título de Humanidades na Universidade de Yale. Passou então para a Universidade de Harvard, onde, três anos depois, se bacharelou em Direito com distinção. Durante a Primeira Guerra Mundial, serviu como aspirante na Marinha de Guerra dos Estados Unidos. Foi um advogado de grande notoriedade, antes de dedicar-se à política. O Secretário de Estado é casado com a pintora Alice Stanley, de Detroit, tendo duas filhas e um filho, todos casados. Desde 1919, os Acheson moram em Washington. O Sr. Dean Acheson é um especialista em assuntos internacionais e profundo conhecedor dos problemas governamentais. Foi assistente de secretário ou subsecretário de Estado de quatro responsáveis pela execução da política exterior dos Estados Unidos: Cordel Hull, Edward R. Stettinius Jr., James F. Byrnes e general George C. Marshall. Antes disso, durante seis anos e meio, cooperou na política norte-americana destinada a ajudar a resolver os problemas de recuperação e reconstrução do mundo no após-guerra. Em agôsto de 1945 foi nomeado subsecretário de Estado na gestão do secretário Byrnes e, durante onze meses, trabalhou nesse pôsto. Exerceu seis vêzes as funções de secretário de Estado interino, dirigindo assim o Departamento de Estado mais tempo do que o próprio titular, forçado várias vêzes a se afastar de seu gabinete para desempenhar missões no exterior. Acheson contribuiu para a criação da UNRRA. As Nações Unidas e a Conferência de Bretton Woods adotaram importantes princípios de sua autoria. Foi presidente da Comissão encarregada de elaborar o relatório Acheson-Lilienthal, que serviu de base para o Plano Baruch de contrôle mundial da energia nuclear.

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando pêso e dôr de cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrôtos, mau gôsto na bôca, indigestão, muita sêde, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, lingua suja, mau hálito, certas coceiras e erupções na pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar êstes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substancias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use Ventre-Livre

* * *

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

* * *

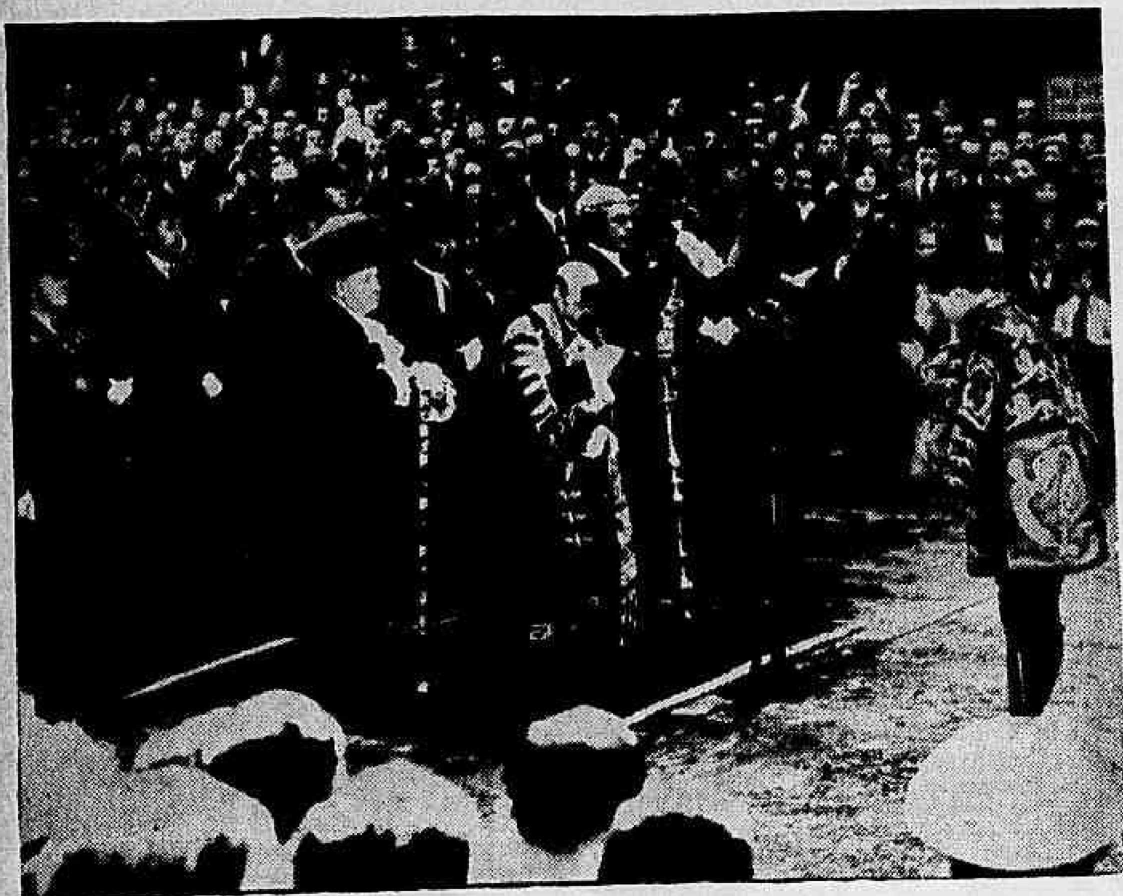
Tenha sempre em casa
Ventre-Livre



Aspecto da função de proclamação da Rainha Elizabeth II. Na barreira do Templo, no alto de Fleet Street, o "Marechal da Cidade" recebe o "Dragão Vermelho".

DEUS SALVE A RAINHA

Reportagem de HAROLD GREEN



Troca de saudações entre o "Marechal" e o "Dragão" à entrada de Londres.

A metrópole de Albion trajou-se das galas de veludo cinza e escarlate, na manhã de 7 de junho, para os festejos tradicionais da proclamação da Rainha Elizabeth II. Das sacadas do palácio de St. James, às 10 horas, soaram as trombetas de prata de três fanfarras. E a multidão tornou-se silenciosa, lendo o "Rei d'Armas", Sir George Bellew, com voz forte e distinta, o texto arcaico marcando a data da coroação. Em seguida organizou-se o cortejo no pátio do palácio, os Arautos seguidos dos Pagens e do povo para a entrada da cidade, na barreira do Templo, no alto de Fleet Street. A conservadora Grã-Bretanha vivia, então, reminiscências medievais, com a pompa e deslumbramento remotos. E evocava o esplendor das carruagens ajaezadas dos monarcas bretões, contrastando com a moderna Londres de cimento armado. Foi nesse ambiente do passado que se realizou a cerimônia simbólica do "Dragão Vermelho", personagem da lenda do Rei Artur. Na barreira, o "Marechal da Cidade" deu ordem para que o "Dragão" entrasse com os oficiais da Rainha. O desfile encaminhou-se, agora, para o "Royal Exchange", no centro da cidade. Na praça central, dir-se-ia que tôda grandeza britânica houvesse se concentrado, numa bela evocação de sua heróica vida militar. No primeiro plano alinhava-se um destacamento de 35 alabardeiros em uniforme fraise-vermelho, calças fôfas na coxa, representando a "Honrada Companhia de Artilheiros da Cidade". Em seguida vinham os Granadeiros da Guarda de uniforme vermelho e o gorro de pele de urso. Postados atrás estavam os elementos da RAF, fardados de azul acinzentado. Fechando êsse panorama as Auxiliares do Exército, perfiladas, davam certo relêvo, com o cáqui moderno de suas vestes. Figura imponente era a do Duque de Norfolk, Primeiro Duque da Inglaterra e Prefeito do Palácio Real, responsável direto pelo brilhantismo das cerimônias de proclamação e de coroação. Com a presença da soberana e da real família foi lida, ainda uma vez, a proclamação perante os dignatários do reino, os almotacéis e prebostes da cidade:

(Cont. na pág. 48)



O centro da cidade, em frente ao "Royal Exchange", é o lugar tradicional da proclamação.

COMO SE ESTUDA

CINEMA NA ITÁLIA

NO "CENTRO SPERIMENTALE DI CINEMATOGRAFIA", EM ROMA ★ AULAS DE MINIATURA, COSTUMES, INTERPRETAÇÃO ★ DUAS HORAS NUMA SALA A ESCUTAR DINA PERBELLINI ★ MOLNAR E PIRANDELLO ★ TEATRO E TEXTO

Reportagem de DANILO RAMIRES
(Especial para a REVISTA DA SEMANA)



Alunos do "Centro Sperimentale di Cinematografia" — em Roma — aprendem na prática os maravilhosos segredos da câmara cinematográfica, durante uma hora especial de aula.



A Professôra Dina Perbellini, que também faz cinema, numa cena do filme "Anna", ao lado da notável estrêla italiana Silvana Mangano. Fotografia dedicada à REVISTA DA SEMANA.



O cineasta Jean Renoir e Giuseppe Sala, diretor do "Centro Sperimentale", examinam um álbum de costumes de um filme em perspectiva.

Roma, Junho — (Especial pela PANAIR DO BRASIL).

QUANDO entramos nos jardins do "CENTRO SPERIMENTALE DI CINEMATOGRAFIA", não podemos esconder nossa emoção. E de tal forma revelamos nosso sentimento, que o produtor Vitorio Sala, que nos levava, gentilmente, para Cine Cittá, perguntou:

— No Brasil temos também bons cursos de cinema, não?

Fizemos uma volta para fugir do assunto, e deixamos no ar a idéia de que ainda não temos "assim organizado como em Cine Cittá, mas que a coisa está em preparo... Uma questão de dias..."

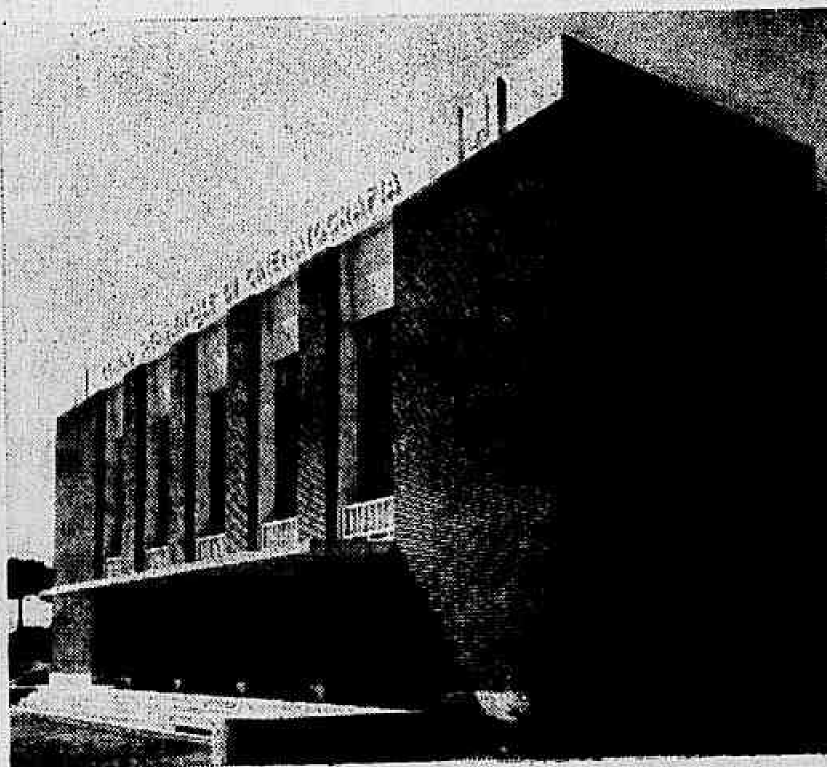
O importante era ver de perto os estúdios, e as salas de estudos do Centro. Percorrer seus corredores longos, tomar café no refeitório dos alunos, e escutar, como qualquer estudante de teatro e cinema, uma aula sôbre interpretação, dição, fonética, canografia...

SEVERIDADE

Vitorio Sala nos apresentou ao seu irmão Giuseppe, diretor da escola, e, sempre gentil, nos mostrou todos os segredos da admi-



Flagrante de uma aula prática, na qual vemos a prof. Dina Perbellini e os estudantes Gabrielle Cioli e Ricardo Bertoni aperfeiçoando uma cena de amor.



Fachada principal do "Centro Sperimentale", verdadeira obra-prima da arquitetura moderna e um dos edifícios importantes e belos da Cidade Eterna.



A estudante Franca Guarmaccia escreve o endereço da REVISTA DA SEMANA e seu colega Hélio Guarino, à esquerda, também se mostra interessado.

COMO SE ESTUDA CINEMA NA ITÁLIA



Sentados, escutam as palavras dos mestres e se preparam para um dia fazer bom cinema. Daqui sairão os futuros astros e estrêlas da tela italiana.



Todos se arrumam para uma fotografia, mas todos querem ficar ao lado do brasileiro e da mestra. Há uma confusão tremenda e também muita alegria. Mesmo assim o fotófrago consegue bater a chapa.

rável organização. Logo a entrada, a sobriedade do edifício elimina qualquer idéia de futilidade, de perda de tempo em coisas inúteis. O "hall", com duas escadas que descem para o piso inferior, é discreto e silencioso. Vimos moços que por ali passavam a carregar livros como estudantes do "Pedro II", do Rio. Num canto, uma jovem chorava.

— Chorando?

Era aquilo, um choque para nós.

— Nada de importância. Está nervosa porque amanhã tem prova escrita, e não sabe muito bem a matéria...

— Que matéria?

— Parece que é roupagem. Estilo de vestimentas, estilos, guarda-roupa.

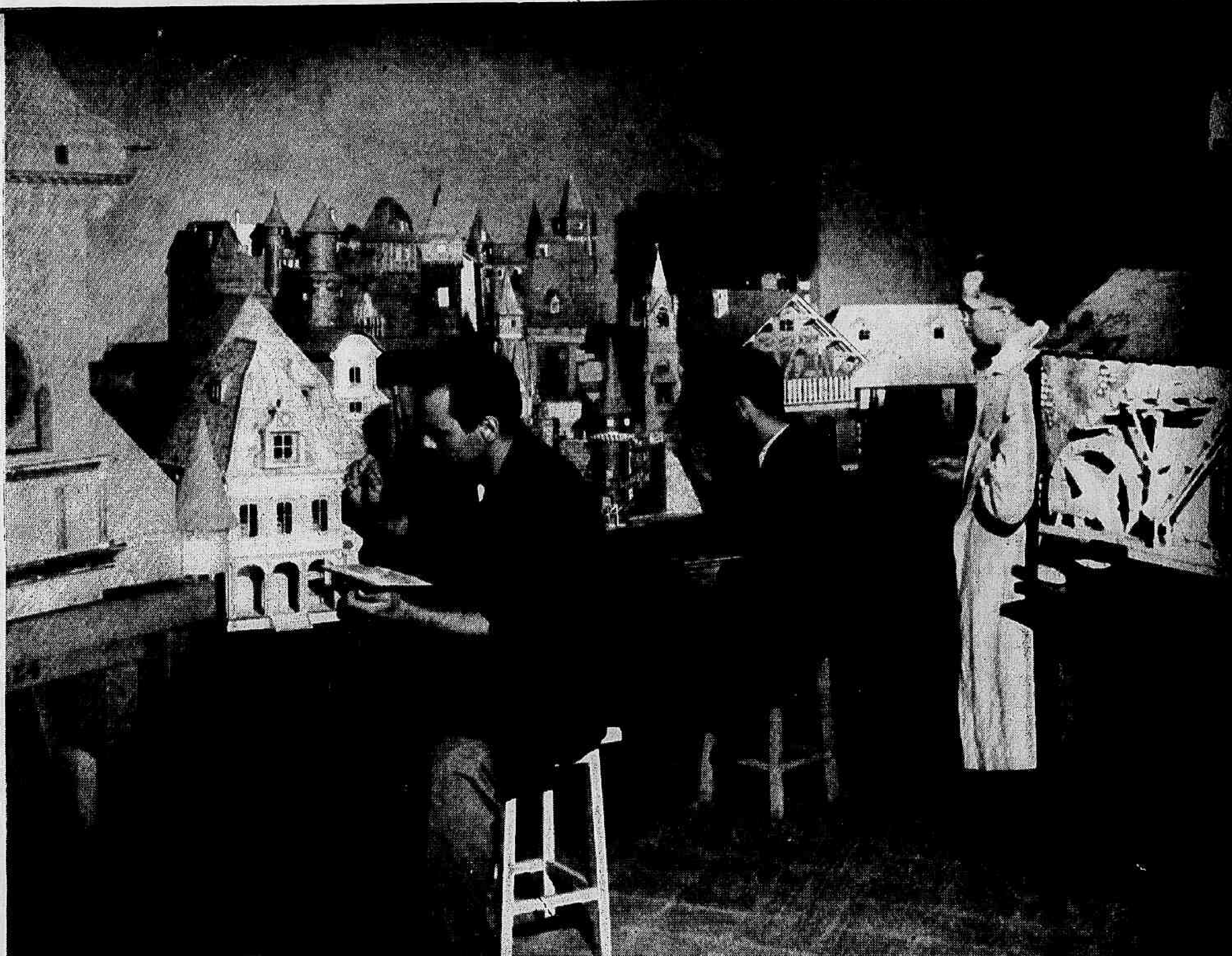
PIRANDELLO PARA ESTUDO

Na sala de interpretação, que buscavamos ardentemente, encontramos a mestra Dina Perbellini ensaiando cenas de Molhar e de Pirandelo com os seus dezoito alunos.

De contrabando, nos sentamos numa das carteiras e, assistimos as duas horas de aula. Calado, como qualquer aluno, procuramos aproveitar as explicações sôbre a arte de traduzir para a palavra falada as emoções do texto, o valor de cada linha, o significado, que, para o intérprete, deve ter a frase numa obra teatral. E mais uma vez, mais forte ainda ficou a nossa convicção de que, sòmente com um bom teatro, com um bom trabalho de teatro, é possível fazer cinema, cinema de interpretação correta, precisa, honesta.

O TEXTO E O GESTO

Dina Perbellini, atriz de teatro e de cinema, é grande artista, exatamente porque é uma técnica na arte de sentir o texto, e dar forma e côr às palavras do autor. Perbellini explicava para a sua turma — oito moças e dez rapazes — como dizer a cena de "La morsa", de Luigi Pirandello. Paciente com os "gênios" — sempre são "gênios" os jovens que começam, — ela insistia em esclarecer o texto e corrigir atitudes.



Aula de miniatura: uma das mais importantes do "Centro". De mãos hábeis saíram as reconstituições do Forum Romano para o filme "Quo Vadis".

CORREÇÕES

— Não fale baixo. Lembre-se que está num palco. Lembre-se que pode haver um microfone sôbre sua cabeça para gravar cada uma de suas palavras. Fique mais elegante, meu filho. Não cuide do vinco da calça. Cuide mais de "viver", o melhor possível, êsse **amor que você sente**... Por favor, minha filha, onde sua inteligência? E' assim que quer ser atriz e fazer cinema? Não olhe indiferente, que êle, em vez de amar, acaba odiando você. Atenção para a articulação...

E um terceiro jovem, no quadro negro, anotava cada palavra que o novo galã não articulava claramente. O quadro já estava cheio de "r, r, r" e "l, l, l" mal pronunciados.

SILÊNCIO E TRABALHO

Silenciosos, todos escutavam. E ai se alguém tentava dar um palpite. Dina Perbellini fuzilava o improvizado "diretor" com um olhar, quando não mandava sumariàmente calar a bôca.

Na grande sala, o silêncio dominava. Apenas as vozes de Franca Guarnaccia, Gabriella Cioli, Ricardo Bertoni e Elio Guarino se faziam ouvir seguidamente. Todos, sem dúvida, belas vozes, belos talentos.

Dina Perbellini, porém, nunca parecia estar satisfeita, e sempre obrigava a todos repetir as falas três, quatro, cinco, dez vêzes.

Uma vez, perguntou-nos se estávamos fatigados de assistir àquela aula exaustiva. Respondemos que também uma vez estudamos teatro com uma mestra que nos fêz repetir duas palavras, vinte e dûas vêzes na primeira noite de ensaio, e outras tantas vêzes em cada noite seguinte, até a estréia da peça.

OUTRAS ATIVIDADES

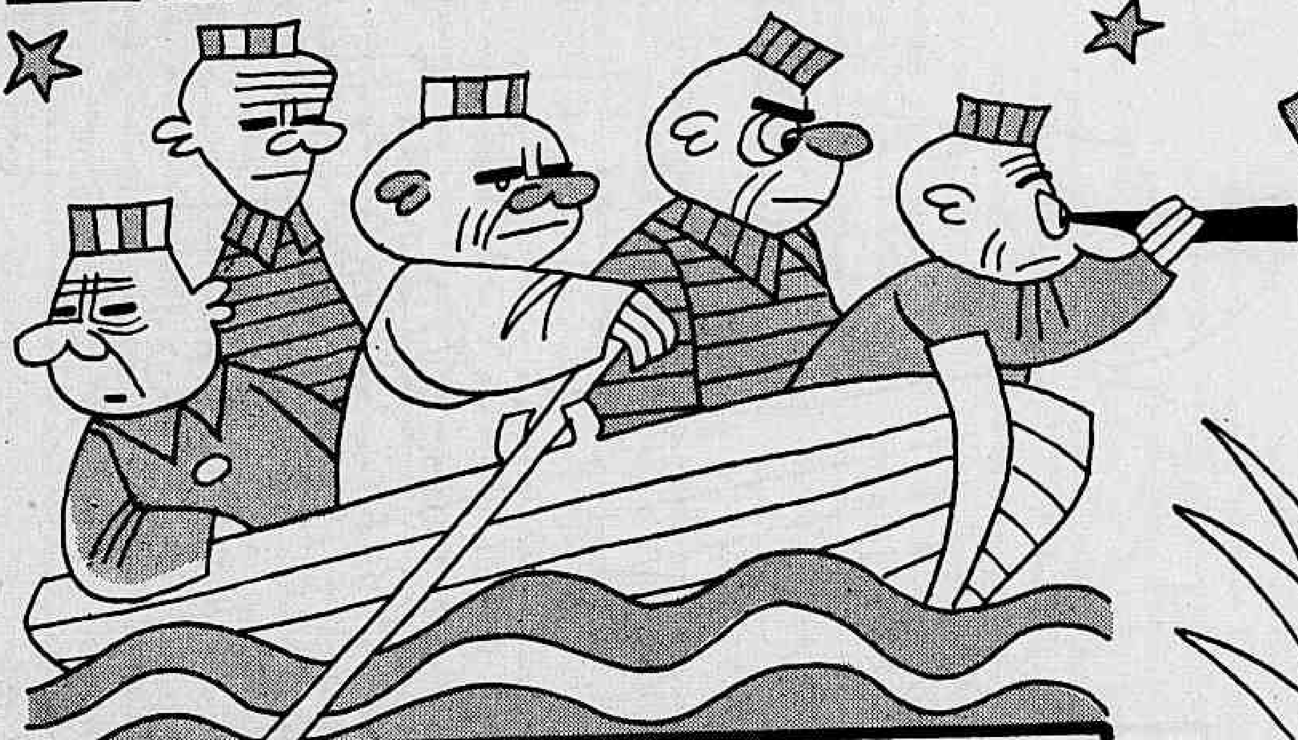
Quando saimos da sala de aula, depois duma série de fotografias que, gentilmente, fizeram para documentar a nossa visita, quando éramos nós que queriamos os flagrantes, estivemos a percorrer as outras dependências do "Centro Sperimentale".

(Continua na pág. 49)



Aula de costumes e roupas da época: — o Professor Conde Manetti Alessandro di Lastra, do "Centro Sperimentale", durante uma de suas explicações sôbre roupas e vestuários, num estudo detalhado.

ENTRE *as* GRADES



— Pela primeira vez foram avistadas diversas CANOAS de presos, sem ser as tais organizadas pela polícia. Vieram tôdas do presídio de ANCHIETA.



— Os HERÓIS encheram as páginas dos jornais super armados, vestidos a caráter, enquanto os heróis de verdade tombavam nas refregas com os fugitivos.



— Dizem que os matadores de **Carne Crua** vão ter alojamento em separado com receio de represálias, ou será que os detentos estão com mêdo dos façanhudos policiais?!



Fora das grades **seu** Joaquim poderá cantar sossegado os seus madrigais à negra Sebastiana, sentado em um banco da praia. Deram fim no PADILHA...



No botequim um colega recomenda ao SÓ ARES DE PINGA:

— Se você insiste em tomar PARATI, vão pensar que você é prêso fugido!...



Casamento caipira na festa junina da Quinta da Boa-Vista. Nubentes: César de Alencar e Heleninha Costa. Padrinho: Apolo Correia. Juiz: Barbosa Júnior.

S. JOÃO ESPETACULAR NA QUINTA

s
r,
n.

erá
gra
aia.

a ao
ATI,
...

Depois do casamento o casal feliz, numa dança matuta, se exibe ao som da sanfona, recebendo os aplausos daquela multidão que delira num regozijo intenso de felicidade.

EMBORA tenha desaparecido, em parte, aquela beleza dc São João dos nossos avós, mesmo assim o povo nunca se esqueceu de festejar o folguedo barulhento do mês de junho. Que importa que exigências da vida moderna tenham acabado com o crepitar das fogueiras, alterando a culinária especial e até transformando as queridas férias juninas, em período letivo?! Tôdas essas inovações, como as houve, infelizmente, no nosso velho entrudo, hoje êsse mascarado carnaval de bailes dos salões grã-finos, não foram elas capazes de acabar com nosso tradicional São João caipira de nosas ruas e praças.

Por isto, com a participação dos mais destacados cartazes do "broadcasting" nacional, se realizaram os festejos juninos na Quinta da Boa-Vista, Campo de São Cristóvão, Praia do Rússel, Praça Barão de Drumond, Lagoa Rodrigo de Freitas, etc. A colaboração dos clubes e sociedades recreativas muito contribuiu para a beleza e brilhantismo das tradicionais festas do mês de junho.

No Campo de São Cristóvão, além do desfile de artistas de rádio, como Alvarenga e Ranchinho, Ademilde Fonseca, Elisete Cardoso, Dóris Monteiro, Lúcio Alves, Jararaca e Ratinho, outra parte, a grande sensação foi, sem dúvida, a apresentação de Luís Gonzaga, que preparou uma surprêsa, o lançamento da nova dança o XAXADO. O novo ritmo, pela sua originalidade, está fadado a ser um sério concorrente do baião e do mambo. Na Quinta da Boa-Vista, profusamente iluminada, foi levado no seu grande arraial o "Bumba meu boi". No seu grande terraço "Del Rey", realizou-se o casamento de César de Alencar com Heleninha Costa. O São João da Quinta contou, ainda, com a participação de Zezé e as Moreninhas, Roberto Paiva, Manuel Macedo e os Cariocas.

SÃO JOÃO ESPETACULAR NA QUINTA



Helena Gonçalves, a romântica intérperete dos sentimentais fados portuguêses, apresenta-se diante do microfone na noite de São João, a festa mais querida e também a mais popular de todo Brasil.



Aqui vemos o conhecido animador da radiofônia nacional, Barbosa Júnior, que muito contribuiu com sua presença para o brilhantismo daquela noite, tomando parte no programa dos melhores artistas.



Também Zé Gonzaga e Irene Macedo, conhecidos artistas, deram encantamento à festa da fogueira, cantando animadas canções que interpretavam a grande emotividade brasileira na tradicional noite.

ela
smo
r o
im-
nam
ndo
que-
odas
no
car-
ram
onal

esta-
se
Boa-
assel,
de
socie-
eleza
mês

esfile
ninho,
Mon-
parte,
resen-
a sur-
ADO.
adado
ambo.
inada,
a meu
reali-
r com
contou,
More-
e os

onhecidos
fogueira.
tavam a
nal noite.



Enorme massa popular se acumulou diante do palanque em que se desenrolaram os festejos juninos na Quinta da Boa-Vista. O principal atrativo foi a encenação a cargo de alguns artistas de rádio. Uma massa humana que não dançou, não brincou. Divertiu-se com o espetáculo. E, quase sempre, tranqüilamente.



SÃO JOÃO ESPETACULAR NA QUINTA



A grande sensação dos festejos juninos do Campo de São Cristóvão foi o lançamento da nova dança, o "xaxado", pelo rei do baião, o popular Luís Gonzaga.



Também os maiorais do riso, Alvarenga e Ranchinho, participaram da grande noite brasileira da festa de São João, cantando e divertindo o povo com suas canções.

os fes-
po de
lança-
ça, o
baião,
zaga.



Aspecto do "sururu" que veio dar uma nota diferente em meio à aquela apoteose de luz, dança, comicidade e confusão. O povo se divertiu bastante, cantou, aplaudiu e... brigou!



is do
Ran-
m da
ileira
João,
ndo o
ções.

Vicente Celestino, o maior cantor das serenatas brasileiras, o intérprete de nosso sentimentalismo e paixão, diante do microfone, cantando na festa junina do campo de S. Cristóvão.

UM PRÍNCIPE EM MINHA VIDA

Novela de MICHEL DAVET

ERA a época das colheitas. Das filas de feno e ervas verdes exalava-se embalsamado perfume de igreja, num ar tépido que ainda mais acariciava o meu segrêdo. Mas em tôda essa alegria nova, senti que uma perturbação se desenhava, uma espécie de mêdo, de remorso, e uma lágrima borbulhava e outras vinham como reflexo do meu desespêro.

Manoue, surpreendida e desde logo inquieta, foi encontrar-me febril. Colocou-me ao leito como fazia antigamente, meteu-me num quarto silencioso e sombrio, assustando os morcegos que se dependuravam do teto, os quais esvoaçavam a procurar libertação. Eu disse a Manoue, aconchegando-me à saia dela:

— Você o viu? Hein? Você o viu? Êle trazia uma capa de veludo!

— Jesus! — exclamava ela a repuxar a coberta para me amparar.

E com voz meiga:

— Dorme, dorme, tontinha. Malique vai trazer-lhe um pouco de leite quente.

Naquela noite Manoue não dormiu. Pela manhã, quando eu estava mais calma, decidi contar tudo a Manoue, e não contive minhas lágrimas. Chorei enquanto lhe confessava minha aventura. Ela me apertou contra seu peito. Eu senti uma grande paz, uma grande paz que me fêz esquecer todos os maus pensamentos.

— Não tenha receio, minha filha. Foi algum rapazinho idiota e malvado que, ao vê-la adormecida, quis fazer-lhe mêdo, assustá-la. Vou mandar Malique dar uma busca pelos arredores e trazer até aqui o malvado. Mas não vá assim pelos lugares desertos, sòzinha...

Percebi que Manoue resmungava qualquer coisa em gíria local. Seus olhos brilharam de cólera. Eu me tranqüilizei e adormeci já havia uma hora, quando uma inquietação me veio ao espírito.

E eu, como que a tresvariar, exclamei:

— Não, Manoue, não é bom fazer isso!

— Que é que não é bom fazer, menina?

— Não é bom que Malique lhe bata. Êle é um príncipe!

Ela me acariciou, tranqüilizando-me, e eu me senti feliz. Meu coração corria.

Desde então eu me pus a sonhar durante longas horas. Mas não era nada de preciso, de claro. Eu via grandes visões de luz, imagens indecisas, uma festa contínua em meu pensamento. Eu já não montava em meus carneiros, nem fazia reverências ao sol como antigamente ao despontar da aurora. Eu passava horas e horas a imaginar como seria o seu rosto, seu vestuário, sua espada reduzente.

A partir daquele dia em que fiz a confissão, Malique vinha esperar-me à borda da floresta. Êle corria para pegar-me e eu desabalava à frente. Depois me interrogou, amàvelmente:

— Você não está doente, Bertille?

— Não. Estou como sempre estive.

— Não! Você está escondendo algo! Não é verdade que um homem a beijou na floresta?

Eu fiquei corada, embora sentisse uma pontinha de alegria íntima, como naquele dia em que vesti meu vestidinho encarnado. Eu ficara surpreendida comigo mesma, como se eu fôsse pessoa estranha a meus próprios olhos, porque um homem me havia beijado lá no mato.

— Malique, será que um beijo, um beijo assim é o mesmo?

— Credo! E' o mesmo... o quê?

— E' o mesmo que os outros beijos?

— Não, não, não é o mesmo. Pode ser muito melhor, como pode ser também muito pior. E' um pecado, Bertille, é pecado e você deve ir confessar-se.

Eu não pude reter as lágrimas. Ah! Eu bem que o imaginava. Devia ser uma coisa horrível; mas não fôra eu que pedira para fazerem isto comigo. Como poder confessar uma coisa assim?

Malique passou o braço em volta de meu ombro e me falou docemente como se fôsse um irmão. Seus grossos tamancos iam esmagando o barro do caminho.

— Não chore assim, menina. Não foi culpa sua. E' conveniente apenas que você se previna contra homens estranhos, pois êsses estrangeiros são homens tão maus como os lôbos. Não pense mais nisso. Os beijos não são para as mocinhas como você, e tal prazer passa depressa... Veja, lá no horizonte, por sôbre as colinas, um véu se ilumina!

Depois, uma cerração de prata oculta a floresta e em breve se funde, misturando-se com a sombra azul que avançava pelos braços da noite. Já não se viam mais que formas negras, indecisas, dentro das trevas. Lá em baixo, luzes vermelhas tremeluziam.

— Teremos inverno já já!

— Sim, será inverno dentro em breve!

Ouviam-se uivos longínquos, tristes, muito tristes como os de um cão abandonado diante da porta fechada.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Bertille, órfã, era criada por um tia, Manoue, residente num recanto da França, em zona rural. Com êles também vivia Malique, rapaz adotado por Manoue. Todos se entregavam aos deveres domésticos e aos trabalhos da fazendola. Bertille, aos dez anos, porém, já vivia a sonhar com príncipes encantados, impressionada com as histórias de fadas que lhe contava Manoue. Um dia, já mais crescidinha, perdeu-se na floresta, deitou-se e adormeceu. Despertou sob a impressão de que um príncipe a beijava. Desde êsse tempo ficou sofrendo muito, e a tia preocupada com o acontecimento.

Algumas vêzes, Manoue perguntava a Malique:

— Quando será que você se casa, Malique? Quando é que você trará ao nosso sítio uma bela jovem?

Êle baixava os olhos, um tanto encabulado, e depois fitava a figura pequenina de Manoue, a sorrir gaiatamente, com a cabeça metida em seu boné.

— Ora! Mas eu não tenho ainda vinte anos! Além disso não encontrei ainda uma moça como a de que preciso. Não vi nenhuma, até agora, semelhante a que penso existir, mas que não encontrei ainda. E' preferível ficar solteirão a fazer um mau casamento.

Mas Manoue continuou:

— Na próxima primavera você encontrará uma jovem bela como uma princesinha, que o esperará entre os lilases.

— Talvez — diz êle tranqüilamente e sem preocupação.

Manoue adorava o odor das florinhas agrestes que se enramavam pelos muros e paredes do terraço, e os lilases se enfeitavam com seus flocos que pareciam penachos de grande gala. Êles lançavam todo o seu perfume sôbre o caminho e o vestíbulo de nossa casa. Manoue os acariciava, encostando-os ao seio, aspirava forte e dizia cheia de alegria:

— Só em os sentir eu me torno mais jovem.

Mas o lilás era uma florinha delicada e que passava mui ràpidamente, fenecendo após a primavera. E naquele ano, com as chuvas abundantes, êles se foram muito antes do tempo. O vento os arrastou impiedosamente pelas estradas de barro vermelho e sujo, e quando andávamos por aí a fora, os nossos tamancos iam pisando as pobres florinhas que mais pareciam pequeninos corações roxos.

Eu disse a Malique:

— Então... Procurou nos lilases?

— Procurar, o quê?

Eu estava pensando na princesa de ouro a que se referia Manoue quando perguntara a Malique por que êle não se casava. Eu ouvira que ela dissera: "Breve você encontrará uma jovem que será como uma linda princesa e que virá visitá-lo".

Já naquele ano eu estava com meus dez anos, e, se bem que minha estatura fôsse muito superior às das crianças de minha idade, eu era sem malícia, sem maldades, levando uma vida simples, como a de um cabrito que come, dorme e cabriola sem pensar em nada. Pelo fato de viver assim na maior liberdade, minha alma ficou estranhamente nativa, muito diferente das outras pessoas de minha idade. Eu nada sabia do que as outras crianças aprendiam nos livros.

Malique riu de minha simplicidade.

— Não, — diz êle — eu não encontrei nenhuma princesa nos lilases; mas achei uma pequena pastorinha muito gentil, em Combellou...

Em seguida, como que espantado de sua confiança, fitou-me os seus grandes olhos:

— Olhe. Isto é um segrêdo entre mim e você. Você sabe. Uma criança como você, tem que aprender certas coisas. E eu gosto muito das meninas sabidas.

— Ela é mais sabida do que eu? Você me levará até ela e nós brincaremos de roda.

Êle tornou a rir. Eu não pude deixar de dar tratos à bola. Vários dias depois eu vi perto dêle, a ir e vir, uma figura de mulher com seu vestido claro. À cabeça das nossas vacas havia tufos coloridos de flores. Eu então pude compreender um pouco.

Outro dia, pulando num pé só, sem nenhuma malícia, eu me aproximei de Malique e lhe disse apontando-lhe o dedo indicador, como se estivesse a repetir uma frase que ouvira de alguém:

— Ah! seu malandro! E' aquela a sua boa amiga!

Êle, que estava ao poço a puxar água, estacou e ficou com a bôca aberta, sem dizer nada. Em seguida, falou:

— Que bobagem! Quem andou a dizer-lhe tal coisa?

Mas, como se procurasse restabelecer a calma perturbada por instantes, Malique começou a rir sòzinho.

Eu me sentia como que enciumada, desconfiada em relação à tal que se estava aproximando dêle. Cheguei mesmo a sentir cólera. E chegou até nossa casa. Em nossos trabalhos, ela tinha o ar de que estava em sua própria casa, intrometia-se em tudo, e chegava mesmo a fazer que Malique se esquecesse da nossa fazendola. Manoue não dizia uma palavra. Outras vêzes, quando nos via ir colhêr qualquer coisa ao campo, a pastôra de Malique fugia deixando flutuar suas vestes, o chapéu suspenso à mão como uma cesta.

Depois da ceia, Malique se preparou para sair. Devia haver algo lá fora que o atraía, que o seduzia muito mais do que as histórias que Manoue nos contava tôdas as noites antes de dormirmos. E isso me irritava, despertando-me sentimentos inusitados dentro do meu amor próprio. Eu sentia

Tradução de RENATO DE ALENCAR

Ilustração de RAMON

que meu espírito despertava, e ao mesmo tempo a curiosidade de saber algumas palavras que iam dizer dentro da noite, a vontade de saber como era que êles se abraçavam, ou beijavam...

Uma noite eu tive uma idéia. Nós estávamos deitados, eu e Manoue, quando vi que Malique saía. Manoue estava ferrada no sono, e eu sabia que não havia barulho que a fizesse despertar. Então eu calcei umas sandálias velhas que, aos meus passos, faziam "flic", "flac", e me larguei pela noite a dentro, esquecendo-me de fechar a porta.

Malique já ia muito adiante, mas eu podia ouvir-lhe os passos ao fazerem rolar os seixos do caminho, e a canção que êle ia assobiando envolto na sombra.

Pus-me a correr já à orla da floresta e cheguei tão perto dêle que tive a impressão de que êle já estaria a ouvir-me os passos.

Mais além, já contornávamos o mionho queimado e a estrada levava a terreno amolecido pela lama, onde os meus pés se afundavam. Sùbitamente vejo que Malique se detém. Um pássaro noturno, uma espécie de noitibó, gritou "hu-hu" mais além, e sua voz parecia com a voz humana. Malique parecia ter ouvido a voz de sua dama. Então êle retomou a caminhada e o fêz quase a correr. Dentro da noite azul-negra, eu via sua sombra se afastar, crescer, diminuir ou desaparecer não se sabe como. Numa volta do caminho uma outra sombra surgiu de repente, ao mesmo tempo em que eu ouvia o estalar do seu riso.

— Você está com mêdo? Está com mêdo? Mas como vem tarde!

Não percebi nenhuma resposta de Malique, e o sorriso parou. Vi seus corpos se unirem e de tudo não resultou mais que uma sombra imóvel posta ao meio do caminho. Por detrás de uma moita eu alonguei a cabeça, curiosa, inquieta, desconcertada, percebendo que êles se paralisavam num beijo que não tinha mais fim. Por fim êles se desligaram, e eu, sem refletir, os pés dentro d'água, gritei, imitando a voz do cuco: cu-co...

Eu desejava revelar minha presença, desaforadamente, sem prever sua cólera e minha vergonha.

— Vou ver quem está dizendo "cuco" — disse a voz de Malique.

Em dois pulos, êle chegou à margem da estrada onde terminava a orla da macega. Vi-o então como uma sombra descomunal a avançar para mim, saltando por sôbre as poças d'água. Experimentei uma tal assombração que me pus a gritar, as mãos sôbre meus olhos, muito antes que êle me houvesse pegado.

Malique agarra-me pelas espáduas, com muita violência, e me sacode cheio de ódio e estupor:

— E' você! Aqui?... Espionando-nos, sua cretina!

Malique não me bateu, pois não sabia se se irritasse ou se se maravilhasse diante de tamanha audácia. Mas, de repente, alguém chegou perto de mim e, puxando-me para fora da poça d'água em que eu estava, vibrou-me duas tapas violentas em minhas faces, coisa de que eu não tinha memória em tôda a minha infância. Senti que minhas faces queimavam como fogo.

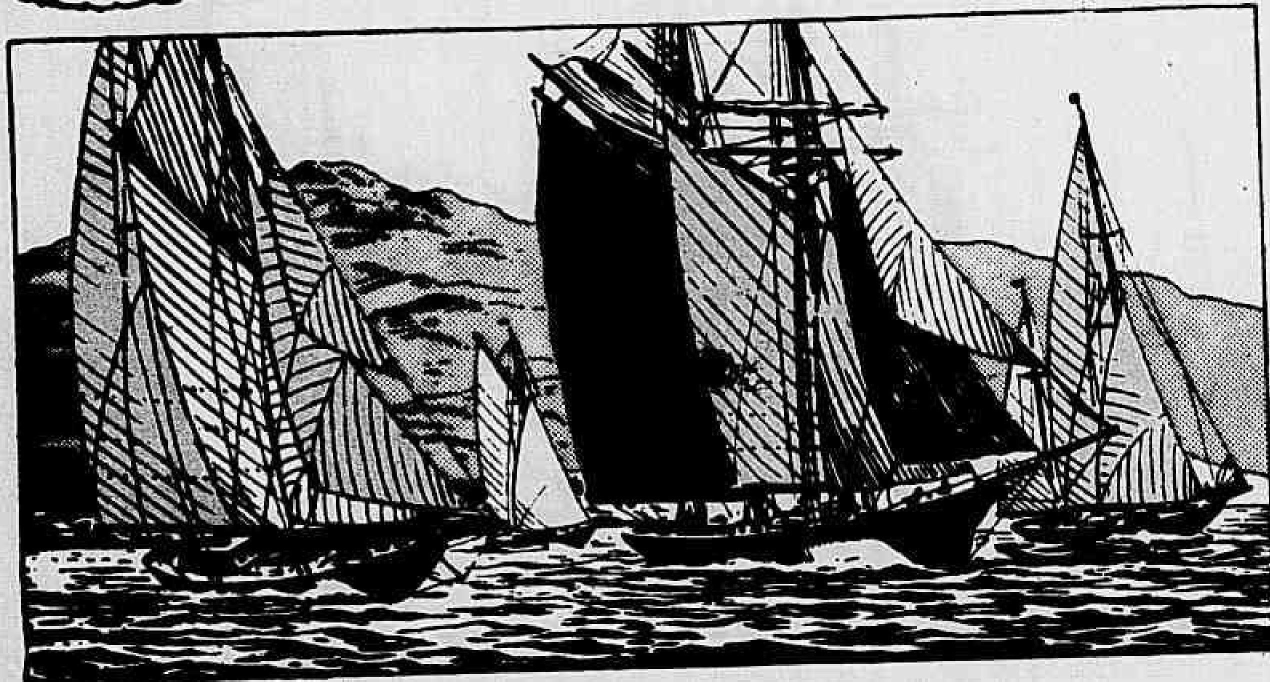
A tal princesinha de nosso vaqueiro estava diante de mim, os olhos fuzilantes, a fisionomia de mulher má, e me parecia tão perigosa e ameaçadora que eu, instintivamente, me agarrei a Malique, escondendo meu rosto incendiado entre as dobras de sua blusa.

(Cont. no próximo número)



AVENTURAS DO CAPITÃO ROB

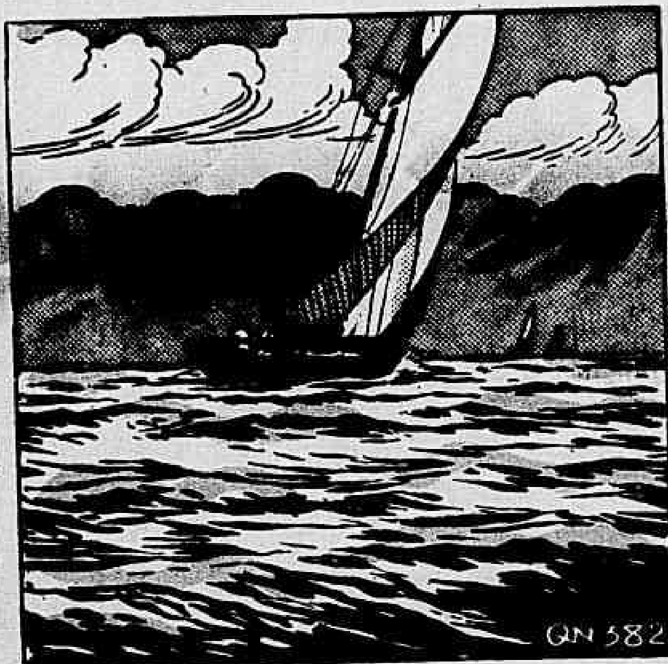
Uma Aposta Temerária







31 Dois dias depois, os quatro barcos se fazem ao largo, deixando a ilha de Nukuhiwa, para a terceira etapa. Vão em direção de Tahiti, e o tempo continua favorável. No terceiro dia a pequena frota de veleiros vai navegando muito bem. Uma circunstância estava ocorrendo com o iate de Rob: êle caía muito de velocidade. De bordo de seu veleiro, Larry esfrega as mãos e diz para o cúmplice, Jojo: "Você agiu muito bem, Jojo! Agora o nosso principal competidor vai perdendo terreno dia a dia, e não há de abiscoitar os quinhentos mil dólares!". O Cap. Rob estava perplexo, mas decidiu averiguar







32 Rob está cada vez mais preocupado com a perda de velocidade do "Liberty II". Para êle, a causa deve estar na quilha, mas, como poder descobrir o embaraço em pleno mar? Debruça-se de um dos lados do barco e, com um bastão, procura sondar. Deve haver uma causa que está impedindo de o iate avançar. Depois de várias tentativas, êle desiste. O mais certo é aportar à Ilha de Moorea, onde havia uma excelente enseada habitada por pescadores. Dois marujos, que estavam a pescar, lhe indicam o caminho certo e êle muda de rumo. Depois de alguns dias encontra a ilha e ali ancora.



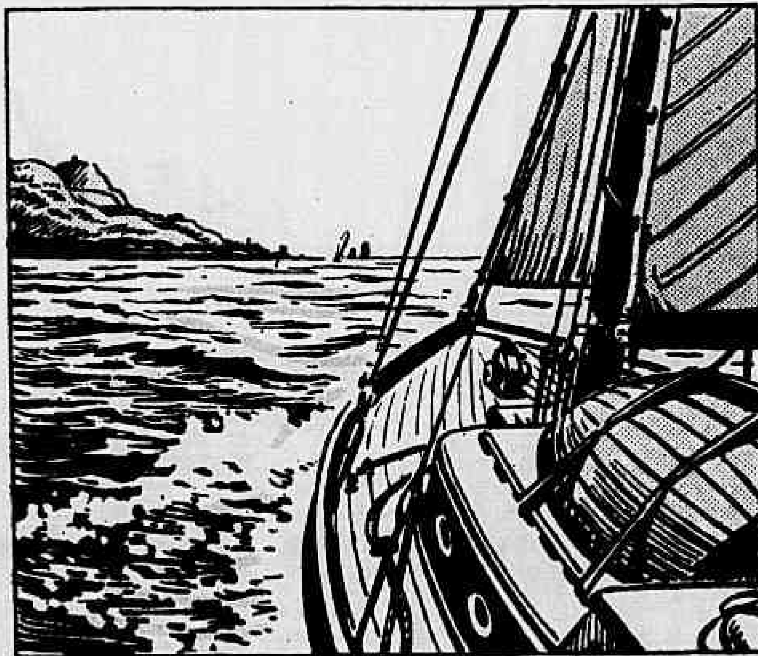




33 Numa tarde calma, de maré alta, chega Rob à ilha procurada e lança âncora. Quando o mar entrou em vazante, o iate ficou em terra firme, completamente a descoberto. Rob procura uns toros de madeira bem fortes e escora o barco, de maneira que fique a prumo. Não foi difícil encontrar a causa do retardamento da marcha do seu iate. A quilha, que era recoberta com placas de metal, estava avariada. Alguém, submerso, arrebentara-a naquele ponto, o que vinha causando a perda de velocidade. Quem teria executado o serviço? Enquanto isso, Skip se diverte a passear sôbre uma tartaruga.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA: — O Cap. Rob, ao receber o seu iate "Liberty II", vence uma regata, batendo os seus competidores, inclusive o milionário John Brookfeller, que pilotava o "Laura". Então, êle institui um prêmio de 500 mil dólares ao navegador que atravessasse o Pacífico até à Holanda, terra de Rob. Muitos se increvem, inclusive o trapaceiro Larry, com seu barco "Memphis". A primeira etapa era até Honolulu, e Rob ganha. Durante a viagem, Larry briga com Bill, um de seus tripulantes, que é despedido e jura vingar-se. Larry desenvolve planos para pôr fora de combate o iate de Rob, temendo que êste vencesse a prova. Tenta queimar-lhe o "Liberty II", mas os seus apaniguados erram o alvo e ateiam fogo noutro. Com surprêsa para Rob, Marga e Willy chegam na lancha "Pandora". Bill ataca o barco de Larry, mas é repelido. Larry descobre que Bill fôra engajado no "Viking", e, de tocaia, o lança num abismo, de onde é salvo por habitantes de Nukuhiwa, segunda etapa, ganha pelo Cap. Rob.

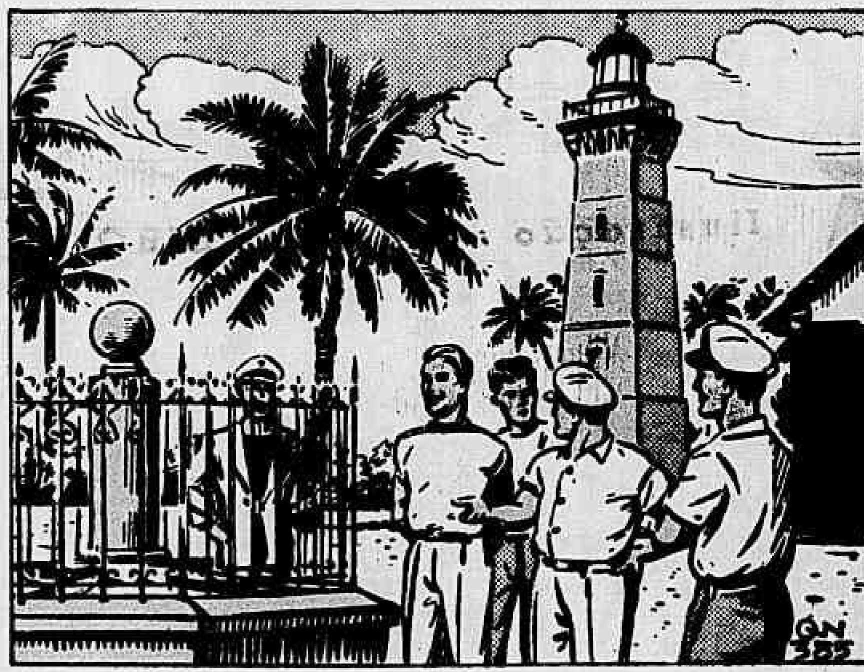






34 Logo que conseguiu reparar a avaria criminosamente praticada por alguém, Rob aproveitou a maré enchente e se fêz ao largo em direção de Papeete, a capital da ilha de Tahiti. Seu iate voltava a ser o mais veloz dos quatro disputantes. Os outros concorrentes já estavam lá, como era natural que assim sucedesse. Rob entra no pôrto e desce âncora mesmo à popa do "Viking", do seu amigo, o norueguês Nils. "Alô, Rob!", brada o marujo. E ajunta: "Folgamos em vê-lo, pois já estávamos preocupados! Houve êrro de rota?". "Não, respondeu Rob, apenas uma complicação". E Rob preferiu calar.







35 Rob resolveu contar ao milionário John Brookfeller o que lhe sucedera. O instituidor do prêmio não escondeu sua surprêsa. Poderia algum dos disputantes levar a efeito tamanha canalhice? Quem seria o patife? E Rob acrescentou: "O caso foi levado a efeito em Honolulu, Mr. Brookfeller. O "Mayflower" foi destruído pelo fogo, ali; mas, quem teria tocado fogo?". Diante disso o milionário decide que os barcos ficassem sob permanente guarda, dali em diante. Os navegantes vão a terra e visitam o monumento a James Cook. Numa embarcação nativa, chega Bill e resolve vingar-se de seu inimigo Larry.







36 Bill consegue aproximar-se do "Memphis". Não havia ninguém a bordo? Tanto melhor. A um lado do barco, um tripulante procedia à limpeza do casco. Quando Bill passou ali, a bordo da canoa, êle não o notou. Bill conhecia o navio como a palma de suas próprias mãos. De rastro se aproxima de um local onde sabia haver barris e volumes vazios. Bill tem uma idéia e a está pondo em prática. Êle leva um saco com víveres. Desce ao porão e começa a agir cautelosamente. Com seus botões vai dizendo: "Agora não poderá falhar. Aquêle canalha vai pagar-me tim-tim por tim-tim". Que vai suceder?

AS INACABADAS

Conto de
WALTER B. MAIA

TODOS tinham as suas manias; Macário também tinha as dêle. Gostava de escrever. Não havia um só minuto de sua vida, um só instante em que estivesse acordado, que logo não lhe passasse pela mente sempre perdida em locubrações um quadro qualquer, um personagem ou um ambiente a ser aproveitado e lançado em forma de letra, na chusma de contos pseudoliterários que a sua cabeça ou o seu "instinto literário", como o chamava, forjava de maneira prodigiosa. Via em tudo uma possível circunstância, um possível argumento a ser aproveitado nos seus manuscritos. Mesmo quando dormia, ainda assim a sua imaginação trabalhava febrilmente. Era preciso que êle não esmarecesse jamais e que fôsse escrevendo sempre, melhorando o estilo, polindo mais a gramática; criando aqui uma situação fora do lugar comum, ali burilando em condições mais humanas e reais os seus personagens. E assim, quando já em meio de uma de suas obras, acontecia ver-se enredado na trama que lògicamente deveria ser deslindada em impressionante ou inesperado desfecho, sentindo-se confuso e incapaz de chegar ao epílogo, não tinha outro remédio senão empilhar o manuscrito na estante, onde já se encontravam inúmeros outros, e lá se punha a martelar a cabeça, a ver se dela tirava algo mais simples e mênos intrincado e que sobretudo tivesse um final adequado.

Êsses escritos eram como êle mesmo os chamava, as suas "obras inacabadas". Mas, também, — por que negar? — o seu orgulho.

Ver em qualquer ato, por mais banal que êste fôsse, um motivo para ilustração de um novo conto ou um avanço a mais numa das "inacabadas", era-lhe bastante fácil. Derramar no papel torrentes de frases esmerilhadas e rebuscadas a fundo nos dois grossos Cândido de Figueiredo, também não lhe oferecia muitas dificuldades. O epílogo, eis tudo, é que era o grande e intransponível obstáculo, o imenso labirinto no qual geralmente vinha a perder-se. Êsse era o ponto nevrálgico que lhe tirava noites e noites de sono. Se a obra não chegava a ter um final, como poderia considerá-la perfeita? Se não havia jeito de pôr um ponto final naquele amontoado de situações e diálogos, como considerar-se um escritor?

Eram perguntas candentes bailando de modo inextricável no seu cérebro febril, mas que, contudo, ressoando apenas interiormente, não vindo nunca a serem expressas em palavras, e o que mais importava, desconhecidas de todos, como que eram percebidas por êle muito vagamente, não chegando mesmo a interferir-lhe com o amor próprio. E cavocava nos miolos, não mais à procura de um ponto final, porém atrás de novas idéias, novo tema e novos personagens. Era um moto-contínuo, um círculo vicioso. Iniciava um conto, embaraçava-se: não chegava ao fim, escrevia outro.

Se João amava Maria (nomes dos seus personagens mais comuns) e Maria amava João, seria um belo desfecho casar os dois? Não seria isso, por acaso, o fim monótono de quase todo romance, e ainda mais, não esperariam os leitores tal conclusão? Não, decididamente não era um dêsses finais vulgares que êle desejaria criar. Teria que ser justamente o contrário: chocante, inesperado e impressionante, em que o leitor se visse sùbitamente arrebatado e perplexo ante a inesperada surprêsa. Casar, todos casavam. Êle mesmo, por exemplo, não tinha essa posição civil? Que de impressionante e extraordinário nisso?

No escritório da companhia, trabalhava aceleradamente para dar cabo de suas obrigações o mais depressa possível e assim reservar alguns minutos à dedicação do seu trabalho intelectual.

Abstraía-se por completo nesses momentos e voava às grandes alturas com a deusa inspiração, vivendo e sentindo o que viviam e sentiam os seus personagens. Como porém não era aquêle lugar apropriado para tais divagações do espírito, era de se esperar que o seu chefe vez por outra parasse frente à sua mesa, ficasse contemplando o seu alheiamento ao trabalho e o repreendesse severamente. Caía, então, na realidade e interiormente maldizia o chefe, por lhe ter quebrado o fio da inspiração logo quando esboçava-se-lhe na imaginação aquilo que talvez seria a sua obra prima e... acabada. Um mundo de palavras um tanto escabrosas vinham-lhe à bôca contra o seu superior. Também maldizia aquêle emprêgo. Não nascera para apodrecer curvado sôbre uma escrevaninha de escritório, lidando com números, lançamentos, faturas e cálculos matemáticos que só lhe davam dor de cabeça e o embruteciam para as letras. Não misturava letras com números, costumava dizer com certa superioridade.

Ah, se tudo aquilo fôsse como em certos filmes que vira, onde grandes emprêsas editôras pagavam salários fabulosos a indivíduos que apenas se faziam sentar a uma mesa, pensar um pouco, e depois extravazar em escritos, contos e reportagens fantásticas o que lhes ditasse a inteligência! Aquilo, sim, era o que desejaria ser. Era a sua inclinação, estava seguro disso. Haveriam de lhe aproveitar tôda a capacidade imaginativa, em vez de lhe encherem a cabeça com estatísticas e números. A glória seria sua.

Mal chegava em casa, dirigia-se ao velho armário, de onde retirava uma grossa pasta de papéis, dos quais após rápida consulta escolhia o que mais lhe simpatizava no momento. E punha-se a arquitetar a sua conclusão. Lia-o e relia-o. Pairava num mundo diferente, outra vez.

A mulher, relegava a segundo plano. Para êle havia apenas uma única coisa: as suas "inacabadas", que deveriam a todo custo ser concluídas. Sentava-se então frente à sua portátil e, modificando tôda a contextura do manuscrito, lá principiava tudo de novo, esquecido das horas que corriam, corriam loucamente, para êle, sem que as pudesse deter. Nessas horas gostava de ligar o rádio. Julgava inspirar-se mais fàcilmente ao som da música, que deveria ser sublime e delicada. Longe os sambas, longe qualquer música plebéia! A êle, ó, excelsas e divinas páginas de Beethoven, Mozart e Chopin! E batia no teclado da máquina noite a dentro, tic... tic... tic..., fumando cigarro atrás de cigarro, tomando cafèzinhos para espantar o sono e avivar o espírito. Lá pelas tantas, a mulher chamava do quarto:

— Vem dormir, Macário! Já é tarde. Amanhã tens que acordar cedo...

Um vinco de contrariedade sulcava-lhe as faces chupadas; respondia excitado:

— Ora, minha filha! Fizeste-me perder o fio da meada... Deixa-me terminar primeiro isto.

Tic... tic... tic...

Recomeçava as batidas. A esta altura, entretanto, enredara-se já de tal forma na urdidura de sua obra, que forçoso era relê-la e pegar-lhe de novo o sentido. Sentia-se no momento agudo da coisa, impacientava-se. Fugira-lhe a meada. Acendia outro cigarro, desligava o rádio (o programa de músicas finas terminara). Agora apenas o silêncio quebrado pelas batidas da portátil. Chegara ao ponto cruciante da questão: dar um ponto final no trabalho. Ia formando lentamente as frases, sem saber como terminar, conectando-as com cuidado, enquanto forçava mais a imaginação.

—Vem dormir, homem! — tornava a gritar a mulher, desta vez mais forte. Êle se exasperava. Perdera novamente a idéia!

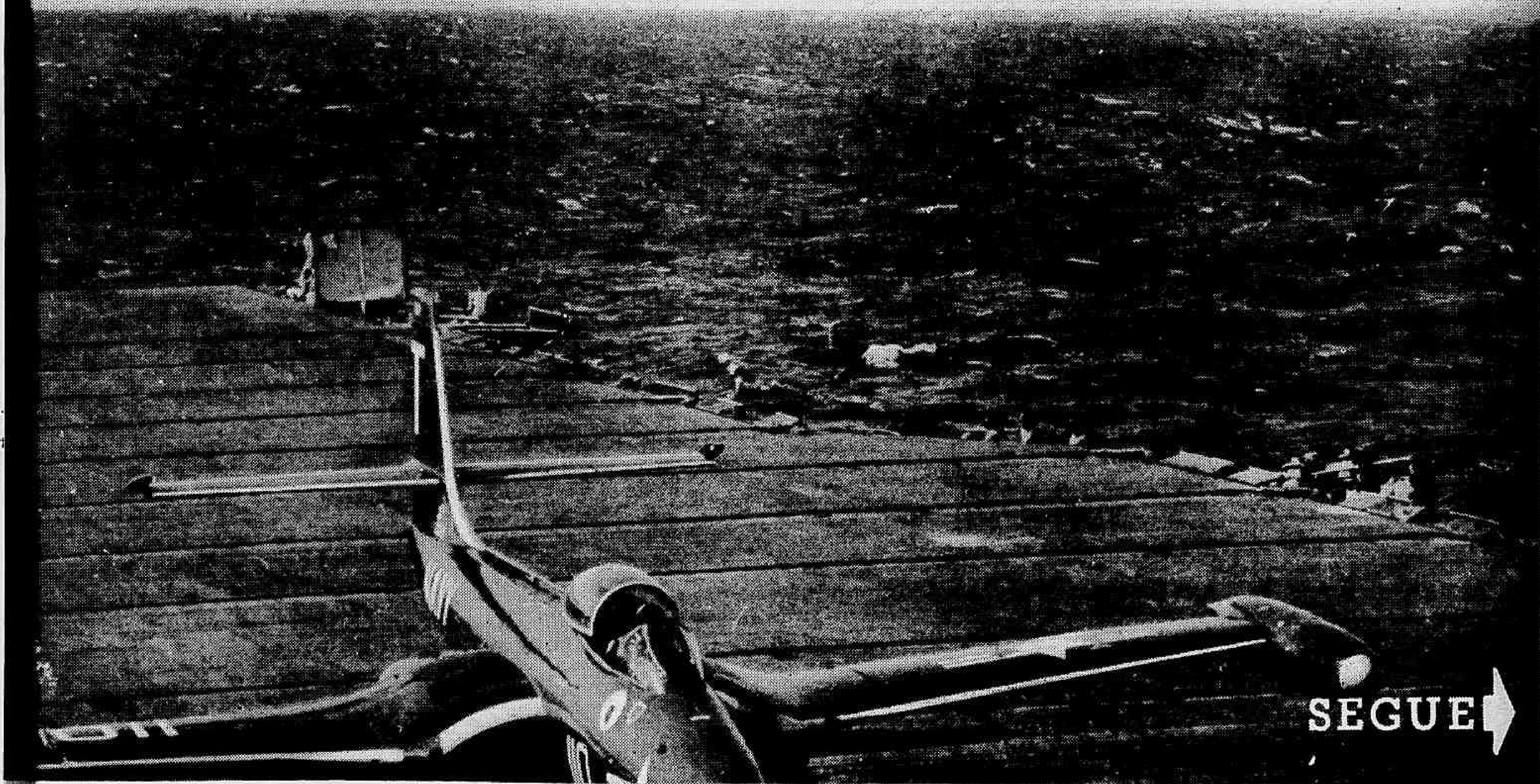
— Estás vendo, meu bem! Atrapalhaste-me e assim não posso nunca escrever direito... Dorme e deixa-me em paz.

(Cont. na pág. 46)



Ilustração de GIL RIBEIRO

AVIÕES A JATO SÔBRE O RIO



SEGUE

Depois da ação, o avião regressa à base. O pouso no porta-aviões exige perícia. Corre dez metros sôbre a pista (convés) e ganchos especiais o detém abruptamente.

UMA BASE AÉREA FLUTUANTE ★ O "ORISKANY" É O MAIS MODERNO PORÉM NÃO É O MAIOR ★ PÁSSAROS DIABÓLICOS NOS CÉUS CARIOCAS ★ ÊLES BREVE SERÃO LENTOS

Fotos de ARNALDO VIEIRA

APRESENTAMOS nesta reportagem aspectos do porta-aviões "Oriskany" que, como elemento central de um grupo naval norte-americano, acaba de visitar o Brasil, em cujas águas realizou exercícios em conexão com navios de guerra do nosso país. O grupo naval a que nos referimos se compunha do navio-tanque "Niobrara", dos contratorpedeiros "William C. Lawe", "Power" e do porta-aviões "Oriskany".

Mas o elemento principal era o mencionado porta-aviões, ao que se informa, o mais novo do mundo, cujas características vão em nota especial adiante publicada.

Realmente, os aspectos da belonave são imponentes. Todavia, a corrida armamentista não cessa. E' uma contingência do momento que o mundo vive, pràticamente dividido em dois, em estado cada dia mais indisfarçável de guerra sem que se anteveja até quando. A prova disso reside em mil fatos e até na circunstância de que êsse enorme porta-aviões, muito grande e novíssimo, dentro de pouco tempo já representará um barco de guerra de segunda categoria.

Telegramas de Washington informam que a Marinha norte-americana vai bater, no dia 14 do corrente, a quilha do porta-aviões "Forrestal", que será o mais longo vaso de guerra do mundo. Êste nome representa uma homenagem a James Forrestal, ex-Ministro de Defesa dos Estados Unidos, já falecido, cujas memórias a REVISTA DA SEMANA publicou.

O "Forrestal" medirá, ao todo, 343 metros e 20 centímetros e seu convés de aterrissagem terá 72,5 metros de largura; com 59 900 toneladas, foi desenhado para acomodar os aviões a jato do futuro, mais pesados e mais rápidos do que êstes que vimos cortando os céus cariocas numa velocidade tão impressionante.

Também êles, os aviões a jato do "Oriskany" que, na medida do possível, apresentamos, parados ou em ação, dentro em breve já não serão a



Aspecto da proa do mais novo porta-aviões dos Estados Unidos da América do Norte, vendo-se, à esquerda, a tôrre, e, à direita, a pista para os aviões.



O helicóptero é um importante e imprescindível elemento auxiliar nas operações navais de guerra. Faz reconhecimentos que orientam as ações.

última palavra na guerra. E não é demais lembrar que êstes aviões que sobrevoaram o Rio de Janeiro, despertando as atenções gerais, fazem uma média de novecentos quilômetros por hora. Dentro de pouco tempo, porém, serão lerdos em comparação com outros que não hão de demorar a vir por aí.

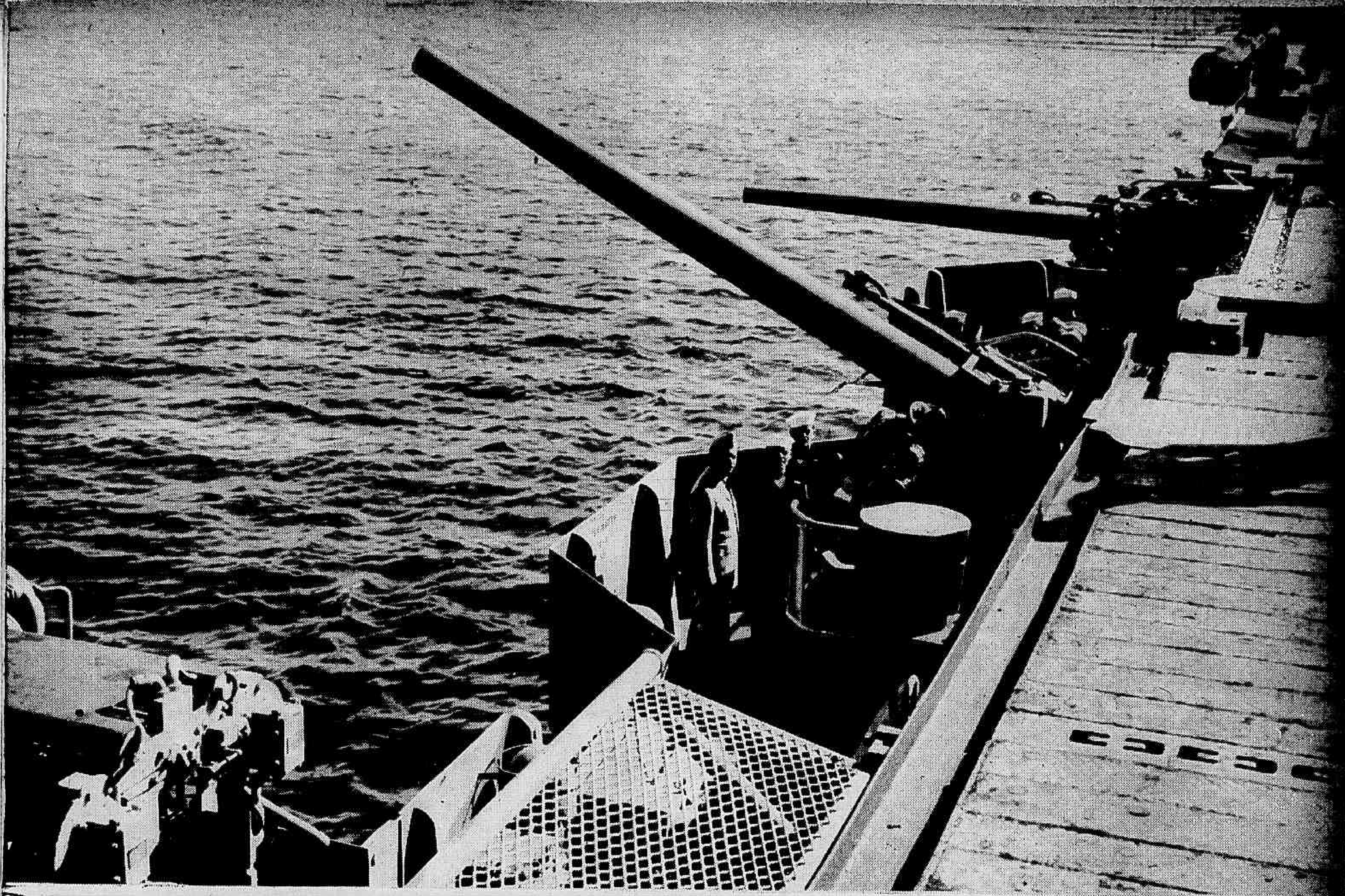
Os demais navios que compunham o grupo naval em aprêço e cuja presença em águas brasileiras, tanto deu que falar assim dentro do nosso país como fora de nossas fronteiras, mui particularmente a certos jornais argentinos, não oferecem características especiais.

Mas o enorme porta-aviões "Oriskany" é de fato uma belonave imponente sob todos os aspectos. Dentro dêle, o visitante sente, ao lado da impressão de grandiosidade que tem pelo que vê de longe, uma noção exata de quanto é complexo todo conjunto. Antes de mais nada, é como que uma pequena cidade onde se encontra tudo o que se faz necessário ao confôrto à vida dentro da enorme ilha de aço que flutua.

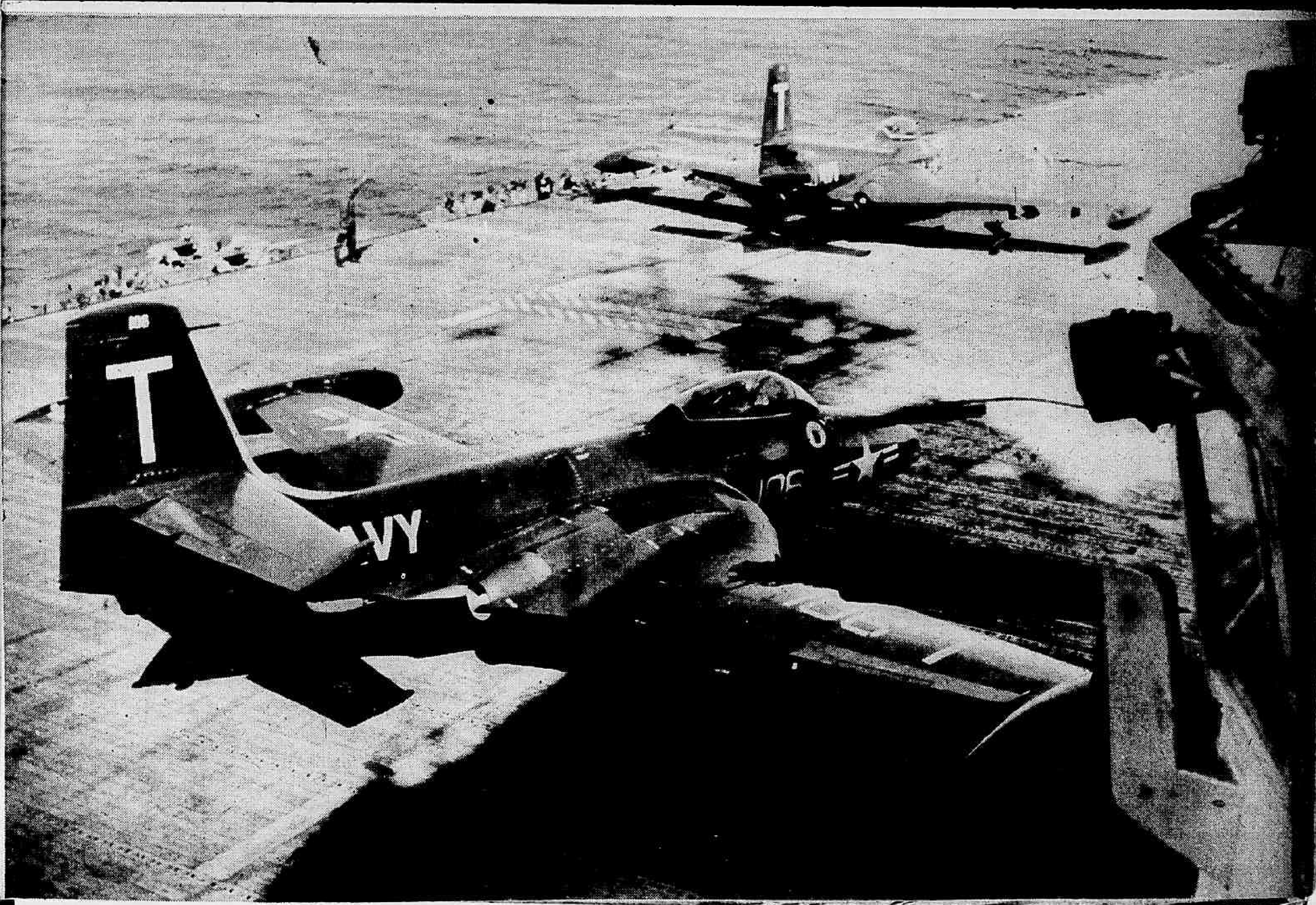
O "Oriskany", que é o mais moderno porta-aviões norte-americano e o quarto do mundo, em tamanho, foi construído nos estaleiros navais de Brooklyn, em 1944. O seu comprimento total é de 898 pés (cêrca de 269 me-



Uma manobra é sempre novidade para a própria tripulação, que a observa atentamente. O perigo nunca deixa de ser, pelo menos curioso.



As baterias são localizadas em saliências e cada uma é um labirinto de peças, cada qual com seus elementos. Embaixo, um avião a jacto, visto do alto



AVIÕES A JATO SÔBRE O RIO

tros e meio); tem 129 pés de largura (aproximadamente 39 metros) e desloca 37.000 toneladas.

O navio foi assim batizado em homenagem à Batalha de Oriskany, ocorrida ao norte de Nova York, durante a Guerra da Independência. Essa batalha, na qual os inglêses foram desbaratados pelos Coloniais, é reputada por muitos historiadores como uma das maiores façanhas da guerra no mar.

Os oficiais e homens da tripulação do Oriskany têm três principais refeições diárias, nas quais uma média de 4.000 galões de leite (16.000 litros, aproximadamente) e 1.400 libras de carne (cêrca de 680 quilos, são consumidos. Tôdas as salas de refeições da tripulação estão localizadas no terceiro **deck**.

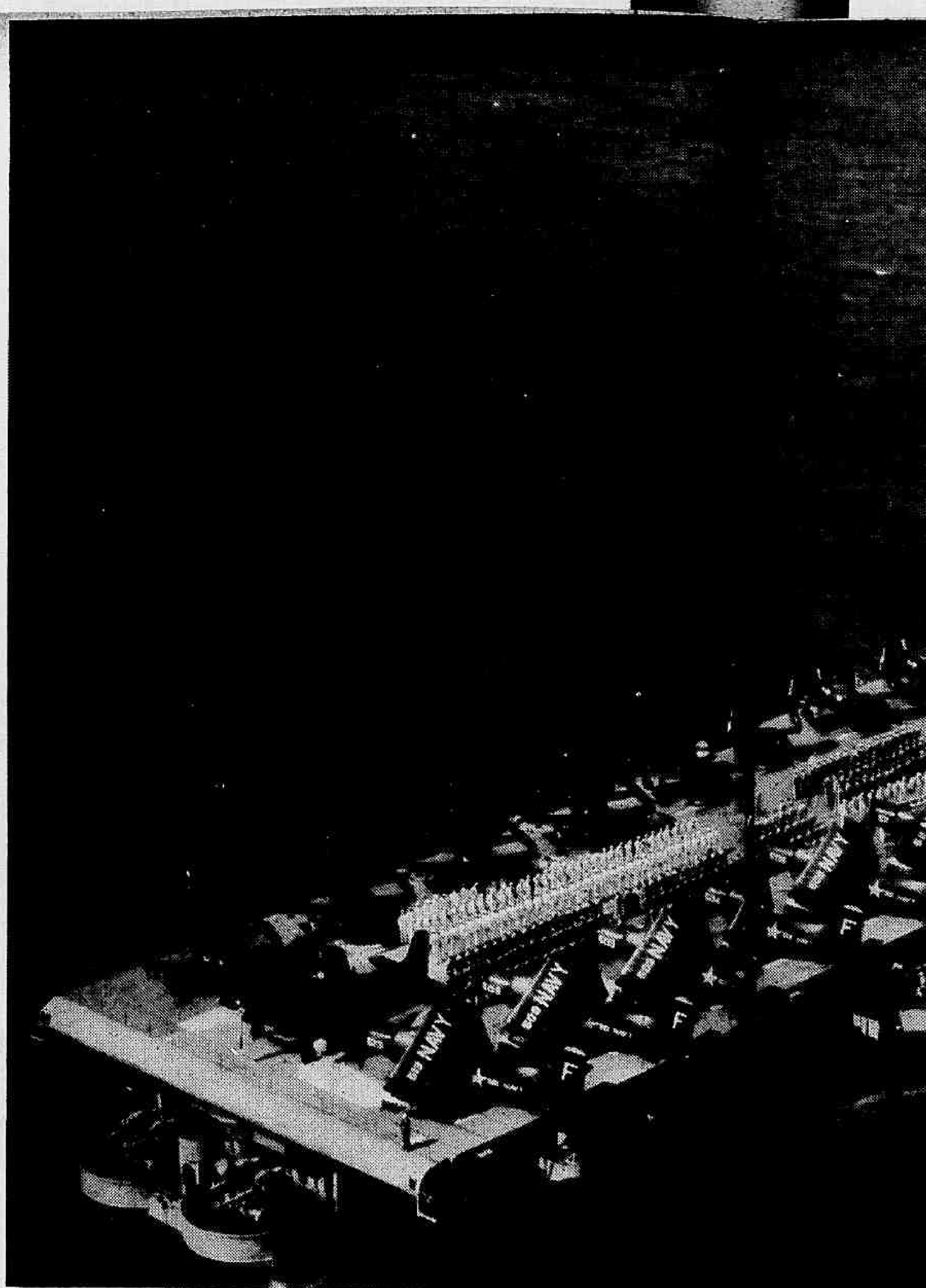
O "Oriskany" possui moderníssimo aparelhamento que torna a vida a seu bordo tão confortável como a que se pode encontrar numa pequena mas adiantada cidade. Tais facilidades e confortos incluem, entre outros detalhes, uma imensa barbearia, um armazém geral, alfaiataria, oficina de impressão, bares, casas de sorvetes e outros refrescantes, além de uma dezena de outras pequenas lojas. Quanto à parte recreativa, há salas de televisão, cinemas, abertos até tarde da noite, e uma bem organizada biblioteca.

Antes de ser passado para a reserva comissionada, de acôrdo com a recente lei de 1951, o porta-aviões "Oriskany" percorreu 53.207 milhas marítimas, tendo em seus longos cruzeiros chegado até as Caraíbas, como ponto mais ao sul e até as proximidades de Izmir, na Turquia, como o ponto mais distante para o ocidente.

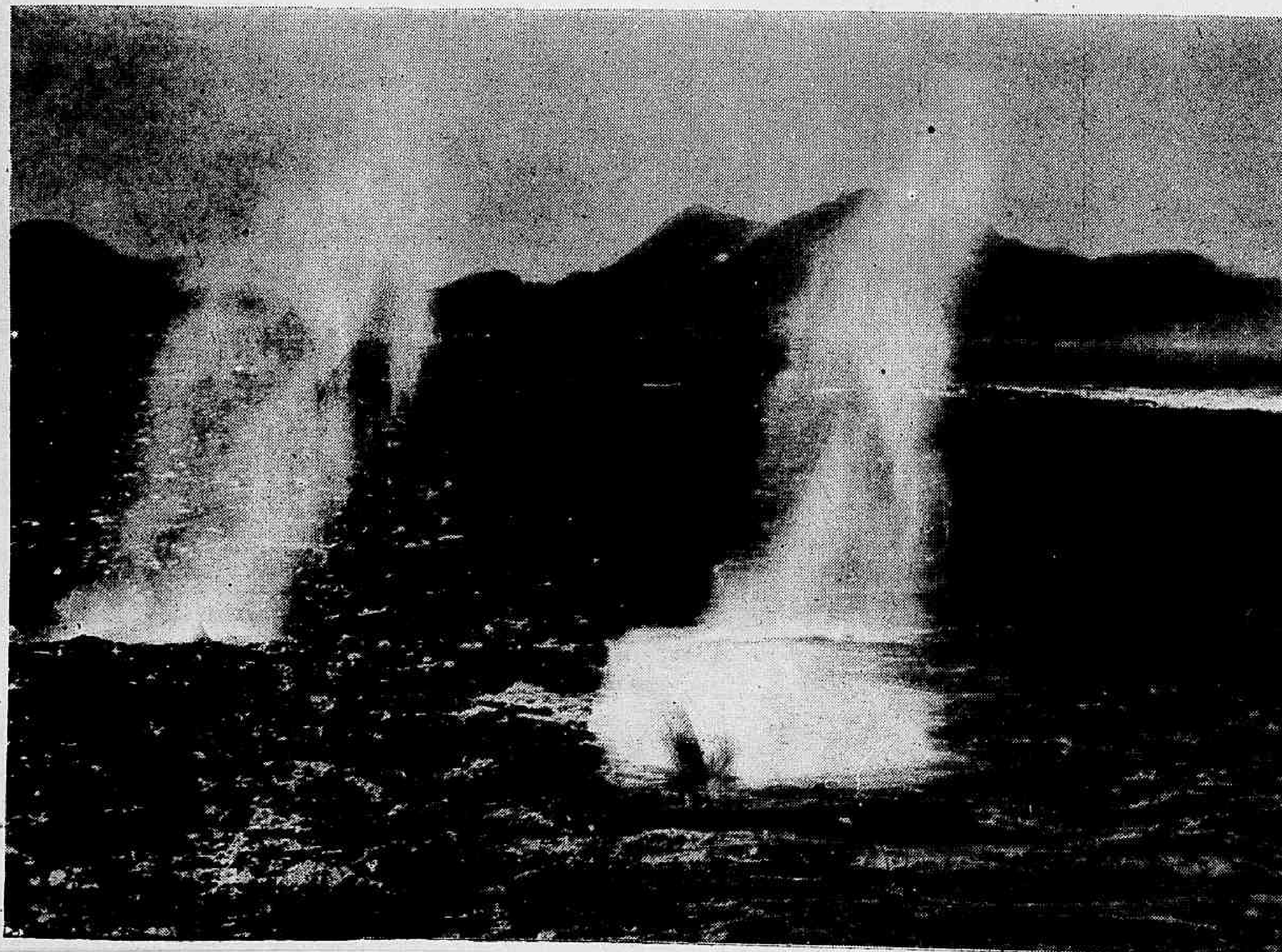
Foi lançado ao mar em 13 de outubro de 1945, isto é: um ano e cêrca de cinco meses após ser batida a sua quilha, em Brooklyn. Seu lançamento ocorreu, assim, muitos meses depois da rendição do Japão e, logo a seguir, estêve sempre em atividade, realizando viagens de treinamento até 1948.

Quando a flâmula de "comissionado" foi finalmente hasteada em seu mastro, em 25 de setembro de 1950, o Capitão Percy H. Lyon assumiu o seu comando, tendo sido substituído pelo atual comandante, Capitão John O. Lambrecht, em 25 de julho de 1951, quando o porta-aviões se achava em Izmir, Turquia.

Entre as suas viagens, o "Oriskany" estêve em águas de Cuba com o Primeiro Grupo Aéreo, tendo regressado à sua base em Quonset Point, em Rhode Island. Dali seguiu para as grandes manobras no Mediterrâneo e depois de cruzar o Atlântico, juntou-se à Sexta Esquadra norte-americana em Augusta, Sicília, juntamente com o porta-aviões "Saipan". Nos seguintes quatro meses, o "Oriskany" visitou quase todos os portos mediterrâneos, incluindo Atenas, Traklion e Suda Bay, em Creta; Tripoli; Izmir Cannes e Gôlfe Juan, na famosa Ri-

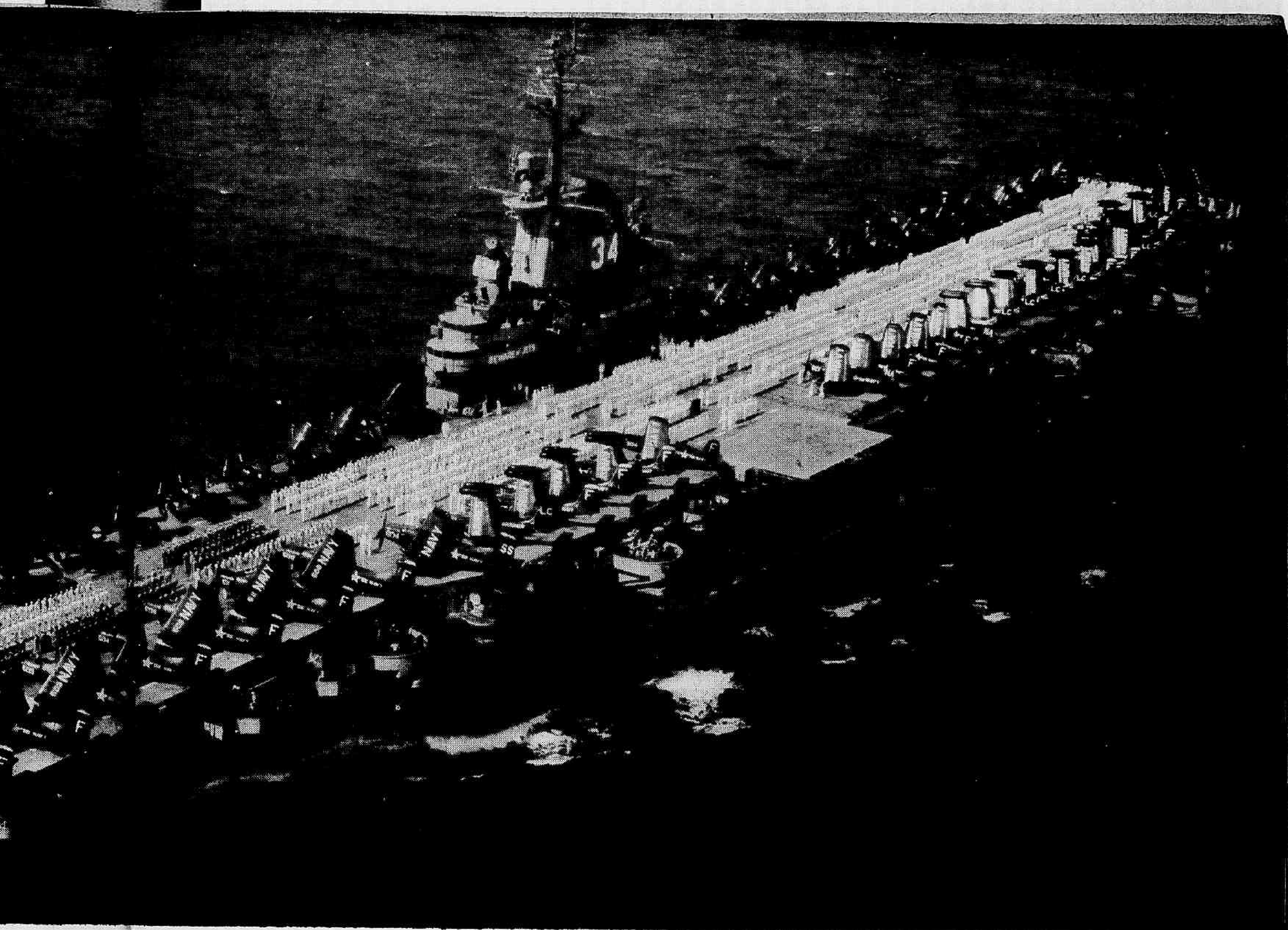


Vista de conjunto "Oriskany", ven... formados a tripula... e os aparelhos. N... fácil, ao observad... ber o que é pôpa e



O que as bomb... azem quando erra... alvo e caem sô... mar oferece as... bastante interessa... porém quase unifo...

O autogiro reconh... e volta à esplanad... navio, cuja parte s... rsa é extraordinàriam... estrita comparada ... a parte descob...

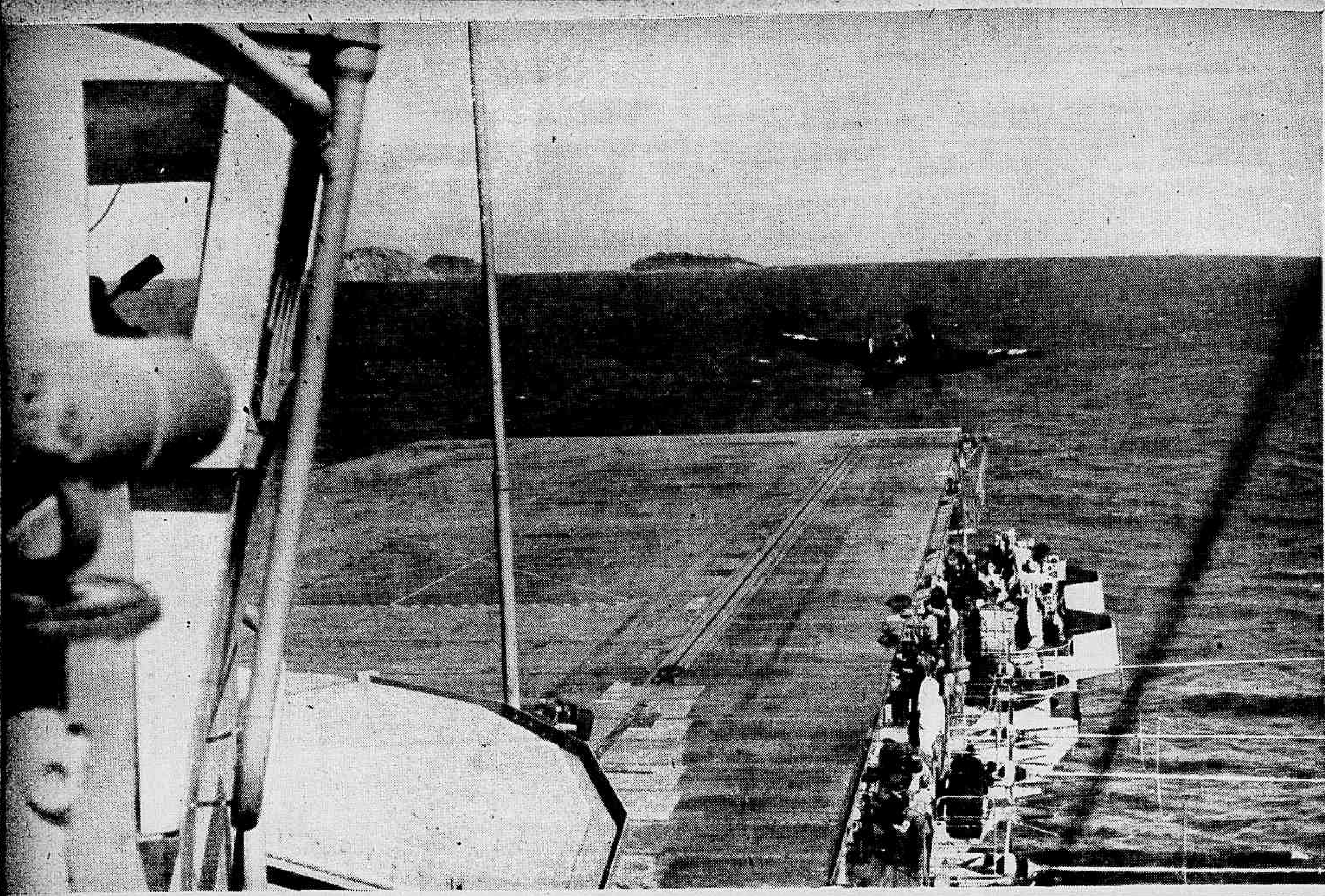


Vista de conjunto "Oriskany", vendo-se formados a tripula e os aparelhos. Não é fácil, ao observadober o que é pôpa e proa.

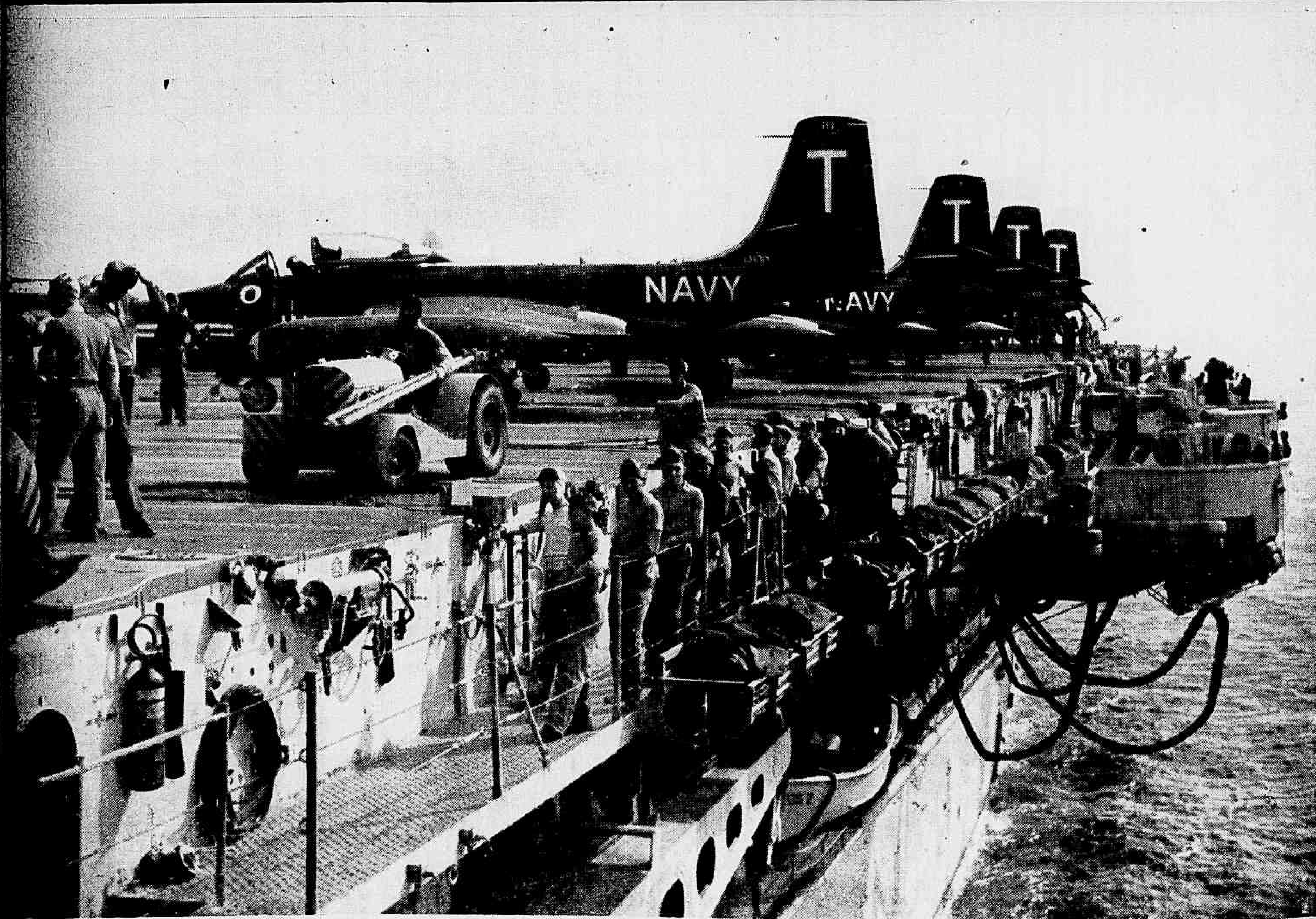
O que as bomb azem quando erram o alvo e caem sô mar oferece aspecto bastante interessa porém quase uniforme.

O autogiro reconh e volta à esplanada do navio, cuja parte su rsa é extraordinàriamente estrita comparada m a parte descoberta.





Êste caça a motor arranca violentamente da pista para sua perigosa missão. Não fôsse o mar, que se vê na foto abaixo, dir-se-ia que é uma base terrestre.





Cuidado com a quinta-coluna: muito educadamente, os americanos são severos na censura. Êstes oficiais vão vendos os negativos e, vez por outra: no... no...



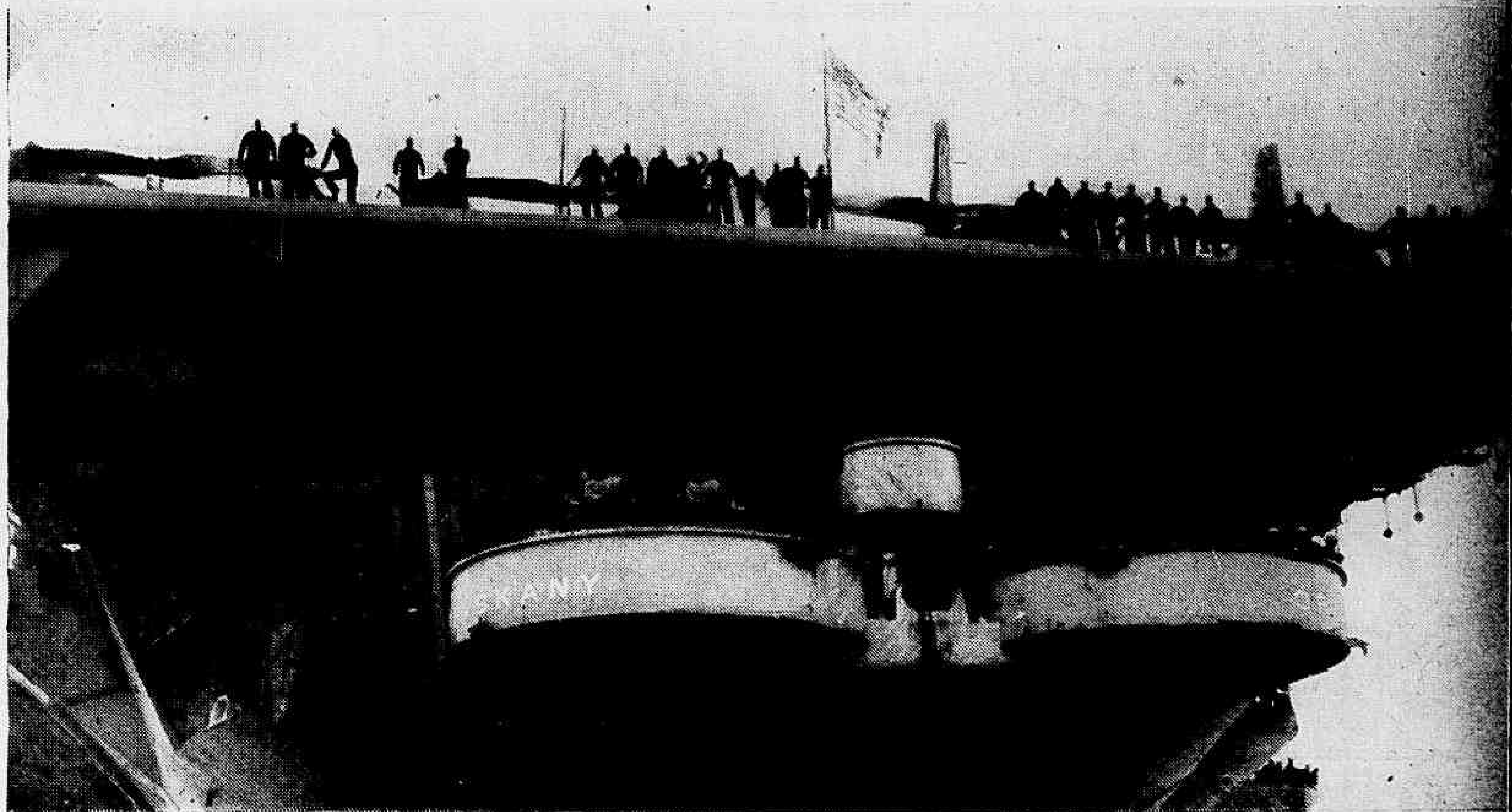
O Presidente Getúlio Vargas ouve explicações a respeito do navio e da guerra naval moderna. À sua esquerda o Chefe da Missão Naval norte-americana.

viera francesa. Êsses portos foram visitados nos intervalos das manobras com a Sexta Esquadra, quando a sua tripulação pôde visitar Roma, Capri, Veneza, Sorrento, a Suíça e Milão, retornando à base de Quonset Point em 4 de outubro de 1951, após cêrca de cinco meses de missões.

Após tanto navegar o "Oriskany" foi deixar sua Munição em Nova York e tornou a sair para os estaleiros dêsse pôrto, onde foi colocado na reserva naval do Atlântico.

Quando o imponente navio cruzava diante de Nova York, tôda a sua tripulação, formada no **deck** de pouso lançou o seu desafio para a cidade colossal: **"Olá, Nova York. "Oriskany" realizou cem por cento. Você pode fazer o mesmo?"**. Isso foi em referência à grande campanha pró doação de sangue, que vem constituindo uma verdadeira competição em tôda a grande nação amiga. De fato, todo o pessoal do "Oriskany" doou sangue, o que lhe valeu ser chamado de "Navio do Sangue".

Em maio de 1952 o grande navio deixou Nova York para San Diego, Califórnia, via Rio de Janeiro, Valparaíso, Chile e Callao — Peru, a fim de voltar a servir, agora com a esquadra do Pacífico.



Cara ou coroa? De perto, pode-se ver que isto é a pôpa do Oriskany. Só de perto, porque, de longe, está é uma "dolorosa interrogação".

A REVISTA HA 50 ANOS

(13 DE JULHO DE 1902)

CRÔNICA

POR iniciativa do sr. Guilherme da Rosa, vai a Sociedade Nacional de Belas Artes, de Lisboa, promover nesta capital uma Exposição de Arte Portuguêsa, sendo para ela convidados os artistas brasileiros a fim de que o certâmen tenha "o cunho de perfeita solidariedade e fraternal simpatia que caracteriza as relações de tradicional amizade e recíprocos interêsses entre os dois países" diz o convite.

Assinala-se êste começo do inverno de mil novecentos e dois por uma espécie de renascimento artístico de bom agouro. A alma brasileira tão atormentada de pesadelos na última década, volve-se com ânsia para êsse mundo de poesia e beleza onde se encontram o esquecimento da dor e a miragem do prazer. A atividade lírica do espírito desperta enfim, um pouco liberta da atmosfera atroz que sôbre ela pesava. Já a graça e a formosura doudejam por essas ruas, enchem os teatros, entontecem os salões com o seu perfume capitoso. E ao seu encontro, e pressurosas e álacres, vôam as almas afins, as de além mar, andorinhas que o frio afugentara dêstes ninhos outrora tépidos de afetividade e carinho.

Só os laços do ideal aproximam verdadeiramente os povos; só êles unem as consciências em santa comunhão: os outros, os do interêsse, têm na sua fôrça brutal a origem da própria ruína. Uma descoberta científica, uma nova organização da indústria, uma flutuação de capitais, um sindicato poderoso, um truste colossal, uma crise agrícola ou manufatureira bastam para despedaçar essas alianças que à primeira vista se haviam afigurado eternas aos seus promotores. Outro tanto não acontece com as simpatias oriundas de um passado e tradições comuns. Podem nuvens passageiras, arrufos de irmãos, perturbar-lhes a secular harmonia, mas logo o sangue vence o interêsse e os povos da mesma família voltam a repartir entre si o pão do espírito, o único que nos farta as ânsias da imaginação e da mentalidade.

A várias e dilatadas regiões do globo nos prendem hoje as necessidades do estômago e as ambições do confôrto, mas as almas brasileiras só com as portuguêsas se entendem de igual para igual. Só por uma ficção política somos "estrangeiros"; êles aqui, nós lá. Na intimidade no trato cotidiano, é freqüente a fusão integral dos patriotismos na unidade soberana da família. Não sei de propaganda mais nobre e fecunda que a que procura fortalecer os laços entre os dois países irmãos, os únicos que podem amar-se sem receios nem ciúmes. Com os outros povos, coagidos por necessidades econômicas a dilatar os seus territórios e a sua esfera de influência, viverá sempre o Brasil em inquieta e agoniada expectativa; de Portugal só vêm boas palavras e muitas, muitas. Não será o nosso primeiro dever cuidar essa linda flor do afeto?...

E' encantador o projeto da Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa e consiste em abrir um mercado à Arte portuguêsa no Brasil e, simultaneamente, um mercado à Arte brasileira em Portugal. Alternadamente, os artistas portuguêses exporão no Brasil e os brasileiros em Portugal, onde tantos dos seus compatriotas natos ou nacionalizados pelo afeto desfrutam as alegrias e os confortos da fortuna.

Depois, não se trata de uma exibição vulgar, de um torneio de desconhecidos. Já vêm, pois, que lhes não recomendo um brutal certâm de vulgaridades, mais mercantil que artístico, mas uma iniciativa forte, honesta e fecunda.

JACQUES BONHOME

O Mosteiro de São Bernardo

NO meio da longa cintura de montanhas, que separa a Itália da França, da Suiça e da Alemanha, está situado o mosteiro, que no décimo século fundou Bernardo de Meuthon, e ao qual deu seu nome.

E' a mais elevada de tôdas as habitações do antigo mundo. Reina aí, e em todos os arredores, um inverno eterno. Não se vê uma árvore, um arbusto, uma planta, uma insignificante verdura. Tudo o que se vê, são enormes massas de neve, aglomeradas umas sôbre as outras, perdendo-se nas nuvens.

E' neste lugar inabitável que a caridade, há mais de oito séculos, tem constantemente reunido homens, de um heroismo prodigioso de virtude. A sua vida aí, seja qual fôr a sua constituição e a sua idade não costuma exceder a dez anos. A extrema finura do ar, em desproporção com os órgãos da respiração lhos ofende, e lhes abrevia os dias de um contínuo sacrifício. Sequestrados do resto dos homens, e ùnicamente em contacto com aquêles que o acaso, a curiosidade ou a desgraça conduzem ao seu mosteiro, ou à proximidade dêle, êstes bons cenobitas praticam atos de caridade sublime.

Sem prejuizo nacional, ou religioso, acolhem igualmente todos os que lhes pedem asilo, ou dêle necessitam. Mas os esperam tranqüilamente, ou, soldados de uma nova milícia, vão êles à sua descoberta? Eis aqui o fim principal de sua instalação. Guiados por cães de uma raça singular, aos quais não escapa corpo algum, vivo ou morto, por maior que seja o precipício, ou a profundidade de neve, em que se ache oculto, êles saem, superiores à fúria dos elementos e das tempestades, a procurar os viajantes perdidos, asfixiados, ou sepultados nas neves e conduzem-nos; e quem pode descrever os desvelos com que aí os tratam. Sendo os arredores todos de rocha, não há terra que possa servir de sepultura aos que morrem. Envolvem-se em lençóis, e põem-se em fileiras ao ar. Não estão sujeitos à putrefação, secam, e conservam as feições de maneira que muitos têm sido reconhecidos por seus parentes e amigos, alguns anos depois da morte.

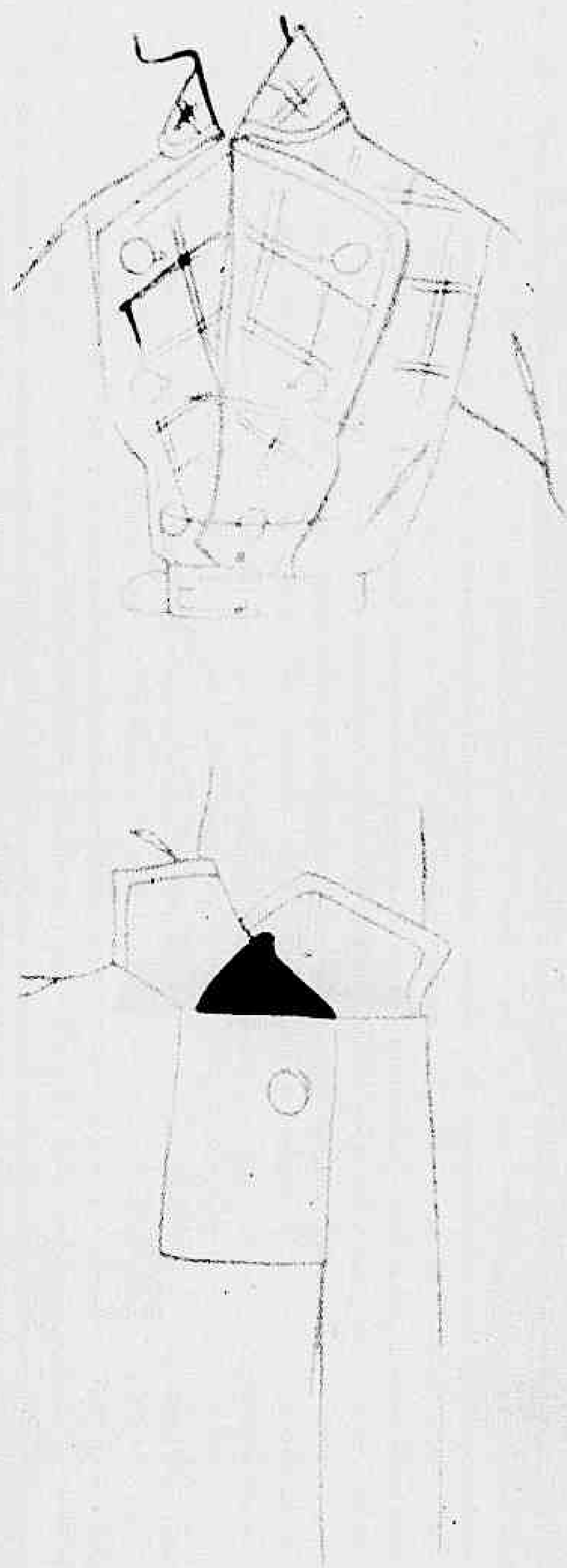
Assim os cenobitas do monte de S. Bernardo, tão elevados acima dos sentimentos vulgares, como sua habitação o é acima das outras habitações terrestres, rodeados de neve e de cadáveres, respirando um ar homicida, praticando atos da mais extremada virtude, passam uma vida, que para os apáticos egoistas e para os ímpios não pode deixar de ser um imcompreensível mistério. Quem não se enternecerá, contemplando êstes heróis do Cristianismo? Quem, vendo-os, não cairá de respeito e de admiração a seus pés?


REVISTA DA SEMANA
CHRONICA

MAESTRO LEOPOLDO MIGUEZ — Diretor do Instituto Nacional de Música — Falecido em 6 de julho de 1902

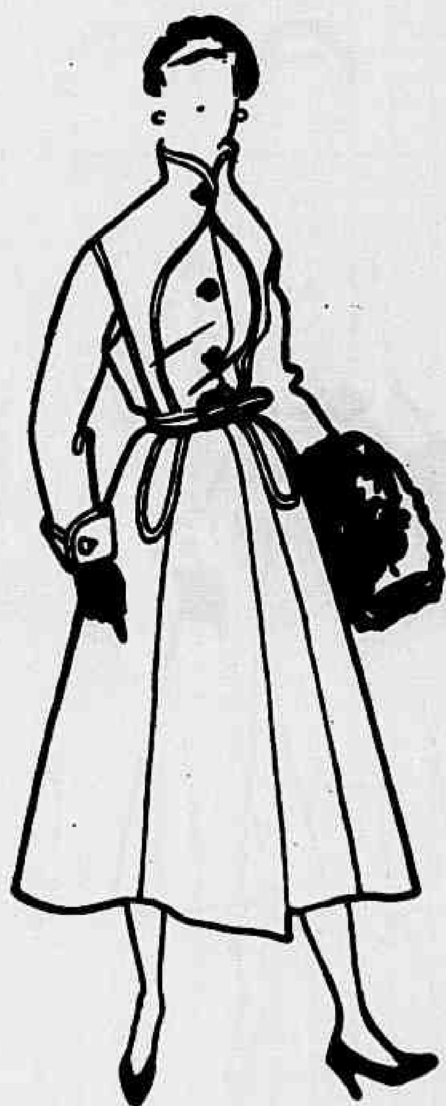








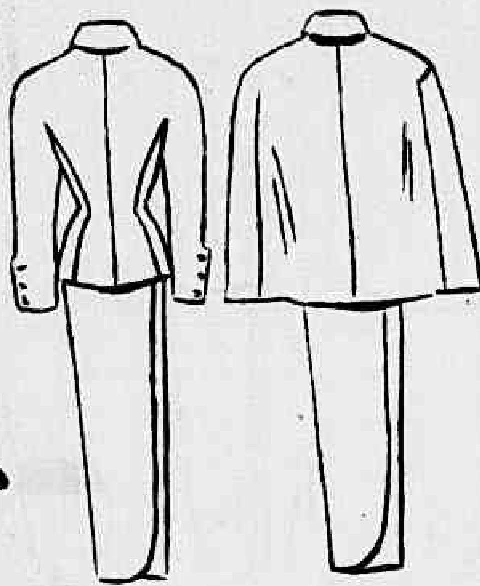
Ao centro capa de chuva em gabardine impermeabilizada. Aos lados, alguns detalhes e dois manteaux muito modernos, amplos. O primeiro é completamente sôlto, com um corte curioso das mangas que sobem para formar a gola. No segundo, amplo porém cintado, a gola é também o aspecto original, muito subida e a abotoada na frente.



NOVAS LINHAS



1





2



1°) — De linha jovem, êste costume é adornado por uma gravata de vison. 2°) — Para o costume precedente, no mesmo tecido, faça uma capa sem gola nem mangas. 3°) — Os dois manteaux reunidos nesta página obedecem ao mesmo molde. O primeiro não tem gola, podendo fàcilmente ser acrescido de uma pele, combinando com punhos. O segundo tem gola e punhos de pele, além de gola em tecido na forma de pelerine.



DE UM DIÁRIO

AFINAL compreendo que Ana não me queria mais. Confesso que foi difícil forçar o coração a aceitara nova realidade. E êsse foi meu trabalho maior. Bebi e sofri pelas esquinas. Creio que falei à-toa, monologuei diante de árvores e postes. Uma noite, surpreendi-me sentado num banco de praça, riscando o nome de Ana na areia ainda úmida de chuva. Lembro-me que caprichava nas letras, enternecia-me em guirlandas e arabescos. A luz baça do poste descia sôbre as letras e eu pude reparar que nunca fôra mais caprichoso. Estava assim, quando o guarda, rotundo e bonachão, aproximou-se de mim e perguntou:

— Palpite pr'amanhã?

— Não senhor: nome de uma mulher. Eu gostava dela.

Foi aí que risquei o nome. Risquei e rabisquei com algum desespêro. Tanto que o guarda sorriu e disse:

— Mas ainda gosta, não é?

Não respondi. Êle continuou sua ronda e eu fiquei considerando que, na verdade, não poderia dizer que já não gostava de Ana, pois ela ainda estava presente. Naquele dia, por exemplo, estivera comigo em tôdas as horas. Durante o passeio que fiz na margem do mar, chapinhando com os pés ondas pequenas que vinham desfalecer na areia; na viagem de bonde, sòzinho no último banco, até o final da linha; na leitura do romance que abri sôbre os joelhos, no silêncio de meu quarto, enfim durante todos os momentos daquele dia e daquela noite ela estivera presente. Via seus olhos graúdos na espuma do chope, ouvia seu sorriso rápido e estridente na voz sôlta dos meninos. De quando em quando meu coração saltava, quando alguma mulher, dobrando a esquina, me lembrava seu andar ou seu penteado curto. Não me esqueço de uma que vinha vestida de um beje quase róseo, blusa azul-escuro e sapatos da mesma côr. Nesse momento eu conversava com alguns amigos na mesa do bar. De repente parei, cortei bruscamente o assunto e acompanhei a mulher até perdê-la de vista. Todos notaram. Mas disfarcei bem, embora tivesse as mãos trêmulas e tivesse derramado uma boa porção de chope na camisa.

Supérfluo é relembrar que quase não dormi naquela noite. Verdade que depois da chuva o céu se abriu em estrêlas. Debrucei-me longo tempo na janela, fumando e acompanhando com os olhos ardidos o pisca-pisca das estrêlas. Lembro-me que tomei um susto quando inesperadamente um cometa riscou a amplidão de lado a lado. De certo fiz meu pedido. Por mais que não acreditemos em certas coisas, há momentos especiais em que pomos tôda a fé na mais ridícula das superstições. Pois Ana, que é inteiramente despojada, não afirmou certa vez que Deus existia?

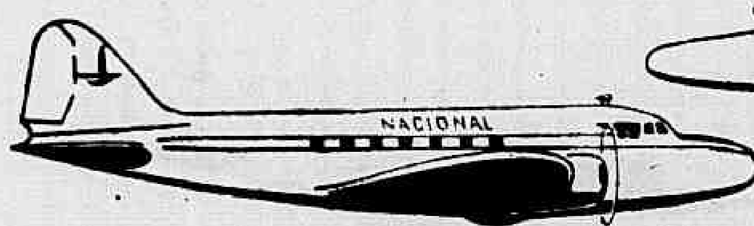
Fui para a cama. Veio-me depois o sono, superficial e interrompido. Já me aconteceram coisas na vida, coisas amargas que me puseram a chorar, obrigaram-me a perder o sono, a ficar irritado com amigos e pessoas de minha família; coisas que me punham jururu, trancado dentro de mim mesmo; que me afastavam das atividades comuns, coisas enfim que pressionavam demasiado. No dia seguinte, ou mesmo depois de algumas horas, eis que meu sorriso retornava. Despia-me daquele grosso sobretudo e novamente andava leve e alegre, como se nada tivesse acontecido. Assim foi com a morte de meu pai. Achei que inútil seria a tristeza eterna. E nem mesmo luto — a não ser um fiapo de gravata preta — deixei ficar sôbre meu corpo. No entanto, quando tive a certeza de que Ana não mais me queria, naquela noite rolei na cama como se eu fôra um animal que, no despertar da madrugada, tivesse que se queimar no sacrifício de uma fogueira.

Pela manhã, reparei nos cinzeiros: montes e montes de cinza e pequenos tocos de cigarros fumados até quase o fim. Reparei também em minha roupa. Bem ao contrário de meus hábitos, as peças andavam esparramadas — gravata no chão, camisa sôbre o rádio, paletó largado na cadeira, calça atirada para um canto. Tentei recompor as últimas horas da noite e dei-me conta de que não voltara embriagado. Certamente bebi, bebi muito entre amigos e sòzinho. Mas quando fui ao parque — apanhei um graveto, sentei-me no banco, bordei o nome de Ana na areia molhada e conversei com o guarda — tenho certeza de que estava com o juízo no lugar: o vento da noite refrescara-me a fronte e já não havia mais nenhuma inconsciência de bebida. Sem dúvida a desordem era de revolta, por conta do despeito, talvez amor-próprio ferido, sei lá? Certo é que não estava embriagado. Tanto que abri um livro antes de deitar e anoitei alguma coisa, como às vêzes faço, quando o escritor diz algo que se refere ao estado ou aos meus estados mais presentes. Nessa noite, Amiel era que falava. Falava em ofuscamento da vista, acesso de ternura, horror ao deserto. "Tudo me parece vão, vazio, inútil, exceto o amor. E por outro lado, o amor sem a paz de consciência não é senão uma vertigem ou um corroer do espírito". Vinham depois palavras de fogo, palavras que eram ditas diretamente para mim, frontalmente, como se o velho Amiel, de brancas barbas e rosto amargurado estivesse cravando sôbre mim seus olhos de aço. Todavia, doce era sua

(Cont. na pág. 46)

Conto de JORGE EMILIO

Ilustração de OSWALDO DA CUNHA



RECIFE
MACEIÓ
ARACAJÚ
SALVADOR

diretamente ligadas ao Rio



Realize esplêndidas viagens ao Norte, pelos novos aviões DC-3 mi tos da NACIONAL. Descontos de 25% Magnífico tratamento à bordo e período mínimo de tempo

através da maior rêde aérea do interior

Aracajú
Araxá
Almorés
Alfenas
Almenara
Anápolis
Araçuaí
Aragarças
Arcguari
Assunção
Balisa
Barra
Barreiras
Barretos
Bela Visto
Belo Horizonte
Bocaluva
Buriti Alegre
Cáceres
Caiapônia
Cambuquira
Campanha
Campinas
Campo Grande
Caratinga
Carinhanha
Caxambú
Conquista
Coromandel
Corumbá
Coxim
Cuiabá
Curvelo
Diamantina
Dourados
Goiânia
G. Valadares
Guaxupê
Guiratinga
Ilhéus
Ipameri
Iporá
Itabuna
Itajubá
Ituiutaba
Januária
Jataí
Jequitinhonha
Joazeiro
Juiz de Fora
Lapa
Lavras
Maceió
Machado
Manhuassú
Monte Carmelo
Montes Claros
Morrinhos
Passos
Patos
Patrocínio
Pedra Azul
Petrolina
Pirapora
Pires do Rio
Piumhi
Poconé
Ponta Porã
Ponte Nova
Pouso Alegre
Poxoréu
Re f e
Remanso
Rio Verde
S. J. Del Rei
S. Lourenço
Salvador
Teófilo Otoni
Tupaciguara
Ubá
Uberaba
Uberlândia
Vitória
Xique Xique

NACIONAL

TRANSPORTES AÉREOS

Agência de Passagem — Rua Santa Luzia, 685-B — Tel. 32-6119 e 32-7399
Agência de Carga — Avenida Beira Mar, 514 — Tel. 42-9850 e 32-9455



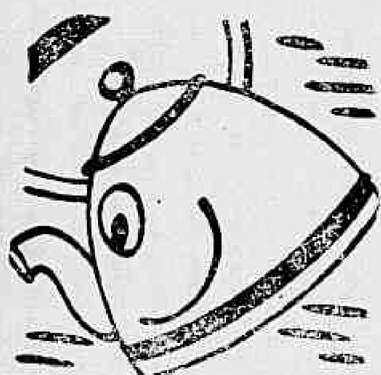
LIDO... VISTO...

BICO DE CHALEIRA

MENOS usada do que já foi, ainda se emprega em nossa gíria a expressão "chaleira" e "bico da chaleira", como sinônimas de bajulação.

Vai para quarenta anos, o Carnaval carioca pegou fogo com a modinha:

"Mamãe me deixa
Subir nesta ladeira,
Que eu sou do grupo
Do "pega na chaleira"...



Qqual, porém, a origem da expressão? Que ligação pode ter uma chaleira com o ato do cidadão procurar agradar, bajular, engrossar, "puxas"?...

A origem é genuinamente política e vem dos tempos do predomínio de Pinheiro Machado, o chefe gaúcho, o general dos Pampas, o Chanceler dos Potreiros, como o chamou Ruy Barbosa num dos seus entreversos tribunícios no Senado, onde eram colegas.

E' que, como gaúcho, Pinheiro madrugava na sua residência do Morro da Graça, para chupar o seu chimarrão, bem cevado, como se diz no Rio Grande.

Madrugavam os políticos para irem tomar o mate-chimarrão com o grande chefe, que dava as cartas na política. E tinham que subir íngreme ladeira...

Iam todos pegar na chaleira do general... na chaleira onde os gaúchos fervem o seu mate, na hora, para o servirem nas cuias e com a bomba. Quando o chimarrão vem pelando de quente, lá dizem êles, amáveis: Cuidado que é redomão! Dai há pouco, quando naturalmente já sapecou a bôca do novato, lá vem o aviso camarada: — dê de rédea, que já amansou...

RESPONDA ESTAS

11 Germinariam, se fôssem plantados, os grãos de trigo achados nos túmulos dos faraós?

12 Que é que faz as pimentas arderem?

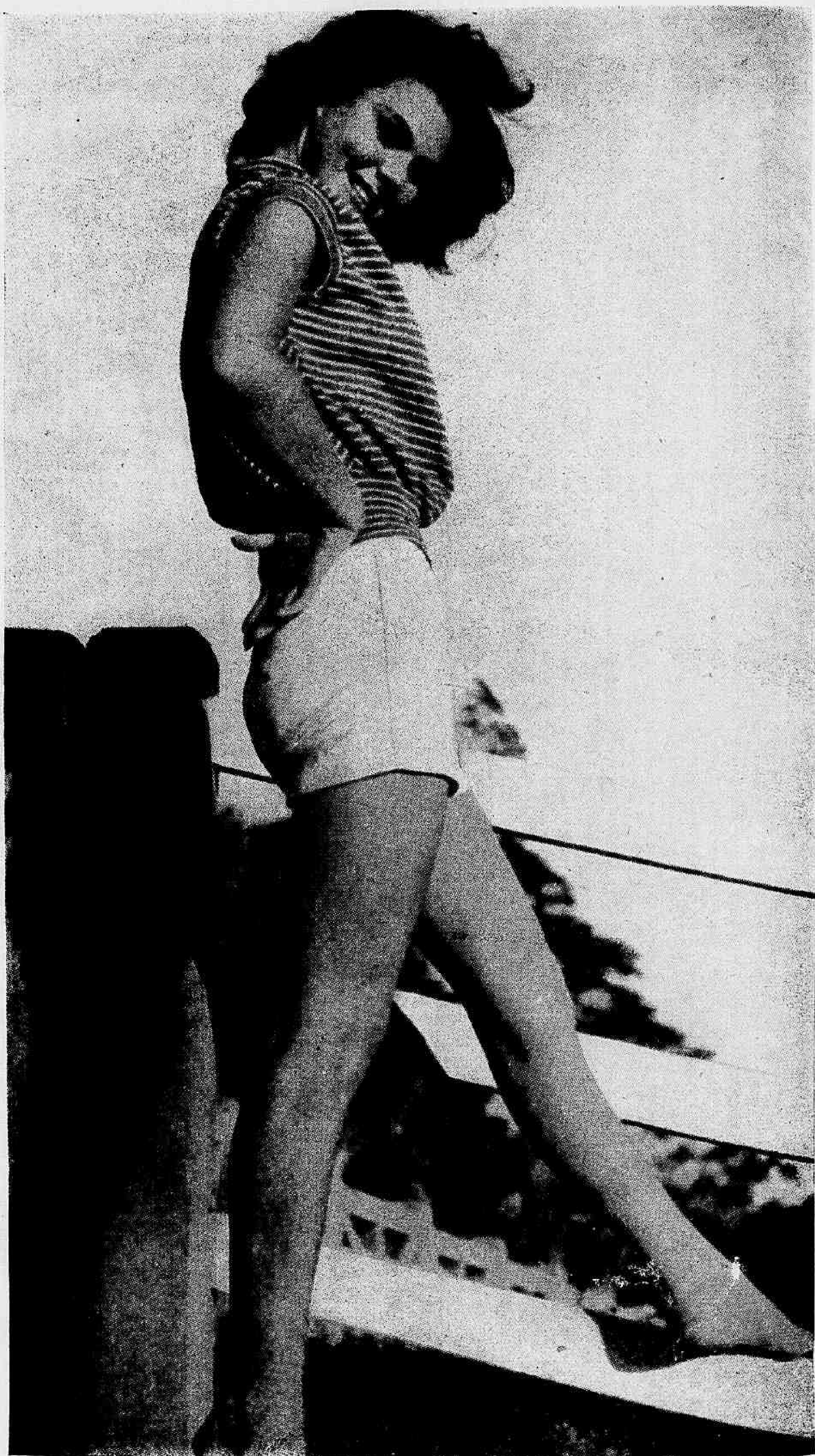
13 Quem foi o Barão de Quaraim?

14 Qual era o verdadeiro nome de Douglas Fairbanks?

15 Que é manipueira?

RESPOSTAS AS PERGUNTAS DO NÚMERO ANTERIOR: — 6. Massa de feijão fradinho com azeite de dendê; 7. um mexicano chamado Flores; 8. Antônio Paulino Limpo de Abreu; 9 As mesmas sete vértebras, porém, mais longas; 10. Bernadotte, antigo soldado e marechal de Napoleão Bonaparte.

Você acredita...



OUVIDO... ONTEM, HOJE, AMANHÃ...

...na evolução das espécies?



POUCAS... E BOAS...

CÁ ENTRE NÓS...DIGA A VERDADE:

Nunca voou o seu chapéu numa ventania?
Não se esqueceu nunca da pasta em casa?
Nem se esqueceu das chaves de casa na mesa do escritório?

Nunca perdeu o trem, ou o ônibus de hora certa?
Nunca perdeu um botão de colête, se você usa colête?

Nunca se esqueceu do guarda-chuva no café?
Bem, diz o jornal italiano que fêz êsse teste com seus leitores, se tudo isso não lhe aconteceu, vá a um exame médico, **porque você, meu filho, é um fenômeno.**

CIDADÃ AMERICANA

Depois de dez anos nos Estados Unidos uma senhora húngara achou que já era tempo de se naturalizar cidadã norte-americana.

Trata da papelada e chega ao exame final.
Algumas perguntas são feitas sôbre história do país, para verificar se realmente o candidato é digno da cidadania desejada.

— Qual é o maior general dêste país, o mais célebre, o mais falado?
E a senhora húngara, sem pestanejar:
— General Motors!

CAÇADOR CAÇADO

Duane Hunter (Caçador), um garôto traz no nome a predestinação para a aventura. Joga e é um bicho nas corridas. Apostou 30 dólares numa Tirolesa americana... e foi uma... barbada. Ganhou 2.805 dólares — cêrca de 60.000 cruzeiros.

Mas um juiz — não há juizes em Detroit... — condenou o pequeno a empregar a bolada em bônus do govêrno, que por ironia da sorte se denominam Bônus da Defesa...

AMIGOS

Meus amigos, não há amigos!

QUEM DISSE ISTO?

11 **A legalidade nos mata.**

12 **Pouca gente sabe ficar velha.**

13 **A ingratidão é a independência do coração.**

14 **Bella, horrida bella!**

15 **"Eu sou escravocrata da gema."**

RESPOSTAS ÀS PERGUNTAS DO NÚMERO ANTERIOR: — 6. *Catão, o Censor;* 7. *Shakespeare;* 8. *Fouché;* 9. *La Fontaine;* 10. *Petrarca.*

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 — QUAL A TRADUÇÃO DA EXPRESSÃO LATINA, «ALTER EGO»:

— Altar de Deus?
— Outro ser idêntico?
— Até que enfim?

2 — QUAL O ATUAL NOME DA CIDADE ALAGOANA DE PIRANHAS:

— Marechal Floriano?
— Entre-Montes?
— Deodoro da Fonseca?

3 — UMA PESSOA QUE CAUSA A MORTE A OUTRÉM COM O SEU AUTOMÓVEL, COMETEU HOMICÍDIO:

— Culposo?
— Qualificado?
— Ou simples?

4 — QUAL O ANTERIOR NOME DO MUNICIPIO DE CAMPINAS:

— Planalto?
— Campos do Mogi?
— S. Carlos?

5 — QUAL O NOME OFICIAL DA ÓPERA DE PARIS:

— Academia de Música e Dança?
— Instituto de Arte de Paris?
— Palácio das Musas da França?

6 — QUAL ERA O NOME TODO DE DEBUSSY:

— Aquiles Cláudio Debussy?
— Cláudio Debussy Aquiles?
— Debussy Aquiles Emmanuel?

7 — COM QUE IDADE COMEÇOU O ALEIJADINHO A SOFRER DE LEPRA:

— Aos vinte e um anos?
— Com trinta e cinco?
— Depois dos quarenta e sete?

8 — A PROPÓSITO DO ALEIJADINHO; QUAL ERA SEU NOME VERDADEIRO:

— Francisco Lisboa?
— Francisco Antônio Lisboa?
— Antônio Francisco Lisboa?

9 — EM QUE PONTO DE SUA VIDA EMERSON SE PARECE COM NIETZSHE:

— Ambos perderam o juizo?
— Morreram por suicídio?
— Tinham um ôlho vazado?

10 — QUAL A PRONÚNCIA DO NOME BOLIVAR:

— Bolivar (paroxítona)?
— Bólivar (proparoxítona)?
— Ou Bolivár, acento na última sílaba?

11 — DE QUE FILÓSOFO É A FRASE: «CONHECE-TE A TI MESMO»:

— De Aristóteles?
— De Platão?
— De Sócrates?

12 — A PROPÓSITO DE PLATÃO, QUE SIGNIFICA ÊSSE NOME:

— Homem cauteloso?
— Ombros largos, atléticos?
— Sábio?

13 — QUE FÊZ DIONÍSIO, REI DE SIRACUSA, QUANDO PLATÃO LHE EXPLICOU COMO SE DEVIA GOVERNAR UM POVO:

— Deu-lhe um prêmio?
— Mandou surrá-lo?
— Vendeu-o como escravo?

14 — QUAL DÊSTES FILÓSOFOS BEBEU CICUTA PARA IMITAR A MORTE DE SÓCRATES:

— Aristóteles?
— Anaximandro?
— Demócrito?

15 — A FILOSOFIA DE EPICURO (EPICURISMO), ENSINA A SERMOS:

— Comedidos?
— Dissipadores?
— Perversos?

(Respostas na página 49)

CONVERSA DE MULHER

UMA HISTÓRIA FEIA



ERA uma vez uma menina chamada Ana Frank, que tinha uma irmã um pouco mais velha, pai e mãe. Aos treze anos, Ana morava com sua família, procedente da Alemanha, na Holanda, então sob ocupação germânica. E um dia a Gestapo de Hitler pediu o comparecimento do pai de Ana à sua sede.

O pai de Ana não compareceu. Era um judeu e imaginava o que o aguardaria. Ao contrário, ocultou-se juntamente com os seus e mais quatro judeus num edifício de escritórios de Amsterdam, acobertado por amigos holandeses. Os outros judeus eram o casal Van Daan, seu filho Peter e o dentista Albert Dussel.

● Ana havia ganho no seu décimo terceiro aniversário um diário, no qual ia registrando com entusiasmo fatos e impressões. Contara de um velho filme do cachorro Rin-Tin-Tin que tinha visto; sua professôra obrigara-a a fazer uma composição sôbre uma "Matraca incurável", pois ela falava muito, e Ana a transcrevera também. Depois que passou a viver escondida, Ana continuou a gravar no diário os acontecimentos; suas observações foram adquirindo um tom mais sombrio, sua habilidade de redigir se apurou, seu espírito atingiu uma maturidade inesperada. E o resultado foi uma das mais comoventes histórias que já foram contadas sôbre a Segunda Guerra Mundial. Era horrível a vida dos refugiados no que êles chamavam de Anexo. Não podiam fazer nenhum ruído de dia, com receio de despertar a atenção dos que trabalhavam no edifício, e à noite não podiam acender luzes. A comida, levada pelos amigos holandeses, em breve se tornava insuficiente. Havia sempre o perigo, o mêdo da polícia. Mas o pior era ficarem todos reunidos num pequeno espaço, sem trabalho nem divertimentos, às vêzes sem esperança.

● Ana lutava com o dentista Dussel pelo direito de escrever numa mesa que com êle partilhava. E ia anotando as suas reações.

"Por que gente grande briga tanto", é uma de suas perguntas, "tão fàcilmente e a respeito das coisas mais bôbas?". E concluía: "Só se conhece bem as pessoas quando se tem que brigar a sério com elas". Na estreiteza da vida que levavam, as duas famílias ainda se disputavam por banalidades como qual a melhor maneira de lavar panelas e quais os pratos que deveriam ser usados.

● Em seu esconderijo, Ana lia Goethe e Schiller, os enredos dos últimos filmes nos jornais que o grupo recebia, estudava mitologia grega e aprendia, sòzinha, estenografia. Observou em seu diário que para fugitivos "é muito importante saber escrever em código". Preocupava-se muito com a própria pessoa e um dia escreveu do seu contentamento por ter sua irmã declarado que a achava bonita e com lindos olhos. A respeito dos pais, Ana escreveu: "Quero que meu pai me ame verdadeiramente, não apenas como sua filha, mas como a pessoa que eu sou, Ana.. Minha mãe e eu somos exatamente o oposto uma da outra, de modo que, naturalmente, nos chocamos. Não manifesto a minha opinião sôbre o caráter de minha mãe, pois não a posso julgar. Só a vejo como mãe, que é o que ela não consegue ser para mim". Outra observação de Ana: "Afasto-me de todos, dirijo eu mesma o meu próprio barco e mais tarde verei onde vou aportar."

● Apesar de não se interessar por política, Ana procurava entender o que se passava no mundo. "Não acredito que os grandes homens, que apenas os políticos e capitalistas sejam responsáveis pela guerra", disse. "Não, os pequenos também são culpados, pois de outro modo os povos do mundo já se teriam há muito revoltado. Há no povo um impulso para destruir, para matar, assassinar e devastar, e a não ser que a humanidade inteira passe por uma grande transformação as guerras continuarão a explodir..." Mas às vêzes seu coração parecia soltar um grito que poderia ser o de todos os judeus da Europa: "Quem nos impôs êste destino? Quem fêz os judeus diferentes de todos os povos? Quem permitiu que sofrêssemos tão terrivelmente? Foi Deus que nos fêz como somos, mas será também Deus quem nos erguerá de novo."

(Cont. na pág. 48)

ROTINA DE BELEZA

QUÍMICA E BELEZA



O que é a química, minha bela senhora? A pergunta pode ser respondida pela resposta a uma outra pergunta: Que seria de nós **sem** a química?

● Imaginemos uma manhã cinzenta e friorenta em qualquer grande cidade do mundo. Uma linda jovem, Maria por exemplo, já que Maria é dos nomes mais internacionais, desperta de um sono sem sonhos em seu elegante apartamento de três peças e dependências, dando para o rio ou para a baía. Maria tem vinte e nove anos, é inteligente, trabalha e funciona como assistente especial do diretor de uma grande companhia com diversas filiais. Maria desperta, como dizíamos. Mas, na nossa fábula, enquanto ela dormia, a química e portanto todos os frutos haviam desaparecido da face da terra.

● Assim, para começar, Maria despertou tarde. O relógio parara, já que muitas de suas partes eram resultados de pesquisas químicas. Com o relógio parado, não tocara a campainha do despertador. Percebendo pela luz do dia que estava atrasada, Maria pulou da cama, sem reparar que as molas do colchão se haviam desfeito e que êste se achatara. Tocou a campainha da cabeceira. Não aconteceu nada.

Não havia eletricidade. Por certo, a eletricidade é um fenômeno **físico**, não químico; mas para gerar e transmitir a fôrça elétrica dependemos de inúmeros processos e descobertas químicas.

● Maria corre para o banheiro. Sua escôva de dentes de "nylon" sumiu. Igualmente seu pente e sua escôva de cabelos. Também a pasta de dentes. Um tanto enervada, abre a torneira. Corre a água, mas o gôsto é esquisito. Não tem mais cloro. Mas, em compensação, tem germes em quantidade.

● Corre para o toucador — um presente em madeira que lhe fêz sua mãe, ainda intacto. Mas todos os cosméticos, loções, bandejas, desodorantes, depilatórios, pós e perfumes voltaram ao limbo. Não há, na verdade, mais nada dêsse gênero na terra (embora Maria ainda não saiba), a não ser sumos de frutas ou flores e ervas e as lamas coloridas que os guerreiros selvagens usam para se pintarem para a luta. Maria não possui tais materiais primitivos e, pela primeira vez desde a sua adolescência, encara o fato de que terá de se mostrar em público de rosto lavado.

● Abre o armário de parede. Imaginara calçar os sapatos baixos de sola plástica (Maria é um pequenão alto e bonito), a roupa de baixo de "nylon", as meias de "nylon" e o vestido de "rayon" estampado. Mas tôdas essas peças de seu guarda-roupa, obtidas quìmicamente, desapareceram. Acabou-se a química e Maria — tanto quanto dizia respeito à escolha do que ia usar naquele dia — ficou nua!

● Felizmente para ela, possui sapatos de couro, roupa de baixo de sêda, uma saia de lã e uma blusa de algodão. Veste-se ràpidamente com êsses salvados de seu farto guarda-roupa. Cêrca de três quartas partes da comida que havia na cozinha não existia mais — já que a química tinha tido grande parte em seu preparo e preservação — mas Maria come ainda bem com o que há. A geladeira, naturalmente não funcionava, pois a eletricidade parara — e não funcionaria de qualquer modo, pois não mais contém a substância química refrigerante.

● Agora, Maria olha pela janela. Todos os arranha-céus, inclusive aquêle em que estava instalada a sede da companhia em que ela trabalhava, haviam desaparecido! A química tinha parte na composição do cimento e do aço e dos vidros e sem a sua participação o erguimento de grandes edifícios é impossível.

● Qual, sem a química, não só a beleza moderna, formada pelo uso dos cosméticos, mas o próprio mundo moderno desaparecia. Maria teria que pensar em novos artifícios para ser bela num mundo outra vez primitivo.

PASSATEMPO

LIDERGRAMA N.º 11

A	Preleção, explicação →	80	114	6	112	59			
B	Prova a que alguém é submetido →	3	82	72	39	117			
C	Sobrecarrega →	8	63	36	104	25			
D	Flutuou, boiou →	122	87	22	44	78			
E	Adubas, deitas tempêro →	71	9	102	61	27	124	92	119
F	Observação, mirarão →	60	15	98	34	118	7	74	
G	Elogiam, gabam →	4	62	38	68	129	48		
H	Vento, muito forte, que sopra do centro da África para o norte →	30	16	127	51	88			
I	Contato, pancada →	123	89	77	56	13			
J	Ouvido, audição →	113	85	11	69	116	43		
K	Imaginários; aspirações →	32	20	54	120	47	70		
L	Campanha, luta →	55	106	52	19	109	126		
M	Que tem a mesma opinião que outrem (pl.) →	45	10	14	26	49	107	18	130
N	Ensopam, absorvem →	125	84	17	101	75	67	95	
O	Renascido →	12	23	50	37	64	94		
P	Receita, rendimento →	2	24	41	35	110			
Q	Superiora de convento →	1	128	21	33	121	97	31	99
R	Compreende, sabe perfeitamente →	105	86	93	29	57	66	81	
S	Haveres, meios de vida →	103	65	73	90	40	53		
T	Agredidas, assaltadas →	83	42	5	28	79	46	36	100
U	Marcado com listras ou vergões coloridos e concêntricos →	111	76	115	108	58	91		

■	■	Q 1	■	P 2	B 3	G 4	T 5	A 6	F 7	C 8	■	E 9
M 10	J 11	O 12	I 13	■	M 14	■	F 15	H 16	N 17	M 18	L 19	K 20
Q 21	D 22	O 23	■	P 24	■	C 25	■	M 26	E 27	T 28	R 29	H 30
Q 31	K 32	Q 33	F 34	P 35	C 36	■	O 37	G 38	B 39	S 40	P 41	T 42
J 43	■	D 44	M 45	■	T 46	K 47	G 48	M 49	O 50	H 51	L 52	■
S 53	K 54	L 55	I 56	R 57	U 58	A 59	■	F 60	■	E 61	G 62	C 63
O 64	S 65	■	R 66	N 67	■	G 68	J 69	K 70	E 71	B 72	■	S 73
F 74	N 75	■	U 76	■	I 77	D 78	T 79	A 80	■	R 81	B 82	T 83
N 84	J 85	R 86	D 87	H 88	I 89	S 90	■	U 91	■	E 92	R 93	O 94
■	N 95	T 96	Q 97	■	F 98	Q 99	■	T 100	N 101	S 102	S 103	C 104
R 105	■	L 106	M 107	U 108	■	L 109	P 110	U 111	A 112	J 113	■	A 114
U 115	J 116	B 117	F 118	E 119	K 120	■	Q 121	D 122	I 123	E 124	N 125	■
L 126	H 127	Q 128	G 129	M 130	■	■	■	■	■	Otaner - Rio		

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se acha à sua frente, cada letra numa casa. Depois transportam-se para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras. E no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras.

SOLUÇAO DO LIDERGRAMA Nº 10: — CASTILHO, LIVRARIA CLASSICA «Lendo-os com atenção, sente-se que Vieira, ainda falando do céu, tinha os olhos nos seus ouvintes; Bernardes, ainda falando das criaturas, estava absorto no Criador».

ÁGUA INGLÊSA GRANADO



Faz de você um forte!

TÔNICA-APERITIVA

NAS CONVALESCENÇAS

WEEK END NA COZINHA

TRÊS RECEITAS PARA ESPARGOS

● TORTA DE ESPARGOS

1 lata grande de espargos	**1 xícara de far. de trigo peneirada**
1/4 de xícara de farinha de rôsca	**3/4 de xícara de leite**
1/3 de xícara de manteiga	**4 ovos**
1 xícara de água de espargos	**Sal e pimenta-do-reino**



Acenda o forno para que vá esquentando. Derreta a manteiga numa panela, junte a água dos espargos e quando estiver fervendo misture de uma vez só tôda a farinha. Cozinhe até desmanchar bem e vá misturando o leite aos poucos. Bata para desfazer qualquer caroço e tire do fogo.

Separe as gemas das claras, bata ligeiramente as gemas, junte-as à massa, que está um pouco densa. Tempere com sal e pimenta. Bata muito bem as claras, misture-as com a massa, levando ao fogo para cozinhar. Tire do fogo junte os espargos, deixando alguns para enfiar dos lados à última hora como enfeite e despeje na fôrma forrada com manteiga e farinha de rôsca. Despeje por cima o resto da farinha de rôsca, e deixe no forno por uns três quartos de hora. Um verdadeiro prato dinamarquês para quatro pessoas.

● RÔSCA DE CREME DE ESPARGOS

1 lata grande de espargos	**1/4 de xícara de água fria**
1/2 xícara de água dos espargos	**Algumas gôtas de limão**
2 colheres-de-sopa de manteiga	**100 grs. de queijo ralado**
1 colher-de-sopa de far. de trigo	**1 colher-de-chá de sal**
1 pacote de gelatina branca	**1 pitada de pimenta e 2 gemas**

Derreta a manteiga em banho-maria, junte aos poucos a farinha e a água dos espargos. Cozinhe até que a mistura ganhe uma certa espessura. Enquanto isso, bata muito bem as gemas e despeje a mistura sôbre as gemas. Derrame novamente a mistura na panela e deixe cozinhar até maior espessura. Retire do fogo.

Derreta a gelatina na água morna, despeje na mistura quente e quando esfriar junte as gôtas de limão e o queijo ralado. Bata. Junte os espargos, o sal e a pimenta. Derrame numa fôrma molhada em feitio de anel e ponha para gelar até endurecer bem, o que leva umas duas horas. Retire da fôrma na hora do jantar, para servir oito pessoas.

● PASTÉIS DE QUEIJO COM ESPARGOS

Massa	**Môlho branco**
1 xícara de farinha de trigo	**3 colheres-de-sopa de manteiga**
1/2 colher-de-chá de sal	**3 colheres-de-sopa de farinha de trigo**
1/3 de xícara de qualquer queijo forte	**2 xícaras de leite**
1/3 de xícara de manteiga misturada com um pouco de banha	**3/4 de colher-de-chá de sal**
3 a 4 colheres-de-sopa de água fria	**Uma pitada de açúcar**
1 lata de espargos	**Uma pitada de pimenta**
	1/2 colher de chá de môlho inglês
	200 grs. de anchovas

Prepare a massa da seguinte maneira:

Peneire juntamente a farinha e o sal e misture o queijo. Depois misture a manteiga, com auxílio de uma faca ou mesmo do rôlo de amassar. Junte a água necessária para ligar e ponha na geladeira por 20 minutos. Abra a massa. Faça os pastéis abertos, cortando losangos dos quais apenas duas pontas se unirão sôbre um môlho de quatro ou cinco espargos. Frite ou leve ao forno.

Sirva com o môlho assim feito: Derreta a manteiga numa panela, junte a farinha desmanchando bem, acrescente aos poucos o leite. Sem parar de mexer junte o sal, o açúcar, a pimenta e o môlho inglês. Junte as anchovas um pouco desfeitas e despeje sôbre os pastéis na hora de ir para a mesa. Dá para 4 pessoas.

CORPO ESBELTO E FACEIRO

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

À venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ BISCUIT

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio tornando-a lisa, macia, aveludada das, manchas, panos e cravos, Rua Direita, 191 — 6º andar LEITE DE ARROZ. O seu us *(Exigir a marca BISCUIT)* constante remove as particulas e eliminando o cheiro desagradá mortas e queimadas da pele, sar-

M U L T I F A R M A

vel do suor.

Remessas pelo Reembôlso

SÃO PAULO

Da mocidade às portas da velhice. . .

A mulher se encontra sempre diante do seu grande problema: os males próprios do sexo. Desde os 13 anos, quando se torna verdadeiramente mulher até os 50, quando atravessa a chamada idade crítica os seus incômodos se repetem todos os meses — refletindo muitas vêzes, enfermidades que, se forem descuidadas ou tratadas com remédios ineficazes tornar-se-ão crônicas e incuráveis. E tão grandes e torturantes são os sofrimentos que essas enfermidades lhe trazem que a sua vida se resume numa sucessão de martírios e há, para ela, em cada mês muitos dias que lhe são verdadeiros espantalhos. Não se deixe, prezada leitora, dominar por êsses males. Não permita que êles lhe roubem a saúde, porque perder a saúde é perder a mocidade, os encantos, a alegria! O Regulador Xavier fabricado em duas fórmulas diferentes — o nº 1 e o nº 2 — de acôrdo com as naturezas diferentes das enfermidades femininas — é o remédio eficaz e poderoso contra essas enfermidades — pois as combate com vigor e as afasta definitivamente. O Regulador Xavier nº 1 se aplica nos casos de regras abundantes, repetidas, prolongadas, hemorragias e suas conseqüências. O Regulador Xavier nº 2 se aplica nos casos de falta de regras, regras diminuidas, irregulares, retardadas, insuficiência ovariana e suas conseqüências. Milhares de atestados médicos e populares, vários anos de grandes sucessos — consagraram o Regulador Xavier como o remédio de confiança da mulher.

O REGULADOR XAVIER — assegura para a mulher — desde a mocidade até às portas da velhice — a saúde que é a chave e o segrêdo de sua felicidade, de sua alegria e de seu bem estar.

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

ESTE MUNDO E O OUTRO

Criação de DARCY

FISIONOMIA DA CIDADE

2 — JARDIM PÚBLICO NA ZONA SUL



Todo mundo já sabe,
Ninguém mais ignora:
Do mercado de massas,
"AYMORÉ" é senhora...



MASSAS AYMORÉ

"A MASSA QUE O POVO EM MASSA EXIGE"



DE UM DIÁRIO

(Continuação da página 38)

voz, que afinal êle encontrara alguém sofrendo nas mesmas sarças que lhe crestavam a alma: "Infeliz, já não tens energia, vontade, heroismo. Buscas sòmente o qua acaricia os teus instintos demasiado femininos de simpatia e de afeição". Nessa altura, lembrei-me que Ana sempre se referia a mim mais ou menos nesse tom. Mas não quis interromper: "A malária da indiferença esterilizou a tua inteligência e a tua parte de talento. E para isso não há remédio, pois queres o teu mal e não crês na cura".

Lembro-me que atirei longe o livro, embora a figura impassível de Amiel continuasse em minha frente. Como que encabulado, tornei a apanhar o livro. E de novo a voz do velho professor: "Para não incorrer em nenhuma destituição e em nenhuma humilhação, desejaria renunciar de boa-vontade e antecipadamente, a tudo. Incredulidade, timidez, preguiça, desencorajamento. — Eis o mal. E' necessário causar satisfação aos que nos amam, que nos estimam, que têm fé em nós. Esta razão basta, e tal estimulante não perdeu sua eficácia."

Creio que foi depois dessas palavras que consegui dormir. Talvez o fio de alguma esperança subisse dentro de mim. Era preciso dar satisfação, afeto, amor e carinho. Então, no dia seguinte (bem me lembro), procurei Ana. Tudo inútil: Ana já não me queria mais. Verifiquei que o mal não estava nela, em mim é que estava. Amiel falara para mim, naquela noite, mas à Ana ninguém falara. Senti que devia espalhar felicidade ao redor de mim e reduzir o mais possível minha existência. Tal era a única aspiração do meu instinto. Mas penso que só o tempo é capaz de corrigir ou corromper, só o tempo é capaz de dar ou tirar satisfação. Os que nos amam, nos estimam, têm fé em nós não nos abandonam, permanecem ao nosso lado.

Olho em tôrno a mim, procuro um gato, um cão, qualquer coisa viva que tenha calor. Nada. Apenas a solidão e lembranças de noites passadas, Ana ao meu lado, Ana correndo os dedos em meu rosto, dando-me a impressão de que seus gestos seriam eternos, e que seus olhos jamais se afastariam de mim.

★.

Hoje posso escrever essas coisas em meu diário. Senti saudades de Ana. Sei que logo mais Jacira folheará as páginas dêste caderno. Terei que dar-lhe explicações, esclarecer que foram dias passados no triste tempo de solteiro. Terei que dizer que Ana era uma mulher que eu gostava. Certamente, como o guarda naquela noite, Jacira perguntará um tanto desolada:

— Mas ainda gosta, não é?

Diante do meu silêncio, será capaz de queimar estas fôlhas. Pobre Jacira.

AS INACABADAS

(Cont. da página 26)

Tic... tic... tic... tic... Batia as teclas nervoso.

As palavras iam rareando absurdamente. Tic... tic... Não queriam vir. As batidas diminuiam de intensidade. Escrevia a palavra errada. Passava a borracha. Sujava a lauda. Diabos! Não poderia enviar aquilo assim para a redação. Não podia arriscar. No mínimo, desclassificá-lo-iam só por aquelas manchas. Lera tudo num livro de famoso autor sôbre a "arte de escrever": Dactilografe seu manuscrito em papel ofício, espaço dois. Use um só lado do papel e não rasure, o que poderia causar péssima impressão aos editôres! Sabia de cor e salteado tôdas as normas seguidas por todo bom escritor.

Tic... tic...

Sentia-se cansado, esgotado mesmo, e os olhos doiam-lhe. Espiava para o relógio, o mesmo que haveria de despertá-lo às seis horas da manhã: meia-noite! Arrumava tudo, fechava a máquina. Ia dormir pensando como haveria de terminar pelo menos uma das "inacabadas". A mulher roncava ao seu lado; êle sonhava com novos temas.

Quando por fim conseguiu concluir o seu primeiro trabalho, correu tôdas as redações da cidade, tentando a sua publicação, mesmo gratuita, sem lograr êxito. Tôdas já possuiam o seu corpo de colaboradores: era a fria resposta. Não o seduzia o dinheiro que poderia obter com os seus escritos; não escrevia por necessidade, mas por diletantismo, por amor à arte. Nascera para as letras. Vir a ser considerado pela crítica como um dos "novos", era algo que o fazia estremecer de intenso gôzo. Aquilo era a tôrre de marfim das suas aspirações. E quando à viva fôrça e ansioso foi tratando de colocar um ponto final em cada uma das "inacabadas", na firme convicção de que se pudesse apresentar aos editôres trabalhos suficientes para serem contidos num livro, êsse livro na certa iria para o prelo. Fremia nesse desejo e se esquecia por completo de considerar se o epílogo era lógico, natural, inesperado ou mesmo incongruente.

Tratava-se agora de correr, de ir pondo um ponto final em tudo o que produzira, para depois então transpor aquela inflexibilidade dos editôres. Afagava mesmo a esperança de vir a ser chamado por um dêles e pasar a colaborar profissionalmente em alguma revista. Deixaria a lúgubre companhia onde trabalhava; não lidaria mais com balanços e estatísticas e viveria, enfim, o seu grande sonho: sentado a uma outra escrevaninha, mas diferente, muito cônscio de sua posição, produzindo produzindo incansàvelmente para os milhares de leitores expectantes. A ânsia de refundir as suas "inacabadas" roubava-lhe todo o tempo. Esquecia-se à miúdo das suas obrigações na companhia e amiudadas vêzes o chefe chamava-o à atenção. Aquela frase do "a arte de escrever" não lhe saía da cabeça: "Escrever sempre e insistentemente, eis um fator preponderante no desenvolvimento da capacidade do escritor. Isso mesmo. A perseverança venceria tôdas as barreiras. Tudo isso bulia-lhe com os nervos e só estava tranquilo quando pegava da pena e lá ia enchendo fôlhas e mais fôlhas de papel, sem mesmo preocupar-se com o planejamento de um esquema.

Com a cabeça dominada inteiramente pela idéia fixa de ver um trabalho seu publicado e o nome estampado em algum magazine, pôs-se a trabalhar com mais vigor. Afinal, chegou o dia para a remessa dos originais, o que fêz com uma delicada carta em estilo mais ou menos profissional. Daí por diante passou a aguardar uma resposta da editôra. Mas os dias, as semanas foram passando, sem que Macário recebesse qualquer notícia. Um tanto ressabiado, tornou a escrever outra carta, solicitando informações. Ainda nada. Uma suspeita tomava forma em sua cabeça. O Correio, por acaso, não teria extraviado os originais? Mentalmente, e sem mais exames, pôs-se a clamar contra o relaxamento e desorganização de tal departamento.

Talvez não tenha havido tempo ainda para um julgamento, pensava com certo alívio. Ao fim de dois meses, porém, uma dúvida atroz passou a atormentá-lo. Teria sido mesmo derrotado? Não podia crer nisso. Estaria abordando temas por demais vulgares? E então, aquêle belo conto que escrevera com o sugestivo título de "Sob os galhos frondosos do velho Jequitibá", não teria sido aprovado?! Não era possível. De todos era o que mais energia lhe custara e com êle esperava ser levado à legião dos "novos". Deveria escrever sôbre algo mais palpitante? O surrealista, quem sabe. Estava na moda... Ou o cômico? Ou o trágico? Eram a sua especialidade. Onde pois o êrro, a falha, o desequilíbrio?

Ah, o epílogo! Era isso; não cuidara muito dêsse pormenor tão importante. Como era mesmo que a "arte de escrever" se referia sôbre êsse ponto? Ora, dizia: "O sucesso de um conto depende grandemente do final. Êste deverá ser um que o leitor deseje, receie ou espere, ou, ainda melhor, um que o leitor *não* espere. A surprêsa é a grande favorita da maioria dos leitores". Era nisso que estava a sua falha. Capricharia mais para o futuro.

(*Cont. na pág.* 48)

FINALMENTE Á VENDA!

ANUÁRIO ESPORTE Ilustrado DE 1952

APRESENTANDO

ONZE TIMES EM CÔRES
ESTATÍSTICAS COMPLETAS
DO FUTEBOL EM 1951
OS ESPORTES AMADORISTAS

76 PÁGINAS ILUSTRADAS

CR. $ 10,00 EM TODO O BRASIL

A SAÚDE DO BEBÊ

DIRETRIZES NA CRIAÇÃO DO RECÉM-NASCIDO

DR. SABÓIA RIBEIRO

A diretriz a seguir com o menino no primeiro mês (que segundo certa escola é que constitui o *recém-nascido*) é fundamental, pois em muitos casos a desorientação nesse período começa por acarretar-lhe um primeiro prejuizo irremediável, como seja de ficar privado do próprio leite materno, o melhor dos leites, até que se complete o primeiro trimestre, período em que pode ser o único e insuperado alimento. Esta regra abre uma excepção, apenas, quando a criança é um diatésico, traindo-se por certas manifestações como a *seborréia* do couro cabeludo e outras*eczemáticas*, ou superexcitabilidade da inervação intestinal, de que é um testemunho quase sempre a *diarréia* verde. Fora destes dois casos, não há razão para trocar o leite do peito por outro, quando o mesmo flui bem e o organismo materno está em boa forma, o que não quer dizer mais gorda e sanguínea, pois o bom leite não depende dessas aparências, mas apenas excluindo doenças maternas graves ou contagiantes que obriguem a interromper a lactação ao seio etc. etc.

Há de fato, os casos em que o leite materno falta, logo no primeiro mês, quando viera antes, nos primeiros dias, em condições satisfatórias.

Êsses casos se explicam, perfeitamente, na grande maioria das vêzes, justamente por motivo de a mãe não ter estabelecido um horário rigoroso para a criança e não ter sabido usar os seios na criação do menino.

Quando não há êsse horário a criança fica viciada, reclama o seio (como reclamará a chupeta com que se acostumou, se lhá tiram), e o resultado é que não mama direito porque está sempre mais ou menos farta mas, também, nunca exgota os seios suficientemente — quando é sabido que os seios tendem a secar tôda a vez que são mal exgotados, de modo que, com o correr dos dias, a criança irá passar fome pois o leite já será insuficiente, fatalmente.

Resultado disso é que a criança chora, agora, mesmo, com *fome*, não mais aumenta de pêso, vem a prisão de ventre ("só pode evacuar quem estiver com a barriga cheia" — diz um notável pediatra a tal respeito), e as vêzes, até, uma *diarréia com muco*, chamada *diarréia de fome*, mas já devida a um processo inflamatório das paredes intestinais, cuja causa se reporta à fome da criança.

A lactação natural, pois deve ser iniciada com observância rigorosa de um horário. Sòmente a primeira semana foge a êsse esquema, procedendo-se com o seguinte horário em tal período: 1º dia, de 6 em 6 horas (alguns pediatras recomendam, antes, dar apenas nas primeiras 24 horas umas colherinhas de água ou chá sacarinado); 2º ao 5º dia, seio. Daí em diante, seio de 3 em 3 horas (o que vai até o 6 mês).

Ou um cuidado que completa aquêle do horário é o do manuseio dos seios e a duração de cada mamadura.

Dar os dois seios? dar sòmente um seio? Esta a resposta: Bem estabelecida a lactação (até, como foi dito, completa-se a primeira semana) a regra é a seguinte, dar um horário um seio, no outro o outro seio. De fato o que a criança mama acima dos 5 primeiros minutos é relativamente pouco, o que um só seio lhe fornece perfeitamente. Com efeito, durante aquêles a criança mama 2/3 da capacidade de seu próprio estômago, 1/4 nos 5 minutos seguintes, e o restante nos últimos 10 minutos.

A mamadura dos dois seios, simultâneamente, pode levar à própria diarréia, porque as primeiras porções do leite que flui de cada mama, é pobre de caseina e gordura, ao passo que encerra quantidade abundante de lactose, que exerce ação laxativa.

Quanto à duração das mamaduras, estas não devem ir além de 20 minutos. Do que dissemos, aliás, linhas atrás, é o que logo se deduz, pois acima dêsse limite o bebê mama em sêco, sôbre estar naturalmente já farto.

Uma recomendação, que aqui cabe inteiramente, é de referência aos *palpites* que nunca faltam em face das dificuldades que ocorrem comumente nêsse período, como de resto em tôda a fase do lactamento. Se, mais tarde, êsses palpites são ás vêzes perigosos, nos 30 primeiros dias muito mais o são. Quando uma dessas pessoas que se dizem experientes citar um caso igual ao que se depara, as mães devem estar lembradas que não há duas crianças iguais, e as doenças ás vêzes se parecem pela rama, mas no fundo divergem profundamente.

As diarréias, por exemplo, têm as mais diferentes significações nos recém-nascidos, e umas há sem maior importância e outras de grande importância.

Como estamos, aqui, tratando da amamentação ao seio, devemos acentuar, a êste respeito, que as diarréias nesta espécie de alimentação devem fazer supor, ás mais das vêzes, ou um êrro na técnica da amamentação do bebê, um vício de constituição, ou — e isto não convém esquecido — de uma infecção, que tanto pode estar localizada no faringe, ou ser uma gripe, por exemplo. Nesta hipótese, sempre se deve pensar, tôda vez que o recém-nascido perde, de um momento para o outro o apetite, não suga direito o seio, chora ao fazê-lo. Aliás, aí, quase sempre está febril.

Também não devem as mães estar as voltas todos os dias com a balança para acompanhar a curva do pêso da criança. O aumento de pêso se verifica melhor com espaços, no mínimo, de uma semana ao passo que as pesagens diárias podem levar a sustos sem razão, pois ás vêzes há uma parada momentânea no momento, logo compensada nos dias seguintes.

E' quase sempre logo no primeiro mês que as mães *ensinam* ao recém-nascido o uso da chupeta. De fato ela acalma a criança, mas também *disfarça* ás vêzes a *cousa* do chôro. Se, porém, esta é investigada em tempo e tratada, não vemos porque *ensinar* uma coisa que depois ela não larga mais. Antes que procurar resolver êsses casos com a chupeta, achamos mais interessante resolver as situações ouvindo o pediatra — e de qualquer maneira, tampouco, ensinando a criança o vício da chupeta.

AS INACABADAS

(Cont. da pág. 46)

Deu para ler os gênios contistas, partindo logo de Maupassant, até os contemporâneos. Certo dia, quando lia Lobato, o qual apreciava mais que todos e com quem até mesmo, em certos pontos, chegava a identificar-se, repentinamente viu-se elevado a tal estado de espirito, discernindo de maneira tão bela quanto simples os mais misteriosos segredos da arte, que se julgou mais que um simples amador. Como desculpa para o silêncio da editôra, atribuiu à falta de visão dos seus diretores. Voava alto, subia ás alturas de um profundo egoismo e só delas baixava quando alguém lhe perguntava como ia andando o seu livro...

Quando a mulher, vendo-o acabrunhado, procurava confortá-lo, êle abria a bôca e soltava aquela frase amarga de sempre:

"E' porque ainda não me compreenderam. Sempre foi assim na história de todos os grandes escritores."

"Creio que é porque te afobas e não corriges os teus trabalhos" — retrucava carinhosamente a mulher. "Queres fazer tudo de uma só vez... Tem paciência, refunde sàbiamente os teus trabalhos. Antes o pouco bom do que o muito ruim."

Por que foi dizer isso. Macário olhou-a espantado, como se estivesse a ouvir uma confissão horrorosa. Trêmulo de raiva gaguejou:

"Então... então você quer... quer dizer que tudo o que escrevo não presta?"

"Não, Macario. Apenas que você não seleciona aquilo que de fato é bom e tem valor. Manda tudo assim de pancada. Quero dizer que você se preocupa demais com a quantidade, sem levar em consideração o principal, que é a qualidade."

Êle continuava fungando furiosamente:

"Então... então..."

Não encontrava as palavras; entregou-se ao desespêro. A mulher alisava-lhe os cabelos revoltos e tudo se transformava. Sentia-se como uma criança que não vê os seus trabalhos e os seus esforços compreendidos senão pela mamãe bondosa e cega pelo amor. Era uma criança grande, mas um derrotado, nunca. Isto não, porque essa palavra para êle não existia, ou melhor, êle a ignorava, procurando fortificar-se na barreira de sua "incompreensão intelectual" e na convicção da grande falta de bom-senso que orientava todos os editôres.

Certo dia, ante o inabalável propósito de Macário continuar escrevendo furiosamente, sua mulher perguntou-lhe carinhosamente:

"Por que não abordas temas mais verdadeiros e humanos, dêsses que a vida nos oferece diàriamente, meu bem? Por exemplo: a história de um casal infeliz". Um ligeiro soluço embargou-lhe a voz e uma lágrima dançou-lhe nos olhos. "A história da mulher de um escritor que, metido eternamente nos seus escritos, a desprezou de tal modo que ela já não vive, não tem mais as alegrias de outrora... O escritor esqueceu-se de que ela também é humana, de carne e osso e que também tem os seus desejos, as suas aspirações..." Não pôde continuar. Correu em prantos para o quarto. Macário, atoleimado por aquela súbita cena, ficou só. Compreendeu a ironia da mulher e engoliu em sêco. Todo o drama de sua vida intima agora assoberbava-lhe o pensamento. Afinal de contas, sua mulher tinha carradas de razões. Não casara com êle simplesmente para cuidar de sua roupa, serzir-lhe as meias e vegetar ao seu lado, como uma figura apagada. Percebeu até que ponto se deixara levar pelo seu egoismo, na sêde de literatura que à fôrça queria tirar do cérebro cansado, sem ter um só pensamento para ela, uma palavra meiga enfim. E logo viu passar em sua frente o quadro retrospectivo de sua vida de casado. Viu de repente um tema precioso nitidamente desenhado na imaginação. A história de sua própria vida. Que argumento! Que tema colossal!

Poria mãos ao trabalho em seguida. Escreveria.

Foi a primeira vez que antegozou a sensação de poder lançar, positivamente, um ponto final em um conto que, de certo, sairia de sua pena naquela mesma noite.

CONVERSA DE MULHER

(Cont. da pág. 42)

● Ana ficou mocinha na sua prisão forçada. Quando fêz quinze anos sentiu-se apaixonada por Peter van Daan. À noite costumava visitá-lo em seu sótão e conversavam os dois longamente, segurando-se as mãos, trocando um ou outro beijo de despedida até o dia seguinte. Ana não sabia bem como se portar ("Fico desejando o beijo que custa a vir") e mostrou-se aliviada quando seu pai lhe aconselhou moderação. Nas últimas linhas de seu diário, por entre observações relativas à alimentação e descrições marcantes da maneira de viver do pequeno grupo, é tìmidamente transmitido o êxtase pela descoberta do amor. Mas Ana não teve tempo para desenvolver seu sentimento por Peter. A Gestapo invadiu o Anexo em agôsto de 1944, enviando os seus ocupantes para campos de concentração, de onde só deveria retornar vivo o chefe da família Frank. Em março de 1945, dois meses antes da libertação da Holanda,Ana Frank, aos quinze anos, morreu de inanição em Belsen.

DEUS SALVE A . . . .

(*Cont. da pág.* 10)

— "Resolvemos, pela Graça e com a bênção de Deus Todo-Poderoso, celebrar a solenidade de nossa real coroação, em Westminster, têrça-feira, no segundo dia de junho do próximo ano (1953).

"Em virtude de, consoante os antigos usos e costumes dêste Reino e também com relação aos costumes feudais variados das diversas mansões, terras e outros bens imobiliários hereditários, numerosas de nossas almas e fiéis súditos são obrigados e, em verdade, reivindicam a honra de prestar e realizar diversos serviços, no dito dia e no momento da coroação, como nos tempos que precederam seus ancestrais e aquêles dos quais êles se proclamam nascidos, fizeram e realizaram nas coroações de nossos avós e predecessores, reis e rainhas dêste Reino.

"Nós, em consequência, juntamente com nosso cuidado principesco e heranças legítimas de nossas almas e fiéis súditos, aos quais isso se possa relacionar, julgamos bom significar e publicar aqui mesmo o que decidimos: e em fé do que significamos e publicamos aqui mesmo o dito.

"E, na verdade, por esta proclamação real, confiamos a tarefa e recomendamos a tôdas nossas almas e fiéis súditos aos quais isto possa interessar, que tôdas as pessoas, quaisquer que possam ser sua classe ou qualidade, seja por motivo de nossas cartas a elas endereçadas ou em razão de seus ofícios e ocupações, devem fornecer um serviço qualquer no tempo de nossa coroação, e não devem deixar de estar presente devidamente à dita solenidade, têrça-feira, no segundo dia de junho próximo, designadas e equipadas como convém a uma tão grande cerimônia, e correspondendo às dignidades e lugares que cada qual detém e do qual tem o gôzo.

"E isso não deve faltar, pois que êles responderão, pelo contrário, por seus perigos, a menos que uma razão qualquer seja admitida por nós mesmos e de nossa própria ordem, caso em que nos dispensaremos de todos seus serviços ou presença.

"Feita em nossa Côrte, no Palácio de Buckingham, no sexto dia do mês de junho, no ano de Graça de 1952, e no primeiro ano de nossa rainha. Deus salve a Rainha."

A multidão prorrompeu num delírio de alegria. Os clarins anunciavam o Hino Nacional. A massa se comprimia, quando as bandas marciais deram as primeiras notas, logo acompanhadas por milhares de bôcas que cantavam. Depois prosseguiu o povo, em côro, a gritar: "Deus salve a Rainha". Assim, começaram na Inglaterra os preparativos para a coroação, em 2 de junho de 1953, de Elizabeth II, com a cerimônia histórica da proclamação.

COMO SE ESTUDA...

(*Cont. da pág.* 15)

Na sala de miniatura, talvez uma das coisas de maior importância na economia do cinema, vimos como se estuda a proporção dos objetos, das cidades, das casas, de tudo, numa escala de reduções incríveis. Gigantescas barragens podem ser filmadas dentro de uma salinha de dez metros quadrados, e depois veremos na tela centenas de pessoas caminhando sôbre "aquela barragem". Casas do Tirol e montanhas da Bavaria estavam reduzidas a pequenas casinholas de papelão e massa com pouco mais de dez centímetros de altura por meio metro quadrado. Edifícios imensos não chegavam a trinta centímetros de altura, e suas janelas iluminadas feèricamente... Era Nova York... Poderia ser o Rio de Janeiro... E alguns prédios menores não seriam Paris, ou Roma? Depois da filmagem, a superposição de imagens no laboratório completará o efeito das cenas...

Trabalha-se ativamente dentro do Centro Sperimentale di Cinematografia, em Roma. Estudantes rondam felizes em busca da verdade, em busca duma arte que êles querem conhecer, e dela viver, amar e sofrer.

Respostas ao teste

1—Outro ser idêntico
2—Marechal Floriano
3—Culposo
4—S. Carlos
5—Academia de Música e Dança
6—Cláudio Aquiles Debussy
7—Depois dos 47
8—Antônio Francisco Lisboa
9—Ambos perderam o juízo
10—Bolivar (acentuação na sílaba li)
11—De Sócrates
12—Ombros largos, pessoa atlética
13—Vendeu-o como escravo (com mêdo de suas idéias)
14—Aristóteles
15—Comedidos (Epicuro é muito caluniado).

A BELEZA DOS SEIOS

BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use **BÉL-HORMON nº 1**; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use **BÉL-HORMON nº 2**. **BÉL-HORMON**, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinhêiro Ltda. — Queram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

O BAILE DA . . .

(Cont. da pág. 55)

Rodrigues Calderári, Celina Maria de Sousa Ciqueira, Cleci Miranda de Meneses, Dalva Bessa de Paula, Dirce Bittencourt, Edmea Breda de Melo, Eglantine de Paula Arruda, Elisabeth Maria Correia da Mata, Heloisa Wolski Gonçalves, Iracema Cavalcante Santana, Iva Carmelina do Nascimento, Jandira Fontoura Machado, Keide Miranda de Meneses, Lia Neiva, Lúcia Eliane de Oliveira César Coutinho, Lúcia Maria Resende de Araújo, Ligia Maria Reis Azevedo, Márcia Nunes de Sousa, Maria Augusta Melo da Fonseca, Marly Imenes, Maria Alzira Braga Mafra Magalhães, Maria Nícia Roubaud Meireles, Marilda Vilar Bittencourt, Marisa Moreira Herrera, Marisa Romanelli Barroso, Nanci Homem de Almeida, Oneth Almeida Mena Barreto, Solange Bastos de Azevedo, Sônia Fonseca Pires Coelho, Sônia Maria da Silva Costa, Sílvia Maria Homem de Almeida, Teresinha Marques Magaldi, Teresinha Tricarico Pôrto, Vera Lúcia Rôssi Pedrosa, Iêda Madruga Varjão, Zailda Maria Costa de Alencar e Zélia Lúcia Pinto de Campos.

Em nome de suas coleguinhas, falou a senhorita Heloisa Wolski Gonçalves que, numa oração entremeada de graça e louçania, saudou os presentes. Em resposta, o Presidente do Clube Militar, General Alcides Etchegoyen, teve palavras de exaltação à quadra fagueira da mocidade e terminou dizendo que aquilo tudo era: "um motivo de agradável recordação e de saudades para quando tiverdes a plena consciência do sublime papel que, na sociedade, representa a mulher". Sob a inspiração do imortal Machado de Assis, evocado ali através de "Menina e Moça", foi executada a primeira valsa dedicada aos pais. Prolongou-se a festa pela noite a dentro dançando as lindas estreantes não sòmente com os civis. Generais e tenentes rodopiaram até muito tarde. Assim, foi a festa de 26 de junho p.f. no Clube Militar, cujos dirigentes aproveitaram a oportunidade para lançar o têrmo "estreante" em vez de "debutante", geralmente empregado.

Lonya

limpa a cutis
elimina
as espinhas
refresca
e tonifica



SCHERK

À LUZ DA PSICANÁLISE

INTROJEÇÃO

Dr. LUIZ FRAGA

CARLOS Aurélio é um comerciante do Estado do Rio, de 35 anos de idade, casado, pai de duas crianças fortes e bonitas. Vem sofrendo de perturbações que, a seu ver, originaram-se da alimentação que, por fôrça de circunstâncias especiais, é obrigado a fazer: usa muito a carne de carneiro. Acha por isso, como inúmeras pessoas, que a carne que ingere, em virtude da sua origem, torna-o excessivamente tranqüilo e até incapaz de reagir às excitações mínimas.

A introjeção é um processo que significa acolher dentro de si um objeto do mundo exterior, apropriando-se de seus dons e qualidades. E' uma impressão que nos foi transmitida pelos primitivos. Êles achavam que, ingerindo a carne de determinados animais, o seu EU adquiria as qualidades daqueles animais.

O raciocínio é o têrmo último de nosso conhecimento reflexivo: empresta a tôdas as nossas conclusões uma evidência incontestável, dando-lhes uma amplidão que não podemos ultrapassar, visto que cada uma dessas conclusões se torna universal e vale para todos os casos análogos passados, presentes e futuros.

Vinha pois, Carlos Aurélio sofrendo duma moléstia inexistente, criada pela imaginação e agravada pelo raciocínio, em face da crendice popular. Escreveu-me uma longa carta, a que respondi imediatamente. Os resultados foram de pouca monta. Aconselhei a que êle procurasse, na região em que reside, um facultativo especializado. Êle preferiu vir ao Rio e por aqui se demorou até a conclusão de seu tratamento que foi relativamente fácil, apesar de sua preocupação em imaginar que, quando voltando para a sua cidade ressurgiriam os males antigos. Voltou, entretanto, apesar dos receios e agora me escreve:

"Parece que estou curado. Já não me incomoda o tipo de alimentação que uso. Tenho a impressão, porém que não devo deter o meu pensamento nas coisas passadas, pois receio que elas voltem..."

Escrevi, em resposta a Carlos Aurélio, lembrando as palavras de Epicuro, quando estêve doente, e as de Marco Aurélio, seu homonônimo: Tudo é opinião e esta só depende de ti. Quando te apetecer, elimina-a; e como um navio que atravessou a tormenta, também tu encontrarás a bonança, a serenidade dos elementos e um pôrto ao abrigo das vagas.

Uma operação terminada a tempo, nada perde do valor por ter cessado, nem tampouco há prejuízo para o seu autor. De igual modo, essa seqüência de fatos que constituem a vida, se interrompida na hora apropriada, não experimenta nenhum mal.

A salvação da vida consiste em examinar o objeto a olhos nus, estudar-lhe a matéria e analisar a causa formal; praticar a justiça sem desfalecimento; dizer a verdade sem hesitação.

Depois, gozar a vida numa seqüência tão perfeita de boas ações, que entre elas, não se escape um intervalo, por pequeno que seja.

COUPON

Nome ....

Pseudônimo ....

Data do nascimento ....

Estado civil .... **Profissão** ....

Residência ....

FILHO, MEU FILHO

Texto ... O MARTINA

...GENS:

JEAN ... RENATO SCAN...
MARIO ... FRANCO ...
ZAIRA ... LUISA ...
SOLANGE ... LICI...
DUPUIS ... ...MO ALTAVILLA
JOANA ... NIETTA ZOCCHI

3º CAPITULO (Resumo da parte já publicada)

O ... [illegible]

AlÍ PERTO DOS SEUS O-LHOS ESTAR-RECIDOS A-PARECE A RE-ALIDADE NO SEU IMENSO HORROR.

NÃO SE PODE PROSE-GUIR! ESTÃO TODOS MORTOS OU CARBONI-ZADOS!

É HUMANAMENTE IMPOSSÍVEL REMOVER COM AS MÃOS TODO ÊSSE ESCOMBRO!

MEU FILHO ESTÁ AÍ EMBAI-XO! O MEU FILHO!

ASSASSINOS!

SINTO MUITO, SENHOR! É A GUERRA! CONTUDO GARANTO-LHE QUE PROVIDENCIAREMOS LOGO A REMOÇÃO DOS ESCOMBROS...

ASSASSINOS!... MATARAM-NO! O MEU JEAN! O MEU FILHO! MALDI-TOS!...

SOLANGE! PELO AMOR DE DEUS!...

CALE-SE! SENÃO!...

EIS OS ALEMÃES! FUJAMOS!

DEUS! DEUS ONI-POTENTE!...

JEAN! JEAN!... MEU FILHO! QUERO MEU FILHO!...

AS ESTRADAS SE ENCHEM: POR TÔDA PARTE O GRI-TO: "OS ALEMÃES!... OS ALEMÃES!"...

NÃO ME TOQUEM, ASSASSINOS!...

LARGUEM-NA MALDITOS!

HANS, LEVE ESTA A-TREVIDA! EU TOMO CONTA DO HOMEM!

ENQUANTO OS PAIS DE JEAN ERAM LEVADOS AO COMANDO, O CAMINHÃO DO TENENTE PROSEGUIA A SUA FUGA PELO CAMPO...

É CONVENIENTE ABRIGAR O VOSSO FILHO COM ÊSTE CHALE: O FRIO PODERIA FAZER-LHE MAL.

OBRIGADO, SENHORA! MAS ESTA POBRE CRIANCINHA NÃO É MEU FILHO! ESTAVA NO "ABRIGO" QUAN-DO SUA MÃE MORREU NOS MEUS BRAÇOS!

SOLANGE, ROGO-LHE: VAMOS EMBORA!

NÃO! DEIXE-ME! QUERO JEAN, O MEU JEAN!...

O QUE HÁ? EMBORA. OS CASAIS NÃO PO-DEM FICAR NAS RUAS

SOLANGE! SOLANGE!

9

COMO, ESTAVA NO "ABRIGO"... O SENHOR, UM OFICIAL?

CALE-SE, LINA! O QUE É QUE VOCÊ ENTENDE DESTAS COISAS? TALVÊS O SR. TENENTE TIVESSE ALGUMA MISSÃO NA CIDADE

É ISTO MESMO... CUM-PRIA UMA MISSÃO...

10

PORQUE MENTE, TENENTE? PORQUE NÃO CONFESSA A VERDADE QUE SEU LUGAR ERA ENTRE OS SOLDADOS DA CAVALARIA QUE SE OPUSERAM TENAZ-MENTE À INVASÃO OPONDO O PEITO E A ESPADA NOS CAR-ROS BLINDADOS? PORQUE NÃO DIZ A VERDADE, TENENTE MARIO LOBOWSKI? O CAMINHÃO PRO-SEGUE NA SUA MAR-CHA ATÉ ÀS PRO-XIMIDADES DE UM RIO...

PARE! OS AVIÕES!...

ESTÃO NOS ME-TRALHANDO!...

BOMBAR-DEIAM A PONTE!

DESCAM DEPRESSA! ESPA-LHEM-SE PELO CAMPO!

DEPRESSA! DEPRES-SA! EI-LOS!

CORRA, LINA!

MAMÃE! MAMÃE!

TAMBÉM O TENENTE MÁRIO PROCURA UM ESCONDERIJO ENTRE AS ARVORES... MAS UM AVIÃO...

ESTOU COM SÊDE... E OS MEUS OLHOS DOEM-ME!

QUEM ESTÁ CHO-RANDO? QUEM ES-TÁ ALÍ EMBAIXO?

ENQUANTO MÁRIO CAMBALE-ANDO SOBE A ESCARPA ESCU-TA UM LAMENTO.

AGORA... AGORA ME LEMBRO: O CAMINHÃO... O METRALHAR DOS A-VIÕES... O MENINO...

AH!...

...DESCE EM VÔO RASO E UM ESTI-LHAÇO DE METRA-LHA...

PASSA ALGUM TEMPO... QUANTO TEMPO? JÁ É NOI-TE, MAS SINISTROS CLARÕES BRILHAM NAS TRE-VAS... O TENENTE JAZ AO SOLO, INANIMADO. À DIS-TÂNCIA, A CRIANÇA CHORA, DEPOIS SE ACALMA E ADORMECE FATIGADA.

O MENINO... O MENINO! ONDE ESTÁ?

GRAÇAS A DEUS! ESTÁ VI-VO, POBRE CRIATURI-NHA!

MAS EU NÃO O VEJO! PORQUE NÃO O VEJO? ISTO NÃO É SÔ-MENTE A ESCURIDÃO DA NOI-TE!...

...MEU DEUS! MINHA POBRE CABEÇA... FOGEM-ME AS FORÇAS... O QUE ACONTECEU? ONDE... ONDE ESTOU?

11

PERCEBO SAN-GUE NAS MI-NHAS MÃOS... MAS PORQUE TÔDA ESTA ES-CURIDÃO? POR-QUE NÃO VEJO MINHAS MÃOS?

NÃO É SOMENTE A ESCURIDÃO DA NOITE! NÃO É SOMENTE OS OLHOS QUE NÃO VÊM POR CAUSA DO SAN-GUE QUE CAE DA FRONTE FERIDA...

12

NÃO VEJO AS ARVORES! NÃO VE-JO AS ESTRÊLAS... NÃO VEJO NADA MAIS NADA!...

ESTOU CEGO... CEGO... CEGO...

SEMANA LITERÁRIA

Notícias de São Paulo

Guilherme de Almeida e sra. reuniram, em sua residência, alguns artistas, a fim de ser discutido o cenário de "Cala a Bôca, Etelvina", peça em três atos, de Armando Gonzaga, a ser estreada no Teatro Brasileiro de Comédia, logo depois da "Antígona" de Sófocles e da "Antígona" de Jean Anouilh. Estiveram presentes: Ruy Afonso Machado, Elizabeth Henreid, Darcy Penteado e Reynaldo Bairão. Ruy Afonso, em "Cala a Bôca, Etelvina", fará a sua estréia como diretor teatral. Os cenários e os figurinos estarão a cargo de Darcy Penteado. Cacilda Becker interpretará o principal papel. Baby Guilherme de Almeida e o próprio Guilherme de Almeida, especialistas em 1925-1927, fazem parte do conselho consultivo.

★

José Geraldo Vieira e Maria de Lourdes Teixeira partem para a Europa agora em fins de junho. Os dois conhecidos romancistas permanecerão no velho continente pelo menos seis meses.

★

Finalmente ficou pronto o falado Teatro de Alumínio. A peça de estréia foi "De amor também se morre", de Margaret Kennedy, tradução de Maria Jacinta e direção de Dulcina. Trata-se do lançamento de uma nova companhia teatral: Nicette Bruno e seus Comediantes.

★

São Paulo reviu a famosa obra de William Shakespeare, "Hamlet", sob a direção e na interpretação de Laurence Olivier. Filmes como êste dignificam a temporada artística atual da capital bandeirante.

Saiu mais um número de "Anhembi", a revista de alta cultura que é dirigida por Paulo Duarte. Colaboradores: Georges Gurvitch, Roger Bastide, Sant'Anna Dionisio, Otto Bier, E. Sourisseau, Paulo Duarte, Bragaglia, Luís da Câmara Cascudo, Frei Tomás Balduino, Flávio A. Pereira.

★

Realizou, na Biblioteca Municipal, uma conferência sôbre as "Diretivas dos estudos do folclore no Brasil", o intelectual Renato Almeida. A referida palestra, que é a primeira de um curso de folclore, patrocinado pelo Clube de Poesia, pela Comissão Paulista de Folclore e pelo Centro de Pesquisas Folclóricas "Mário de Andrade", foi muito debatida pelos entendidos. E, também, por aquêles que não entendem absolutamente coisa nenhuma do assunto...

★

Paulo Mendes de Almeida, o poeta que estreou em 1928 com um excelente livro de versos, intitulado "Cartazes", está colaborando diàriamente na "Última Hora", de São Paulo, tendo cognominado a sua secção de *esquina*. Odete de Freitas, pintora de inegáveis méritos, está fazendo a crônica social do referido vespertino paulistano.

★

Está sendo aguardada com grande interêsse e ansiedade a visita do poeta Carlos Drummond de Andrade a São Paulo. O grande escritor brasileiro virá a convite da Secretaria da Educação e Cultura da Municipalidade e aqui realizará uma conferência sôbre tema da sua especialidade.

HOMENAGEM A D. AQUINO



Em uma de suas últimas sessões, a Academia Brasileira de Letras prestou uma homenagem ao seu membro, D. Francisco de Aquino Correia, por motivo de seu jubileu sacerdotal.

Abrindo a sessão, o presidente da Casa de Machado de Assis fêz referência a essa efeméride, comunicando aos seus pares a notícia das festas que, com o mesmo motivo, estão sendo realizadas em Cuiabá. Em seguida, o acadêmico Macedo Soares usou da palavra, tecendo o louvor do confrade e do sacerdote.

UM AUTOR:

DULCE SALLES CUNHA



DULCE SALLES CUNHA apareceu no ano passado assinando um livro sobremaneira interessante, apesar de formado pelas palestras que pronunciara e que guardaram o estilo especial e o jeito polêmico com que foram escritas para serem lidas da tribuna.. Acontece, entretanto, que Dulce Salles Cunha, com seus "Autores Contemporâneos Brasileiros" — um título realmente infeliz por muito limitado de significação, abriu uma clareira ao estudo geral de um largo período de nossa literatura, período que fôra, até ela, apreciado apaixonadamente, sem isenção, com pouco espírito crítico, pouca lucidez e sem visão panorâmica dos acontecimentos. Eis porque seu livro representa uma contribuição inestimável em nossa bibliografia histórico-crítica, um bom roteiro para mais amplos e mais profundos estudos de conjunto e detalhe.

Podemos discordar de alguns de seus juízos, mas devemos reconhecer que são todos formulados com base segura e com o mais severo espírito crítico. Isso é sobretudo relevante pelo fato de se tratar da obra de uma mulher, tão certo é que às mulheres escapa a acuidade crítica, substituída, no geral, pelo sentimentalismo e pelo gôsto pessoal que frustam as tentativas do gênero, ainda as mais equilibradas. Ao seu livro de estréia chamou ela "depoimento de uma época", evitando maiores responsabilidades, tanto por exagêro de decôro, como por carência de elementos documentários, o que é muito comum em nosso meio. Assim, as falhas que se encontrem na obra não poderão ser vistas com severidade e terão a oportunidade de revisão, em futuras edições — que naturalmente se imporão, tal o mérito da obra. Estudante de Literatura Brasileira na Universidade Católica de São Paulo, preparou ela sua tese de doutoramento, aliás com um tema fascinante: "O conceito do romance histórico na obra de Paulo Setubal" — de que também o público espera próximo lançamento em livro.

NA POEIRA DOS ARQUIVOS

★ Em "O tráfico dos africanos e a escravidão", Madri, 1850, Varnhagen pediu "uma lei libertadora do ventre da mulher escrava", depois dum prazo dado, como, aliás, aproximadamente o dr. A. Ferreira França, na Câmara dos Deputados, em sessão de 15 de julho de 1837, e como se fêz mais tarde (Lei Visconde do Rio Branco, de 28 de setembro de 1871)" — lê-se na biografia "Francisco Adolfo de Varnhagem, Visconde de Pôrto Seguro", pg. 39, de Renato Sêneca Fleury, vol. 11 dos Arquivos Históricos das Edições Melhoramentos, 1952.

★ Do Brasil a maior celebridade... é a formiga. Vêm de longe as queixas. Até Anchieta escreveu: "As formigas que tem esta terra, não se pode dizer; são inumeráveis e inúmeras as cartas e suas espécies; são destruição desta terra, porque não há viver com elas" ("A província do Brasil", pg. 39 da edição do Ministério da Educação e Saúde, Rio, 1946).

★ Exaltando o vulto excepcional de Rui Barbosa, frisou Fernando de Azevedo, "Na Batalha do Humanismo", Edições Melhoramentos, 1952, pg. 125: "... e, propugnando a igualdade jurídica dos Estados, grandes e pequenos, se elevou às alturas de advogado das nações e advogado da humanidade".

★ Vimos, ainda em esbôço, páginas dum livro de desenho a ser publicado pelo professor Waldomiro Gonçalves Cristino. Mestre do traço e do colorido, artista de sensibilidade, muito diferente dêsses que caluniam a figura humana, o distinto mestre vai opulentar as bibliotecas nacionais, pois seu trabalho é de alto valor!

★ Anisio Teixeira prefaciou magnificamente e magnìficamente verteu "Vida e educação", de John Dewey, Edições Melhoramentos, 1952, 3ª. Mas lhe escapou uma concordância, pg. 77: "Foi a descoberta e o uso de instrumentos extraorgânicos que tornou POSSÍVEL, na história da espécie, e torna POSSÍVEL, na história do indivíduo, ATIVIDADES complexas e de longa duração."

JOTAGÊ

Fora do Prelo

● CAÇANDO E PESCANDO POR TODO O BRASIL

Quatro volumes da série de "Caçando e pescando por todo o Brasil" já escrevera Francisco de Barros Júnior. Mas suas incursões de pescador e caçador não se limitam aos animais; o autor focaliza erros, mostra fatos e apresenta sugestões, com segurança de observador inteligente. A quinta série de "Caçando e pescando por todo o Brasil", também das Edições Melhoramentos, acaba de aparecer. Abrange "Purus e Acre", e tem o mesmo cunho dos livros anteriores. Juntam-se aventura e crítica, em moldes sumamente atraentes.

● TRAIÇÃO E CASTIGO DO GATO ESPICHADO

Jerônimo Monteiro é o autor das "Historietas" n. 16 das Edições Melhoramentos, constantes de pequenos contos e ilustrações coloridas. O presente álbum, que a petizada certamente apreciará muito, mostra a "Traição e castigo do Gato Espichado". Desenhos de Liese Modern. Essa coleção e a intitulada Primavera constituem duas das mais queridas realizações daquela editôra para alegria da infância.

● CARNE DA MINHA CARNE

Numa narrativa cheia de profundo sentido humano, originário de uma experiência pessoal que transmite ao livro intensa dramaticidade, uma jovem e simples mulher — mulher e mãe — nos fala do seu amor, do seu casamento, dos filhos que teve, da tragédia da sua viuvez e finalmente dos sofrimentos causados pela "carne da sua carne". A autora, Helen Grace Carlisle, passou miséria, viveu na comunhão dos infortunados, ocupou humildes empregos, sentiu as amarguras da existência; e por isso mesmo esta, pela sua pena, é retratada com verdade e emoção. Brotado, assim de fatos vívidos, o presente livro possui extraordinária unidade e sua fôrça subjuga o leitor.

"Carne da Minha Carne" é uma dessas histórias em que o escritor penetra tão a fundo na vida, que esta se revela em múltiplos e desconhecidos aspectos. Através do vigor da expressão, do colorido dos sentimentos, do agudo exame das situações, tem o dom de convencer e comover. Atingindo uma notável riqueza psicológica, esta obra avulta, todavia, pela extrema simplicidade. E', em suma, a história do coração de uma mulher. "Coleção Nobel", da Editôra Globo.

● VELHO SÃO PAULO

A iconografia antiga paulistana, séculos XVII, XVIII, XIX. As mais velhas plantas de S. Paulo. A fundação de S. Paulo e o Colégio Jesuítico. A antiga Sé Catedral de S. Paulo; O Paço municipal. E' a síntese de "Velho São Paulo", volume I, de Afonso de E. Taunay, valiosa contribuição da Cia. Melhoramentos de S. Paulo às comemorações quadricentenárias de 25 de janeiro de 1954.

Em páginas amplas, de papel magnífico, texto primorosamente impresso, com ilustrações da mais alta qualidade artística e histórica, êste livro-álbum "Velho São Paulo" é uma evocação meritória, indispensável a quem deseje penetrar o próprio espírito da formação bandeirante.

● CASA DIVIDIDA

A trilogia sôbre a China, que Pearl S. Buck iniciou com "A Boa Terra" e continuou com "Os Filhos de Wang Lung", é completada por êste volume: "Casa Dividida". A grande escritora norte-americana, que nos deu também "O Patriota" e "Pavilhão de Mulheres", viu os três tipos mais representativos da China — o camponês, o guerreiro e a moderna juventude educada à ocidental. Cada um por sua vez é focado em um dêsses romances. A primeira geração da casa de Wang empregou as suas fôrças no solo; a segunda, nos campos de batalha; e a terceira, representada pelo jovem Yuan, trabalha no soerguimento social e cultural de uma nação.

Comunicando ao entrecho do romance um palpitante fascínio, a autora apresenta ao mesmo tempo o drama político e filosófico do mundo moderno. Êste drama é representado de maneira ciclópica na China, país onde se travam terríveis entrechoques de ideologias, interêsses, de concepções da vida, do homem e da sociedade. Pode dizer-se que os pródromos da moderna revolução chinesa foram retraçados até as suas mais profundas raízes nas páginas de "Casa Dividida". E raras vêzes se terá lido, como neste livro, um drama social tão complexo e retratado com tal simplicidade na existência particular de uma criatura. "Casa Dividida" acaba de aparecer em belo volume da Editôra Globo, numa fiel e brilhante tradução do escritor Antônio Acauã.



AS MEMÓRIAS DE JOÃO ALBERTO



A história de nossas revoluções começa a ser praticada. Ainda agora Rosalina Coelho Lisboa Larragoiti publica êsse monumental romance que é «Seara de Caim». Ainda agora se comentava a próxima edição das memórias do Ministro João Alberto que, desde que foram anunciadas, vêm despertando o maior interêsse. No clichê, João Alberto em um «portrait-charge» de Jarbas Andréa.

UM LIVRO:

"RETALHOS DA VIDA DE UM MÉDICO"

ESTE livro de Fernando Namora — que o autor nos manda de Portugal — já aparece em terceira edição ampliada, em excelente obra gráfica, ornado de belas ilustrações de Manuel Ribeiro de Pavia. Basta-nos isso para demonstração da qualidade da obra do consagrado escritor luso, cujo renome há tempo atravessou o Atlântico, tornando-o um autor dos mais prezados também entre nós.

"Retalhos da vida de um Médico" — é apresentada pela Editorial Inquérito, de Lisboa. Livro de memórias? Livro de fantasia? De qualquer forma, estas páginas nos impressionam pela sua naturalidade, por seu realismo, pela prosa aliciante em que estão vazadas, mostrando a fôrça do poeta e romancista de tão alta significação nas letras portuguêsas. Não negaremos que exista aqui uma experiência pessoal, de médico, lastreando êstes "sketches" traçados com mão de mestre. Mas a humanidade de Fernando Namora é tão profunda, tão marcada de traços típicos e tão bem estruturados, que ficamos indecisos em constatar a realidade: sentimo-nos em presença do ficcionista, porque só a arte é capaz dêsses milagres de realidade. Entretanto, essa arte ganha ainda mais em nos colocar no plano real, de tal forma ela situa seus personagens e seus cenários tão próximos de nós, tão afins com essa humanidade mais humana, que nos sentimos certos de sua verdade experimental, digamos naturalista, para recordar os velhos mestres, sem por um momento se permitir o caricatural que vincaria de anedótico êste friso de acontecimentos dramáticos e grotescos — de um grotesco à Goya — como um álbum de águas-fortes. Outra qualidade do livro de Fernando Namora, situado, por um crítico como João Gaspar Simões, a par de Miguel Torga e de Aquilino — é a grandeza de sua paisagem portuguêsa. E' possível que a crítica oficial lhe censure uma certa ausência de pitoresco, como já lhe repararam, ao romance, mais sentido de ironia. Namora, entretanto, com extremado bom gôsto, evita na paisagística, todo exagêro de colorido, despreza êsse barato efeito de tecnicolor de cinema e pinta as suas manchas com segurança e beleza. Com isso, junta-lhes extraordinário sabor, também evitando todo sentimentalismo "deplacé". Atinge de fato o seu objetivo, dando à narração de presente indicativo uma extraordinária secura, realmente "médica". Efeito literário ou projeção de realidade? Qualquer que seja o caso, vemos neste "Retalhos da Vida de um Médico", um grande e sentido livro, cheio de verdadeira emoção humana, trabalhado em uma prosa de exceção.

Edmundo Lys





Numa porfia de beleza e graça teve início o desfile das senhoritas "estreantes", entre sorrisos, palmas e flores.









Flagrante parcial da mesa quando a Sra. Zenóbio da Costa fazia entrega do diploma a uma das estreantes. À direita, a senhorita Heloísa Wolski Gonçalves pronunciando seu discurso.

O BAILE DA RECONCILIAÇÃO

NO CLUBE MILITAR — AS "ESTREANTES" LANÇAM AS BASES DUMA VIDA NOVA

AS últimas eleições do Clube Militar demonstraram, à saciedade, o nível cultural do escol de nossas Fôrças Armadas. Quando a situação parecia periclitante, eis que o Exército dá uma afirmação de harmonia, através do veredicto das urnas democráticas. Às perspectivas da discórdia sucederam as benquerenças da paz. O gesto do general Estilac Leal acatando, com fidalguia, a vitória da Cruzada Democrática foi o epílogo agradável daquela memorável campanha eleitoral.

Com a posse da nova Diretoria do Clube Militar realizou aquela tradicional instituição a sua bonita festa de reconciliação. Era a classe tôda unida que, assim, se estreitava ainda mais, apagando resquícios de mágoas. E a alegria se misturava com a delícia das taças brindando os abraços dos militares. Mas a parte mais encantadora e mais sugestiva daquela festa foi, sem dúvida, o baile das quinze primaveras. Um punhado de "brotinhos", cheios do viço da adolescência, deram à festa do Clube Militar o enlêvo sutil da beleza. Por isto o Clube se transformou num doce oásis da pátria onde, por momento, a formosura e graça das meninas-moças foram os dourados prenúncios das gerações futuras. Risos, palmas e flores cobriram o desfile das encantadoras huris, as estreantes Ana Bentes, Arleia

(Cont. na pág. 49)





Aspectos da assistência durante a cerimônia da entrega dos diplomas e mimos às lindas debutantes. O desfile que logo se seguiu, entusiasmou a seleta platéia.



Nestas fotos podemos admirar a distinção das graciosas estreantes quando aguardavam o momento do



Márcia Nunes de Sousa



Zailda Maria Costa de Alencar



Teresinha Tricarico Pôrto



Completando as fotos de cima, também estas apresentam outro conjunto igual

desfile. O sorriso, estampado em suas fisionomias, é a expressão mais delicada de seus espíritos radiantes.





Sílvia Maria Homem de Almeida



Zélia Lúcia Pinto de Campos



Marli Imenes



ao já mencionado, nos quais observamos, ainda, a beleza dos vestidos brancos.

ÚLTIMO

Flash



Flagrante apanhado a bordo do porta-aviões "Oriskany" durante a recente visita das autoridades brasileiras àquela belonave: o sr. Horácio Láfer enverga um moderno colête salva-vida. Dir-se-ia que, com êle, o Ministro da Fazenda, sorridente, enfrenta a hipótese dum mergulho, por mais turvas que sejam as águas. Restaria saber se o colête protege contra os tubarões... barnabés.

MÓVEIS E DECORAÇÕES



Projeto e execução da CASA NUNES

MÓVEIS AVULSOS

TAPÊTES E PASSADEIRAS

agora, a PREÇOS DE ARRASAR!

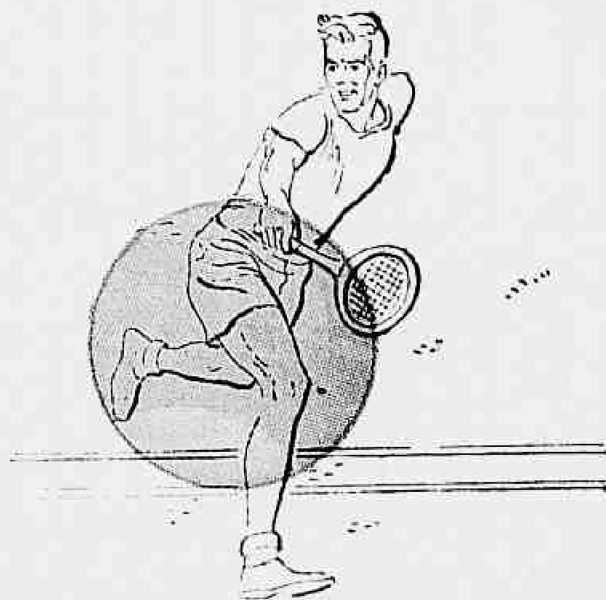
GRUPOS ESTOFADOS

especialidade de nossas oficinas



65, rua da CARIOCA, 67 - RIO

sua recompensa... e nosso orgulho!





Tenis... amigos que se reunem em amável competição esportiva... elegante pretexto para apreciar as coisas boas da vida, como Hollywood - o cigarro tradicional da sociedade brasileira...

cigarros Hollywood

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ

88.144